UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

SERGIO MARINHO DE CARVALHO

A PSICANÁLISE E O DISCURSO DA CIÊNCIA

SÃO PAULO

2011

SERGIO MARINHO DE CARVALHO

A PSICANÁLISE E O DISCURSO DA CIÊNCIA

TESE APRESENTADA AO INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO COMO REQUISITO
PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE DOUTOR EM
PSICOLOGIA

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PSICOLOGIA SOCIAL

ORIENTADOR: PROF. DR. NELSON DA SILVA JUNIOR

SÃO PAULO

2011

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Carvalho, Sergio Marinho de.

A psicanálise e o discurso da ciência / Sergio Marinho de Carvalho; orientador Nelson da Silva Junior. -- São Paulo, 2011.

183 f.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicanálise 2. Lacan, Jacques, 1901-1981 3. Ciência 4. Capitalismo
5. Constituição do sujeito I. Título.

RC504

Carvalho, Sergio Marinho de
A psicanálise e o discurso da ciência

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Doutor em Psicologia

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

À Flávia,
minha companheira inseparável nessa aventura perigosa que é a vida.

“Amor, quantos caminhos até chegar a um beijo,
que solidão errante até tua companhia!”
(Pablo Neruda – “Amor, quantos caminhos até chegar a um beijo”)

“A minha luta é dura e regresso
com os olhos cansados
às vezes por ver
que a terra não muda,
mas ao entrar teu riso
sobe ao céu a procurar-me
e abre-me todas
as portas da vida.”
(Pablo Neruda – “O teu riso”)

Ao Alessandro,
meu filho, meu futuro; um amor sem tamanho!

“Quando a vida enfim me quiser levar
Pelo tanto que me deu
Sentir-lhe a barba me roçar
No derradeiro beijo seu”
(Vinicius de Moraes – “O filho que eu quero ter”)

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Nelson da Silva Jr., orientador desta tese, com quem tive a honra de compartilhar inúmeros trabalhos ao longo desses últimos quatro anos. Professor admirável, intelectual consistente, interlocutor democrático. Quatro anos de convivência acadêmica extremamente fértil.

Aos Profs. Drs. Miriam Debieux Rosa e Christian Ingo Lenz Dunker, que, através de sugestões feitas durante o exame de qualificação, permitiram que este trabalho seguisse um rumo mais preciso e consistente. Qualquer fracasso nesse sentido, contudo, é evidentemente de minha inteira responsabilidade.

Ao Prof. Dr. Luiz Carlos Nogueira (*in memoriam*), que considero o primeiro orientador deste trabalho. Uma pessoa generosa, que deixou muitas saudades.

Aos colegas do grupo “Marcas Corporais”, coordenado pelo Prof. Dr. Nelson da Silva Jr., que sempre me ajudaram, com sugestões, críticas – sempre apropriadas e honestas – e com incentivos, a finalizar este trabalho. Faço questão de nomeá-los em suas singularidades: Gláucia Faria da Silva, Artur Rafael Theodoro, Maíra Mamud Godoi Mourão, Pedro Eduardo Silva Ambra, Tatiana Carvalho Assadi, Viviana Senra Venosa, Marcela Rezende Gea, Elisa Vieira, Luiz Eduardo de Vasconcelos Moreira, Marie Danielle Brulhart Donoso, Alessandra Sapoznik, Patrícia Cabianca Gazire, Maurício Amaral de Almeida, Maria Vilela Nakazu, Raphael Gelas, Mayra Santos Temperine e Renata Penalva.

Aos colegas do Banco Central do Brasil, Walkiria Vives, Fany Nusbaum, Leonardo de Albuquerque Lima e Laura Lívia Calabi, que me incentivaram e suportaram o meu “mau humor” em momentos críticos da redação desta tese.

À minha analista, Angelina Harari, que escuta e cuida dos meus sofrimentos e sintomas, na medida e com a urgência que eles merecem.

À Flávia, esposa e companheira, ouvinte atenta, que teve muita paciência comigo nestes tempos e foi, em todos eles, a primeira leitora, e crítica, do que eu conseguia produzir.

Ao Alessandro, meu filho, que suportou minha “ausência” em momentos que precisei dedicar-me à redação desta tese.

RESUMO

CARVALHO, Sergio Marinho de. **A psicanálise e o discurso da ciência**. 2011. 183 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

O presente trabalho aborda a incompatibilidade radical entre o discurso analítico e os imperativos contemporâneos surgidos da difusão social do discurso da ciência. De fato, a “ciência” tornou-se uma forma explicativa dominante, atingindo até mesmo esferas cotidianas da existência humana. Trata-se de um bem-sucedido projeto, iniciado com a modernidade, que aliou concepções metodológicas inéditas, que dariam origem à ciência moderna, com as estruturas de um novo sistema de trocas comerciais, denominado, com Marx, de capitalismo. Essa junção moderna permitiu o surgimento do sujeito, conceito filosófico, posteriormente incorporado à psicanálise por Lacan. O sujeito tem íntima relação com a concepção de linguagem com a qual trabalha Lacan. Nela fica evidente que, enquanto houver linguagem, haverá sujeito. No entanto, nos tempos atuais, o avanço da ciência, em sua face utilitária, e do capitalismo, representa aquilo que Lacan denominou de “ideologia da supressão do sujeito”. Um verdadeiro ataque ao sujeito que se manifesta, então, na forma de sintoma. A psicanálise, de orientação lacaniana, dessa forma, só pode ser um discurso e uma *práxis* em conflito com a “ciência” e com o capitalismo. Ela só pode refutar tentativas como a da neuropsicanálise, que tentam retirar-lhe seu caráter de subversão. “Com a psicanálise se pode sair do capitalismo”, disse Lacan, e da ingerência autoritária da ciência. Não para propor um novo mundo, a psicanálise não serve para isso, mas como forma de sair dos imperativos superegoicos da organização atual da civilização, como aponta Éric Laurent.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. Lacan, Jacques, 1901-1981. Ciência. Capitalismo. Constituição do sujeito.

ABSTRACT

CARVALHO, Sergio Marinho de. **The psicanalysis and the science discourse**. 2011. 183 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

This thesis focuses on the sharp incompatibility between the psychoanalytical speech and the contemporaneous commands that came from the social diffusion of the discourse of science. As a matter of fact, “science” is considered a main explanation even for daily aspects of human existence. This has been a successful project started in modernity, which is responsible for modern science and its firsthand methodological conceptions and has established a new system of commercial dealing, which was called, with Marx, capitalism. This modern approach brought the philosophical concept of the subject, later introduced by Lacan into psychoanalysis. The subject is intimate with the idea of language, adopted by Lacan, which means that as long as language exists, there will be subject. On the other hand, both the utilitarianism and the capitalism faces of current science, represent what Lacan called “the ideology of the subject suppression”. This is a real attack to the subject, which appears as symptom. The lacanian psychoanalysis can only be a discourse and a *práxis* in conflict with this “science” and the capitalism. It is necessarily against studies like neuropsychanalysis, which intends to strip psychoanalysis off its subversive character. With psychoanalysis it’s possible to get out of both capitalism and authoritarianism of science, as Lacan said. So, it’s not a proposal of a new world, because that is not psychoanalysis purpose, but it is a way to evade superego imperatives of current civilization, as Eric Laurent said.

KEYWORDS: Psicanalysis. Lacan, Jacques, 1901-1981. Science. Capitalism. Subject constitution.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 A CIÊNCIA INVADE O COTIDIANO	17
1.1 A PRIMAZIA DO DISCURSO DA CIÊNCIA	19
1.2 CIÊNCIA E CAPITALISMO	21
1.3 A CIÊNCIA E O ENQUADRAMENTO DOS SINTOMAS	26
1.4 CIÊNCIA, CAPITALISMO E SUAS PRODUÇÕES PATOLÓGICAS	37
1.5 AS “NOVAS PATOLOGIAS” E O DISCURSO DA CIÊNCIA	39
2 NEUROPSICANÁLISE: UMA TENTATIVA DE “ASCENSÃO” SOCIAL DA PSICANÁLISE	50
2.1 OS ANTECEDENTES DAS NEUROCIÊNCIAS	51
2.2 AS NEUROCIÊNCIAS	56
2.3 NEUROPSICANÁLISE: PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES	60
2.4 AS CIÊNCIAS DO CÉREBRO E A NEUROPSICANÁLISE	65
2.5 O MÉTODO DA NEUROPSICANÁLISE	68
2.6 OS AFETOS E A NEUROPSICANÁLISE.....	78
3 O SABER PSICANALÍTICO.....	87
3.1 A QUESTÃO DO ESTATUTO DO SABER PSICANALÍTICO.....	87
3.2 FREUD E A BIOLOGIA	88
3.3 A PSICANÁLISE E A NEUROPSICANÁLISE: CRÍTICAS.....	93
3.4 AINDA A QUESTÃO DA EFICÁCIA	101
3.5 O PROJETO DA PSICANÁLISE	108
4 CIÊNCIA, CAPITALISMO E PSICANÁLISE.....	116
4.1 O SUJEITO POSSUI HISTÓRIA?	122
4.2 O SUJEITO DA PSICANÁLISE E O SUJEITO DA CIÊNCIA	124

4.2.1 A CIÊNCIA POSSUI UM SUJEITO?	125
4.3 A TEORIA DOS DISCURSOS	130
4.4 O DISCURSO DO MESTRE.....	135
4.5 O DISCURSO DA HISTÉRICA.....	140
4.6 O DISCURSO UNIVERSITÁRIO	142
4.7 O DISCURSO DO ANALISTA	144
4.8 O DISCURSO DO CAPITALISTA	148
4.9 O DISCURSO DA CIÊNCIA	162
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS OU O LUGAR DA PSICANÁLISE EM SEU TEMPO	165
REFERÊNCIAS.....	175

INTRODUÇÃO

Em nossos dias, no século XXI, nesse tempo que é, por muitos, chamado a contemporaneidade, notamos a insistência dos movimentos de uma determinada forma de conduzir a vida e interpretar o mundo no sentido mais amplo possível. Estamos nos referindo, evidentemente, a uma visão científica das coisas, cuja afirmação é recorrente, o que a fez difundir-se pelos mais diversos campos do saber e em nosso imaginário social.

De fato, pode-se mesmo afirmar que essa “forma de ver o mundo” obteve um sucesso considerável e nada, em nosso horizonte intelectual mais próximo, permite afirmar que esse quadro possa se alterar. As mínimas condições da existência são alvo do que se denominou, genericamente, “medicalização da vida”, com a criação de inúmeros quadros nosológicos a cada ano, ou de técnicas de “administração da vida”, cujo principal objetivo é evitar as contingências e as surpresas que nossa existência insiste, felizmente, em revelar. Acompanha, ainda, esse processo o da “medicalização do ensino”, com a proliferação, em especial no Brasil, de quadros de hiperatividade e déficit de atenção, devidamente absorvidos pelo saber farmacológico. A consequência disso é a desvalorização crescente das soluções pedagógicas ou educacionais, frente às soluções de caráter médico.

Esses aspectos, como tentaremos mostrar, provocam uma sobrecarga nas costas do indivíduo contemporâneo, que não consegue mais encontrar, no mundo, tantas referências interpretativas que lhe permitam a solução de seus problemas e de suas insatisfações. Outrossim, tentaremos demonstrar que esse processo é oriundo de um longo percurso que se iniciou com a Modernidade, período histórico que marcou a passagem da Idade Média, com seus valores erigidos, em grande medida, sobre o saber teológico, para a idade do empreendedorismo intelectual e mercantil e que viu o “surgimento” do que a filosofia denominou sujeito.

O sujeito, por sua vez, é um conceito filosófico, alçado à categoria fundamental da psicanálise por Jacques Lacan.¹ Veremos que o sujeito, cuja estrutura inicial foi dada por Descartes, é tão importante em seu ensino que Lacan refere-se a ele do seguinte modo: “o fim do meu ensino, pois bem, seria fazer psicanalistas à altura dessa função que se chama ‘sujeito’, porque se verifica que só a partir desse ponto de vista se enxerga bem aquilo de que se trata na psicanálise.”² Essa afirmação de princípio posicionará a psicanálise de orientação lacaniana em flagrante confronto com os valores de nossos tempos atuais.

O sujeito lacaniano, como veremos, é tributário do sujeito da ciência e ambos são tributários do *cogito* cartesiano. Há, contudo, uma diferença fundamental nesse percurso: enquanto a ciência, em seu projeto de saber, forclui o sujeito, como diz Lacan, a psicanálise o “toma em conta”. Ainda, aquele é um sujeito que provém da relação imediata com a estrutura da linguagem: “O sujeito é o que defino no sentido estrito como efeito do significante.”³ É esse sujeito, fruto da linguagem e do fato de que os seres humanos são “faladores”, que se tornará alvo do avanço da ciência, num processo que Lacan caracterizou como ideologia da supressão do sujeito, uma vez que, para a ciência, tal como estabelecida pela Modernidade, o sujeito não pode ser outra coisa senão um estorvo.

O sujeito também é um incômodo para o sistema econômico denominado por Marx capitalismo; isso por uma razão simples: ambos, capitalismo e ciência, são originários da mesma Modernidade e, na contemporaneidade, alcançaram, aparentemente, o sucesso de seus empreendimentos: tudo se tornou um valor (portanto, tudo é comparável a um valor de referência) e, com isso, o sujeito não encontra espaço para se manifestar, a não ser enquanto sintoma.

---

¹ “Que o sujeito tenha sobrevivido através da tradição filosófica, diz Lacan, é demonstrativo, se é que se pode dizer, de um verdadeiro insucesso do pensamento. Não estaria aí a razão para não se abandonar o termo ‘sujeito’, no momento em que se trata enfim de dar uma guinada em seu uso?” (LACAN, J. Meu ensino, sua natureza e seus fins. In: **Meu ensino**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006a. p. 100).

² LACAN, J. Lugar, origem e fim do meu ensino. In: **Meu ensino**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006b. p. 53.

³ Id., 2006a, p. 89.

Através desse ponto de vista, tentaremos mostrar que a psicanálise é um discurso que se estabeleceu, com Lacan, em franca oposição aos valores do capitalismo e da ciência ou, mais especificamente, da tecnociência, que pode ser entendida como o furor aplicativo de toda e qualquer consideração de ordem científica. A ciência, então, só será considerada pelo seu valor de uso!

Como bem coloca o biólogo francês Jacques Testart⁴:

Atualmente, não é possível fazer ciência independente. Hoje não existe mais a ciência, mas algo que chamo de tecnociência. Não existe mais a vontade gratuita de obter conhecimento. Toda pesquisa tem uma finalidade, que é buscar inovações. É uma experimentação permanente, alimentada pelo mercado, em nome do progresso.

Ao longo do trabalho, apontaremos ainda que esse progresso da tecnociência, inegável, aliás, também cativou a psicanálise, que não permaneceu imune à “tentação científica”. Nesse sentido, um novo campo, intitulado neuropsicanálise, pretende tornar real o desejo de Freud, de transformar a psicanálise em uma ciência da natureza. Seu projeto visa a estabelecer vínculos entre as descobertas neurocientíficas e os conceitos psicanalíticos, retirados, em geral, da obra freudiana. Assim, tentaremos mostrar que as descobertas da neuropsicanálise, no nosso ponto de vista, não conseguiram se estabelecer enquanto um novo campo, pois suas considerações aparentam ser mais uma tentativa de “aumento de *status*” da psicanálise, trazendo-a, “finalmente”, para o mundo da ciência. Em outras palavras, aquilo que a neuropsicanálise aponta como constatação, ou sugestão, de uma referência biológica para um conceito psicanalítico, como a repressão ou os afetos, não pode, na verdade, ser mais do que uma “aparência” disso.

---

⁴ TESTART, J. Para biólogo, busca pelo novo transpõe ética. **Jornal Folha de São Paulo**, 28 jan. 2001 (Entrevista), citado por TEIXEIRA, M. R. Uma ética do objeto: algumas consequências do discurso científico. In: **Vicissitudes do objeto**. Salvador: Ágalma Psicanálise Editora, 2005a. p. 277.

Já a neuropsicanálise enquanto projeto torna-se ainda mais problemática se sairmos do universo da teoria freudiana e nos deslocarmos para a psicanálise tal como entendida pelo projeto lacaniano, com o conceito de sujeito e os efeitos da linguagem sobre o ser desse sujeito, que existe porque o ser humano fala, ou seja, um sujeito que é cindido de toda a sua verdade, porque a linguagem não pode tudo dizer; um sujeito que não pode tudo dizer e que, por isso, deseja. “Com efeito, o pensamento inconsciente desencadeia-se porque o sujeito que ele supõe anda à procura do ser que lhe falta, aquele que se desloca indefinidamente no objecto perdido do desejo.”⁵

Assim, a psicanálise lacaniana, com ênfase nas questões suscitadas pelo fato inegável de que o homem é um “falasser”, não pode não se opor ao projeto científico e ao projeto de mercantilização sem freios da ordem capitalista atual. Mas de que maneira se esboça essa crítica?

A concepção lacaniana de ciência contrapõe-se ao ideal que dela faz a Modernidade em dois aspectos fundamentais: ela reintroduz o sujeito, mas não com a intenção de restituir-lhe o lugar de guardião metafísico da subjetividade. Como veremos, o sujeito, na teoria lacaniana, é vazio de qualquer conteúdo e não pode, portanto, ocupar o lugar de base de construção, de fundamento, do conhecimento, tal qual proposto por Descartes. Em segundo lugar, o determinismo proposto pela ciência moderna, segundo Lacan, é incompleto e falho, visto que a ciência moderna possui um postulado de que os eventos do universo dão-se segundo uma ordem determinada, imanente à própria estrutura desse universo e possível de ser pensada matematicamente, isto é, de que o real pode ser tratado, em sua plenitude, pelo simbólico. Para Lacan, esse real precisa ser interpretado; o que implica que o simbólico não é capaz de abarcá-lo totalmente. Em outras palavras, toda tentativa de formalização do real pelo simbólico gerará uma falha, que é o lugar da interpretação.

---

⁵ MARTINHO, J. Psicanálise e pós-modernismo. In: **Ditos**: conferências psicanalíticas. Lisboa: Fim de Século Edições Ltda., 1999a. p. 101.

O psicanalista português José Martinho alerta-nos, contudo, para a possibilidade de isso levar a um furor interpretativo do real:

A interpretação que poderíamos chamar genericamente de clássica é uma técnica de revelação do sentido do ser, que parte da definição da verdade como adequação entre a idéia e a coisa, o sujeito e o objecto do conhecimento, ou a coerência racional da matemática e a realidade empírico-experimental. Ora, com Nietzsche, Freud e Marx, esta correspondência entre verdade e realidade é radicalmente subvertida, aparecendo então o problema do intérprete. A partir daqui, a questão importante será *Quem interpreta?*⁶

O sujeito, sem dúvida, pois a ciência, em Lacan, o pressupõe.

Na psicanálise, o real é algo diverso dos sentidos propostos pelas ciências formais, experimentais e humanas, porque ela considera o sujeito em sua dimensão desejante. Nesse contexto, o real, tal como proposto pela psicanálise lacaniana, é um real de que o inconsciente dá testemunho e que se impõe no sintoma “até ao grito de angústia”.

Com a psicanálise lacaniana, então, não é possível um projeto como o da neuropsicanálise, isto é, não é possível uma conciliação com a tecnociência e o mercado, uma vez que o sujeito, nesses âmbitos, é alvo de uma ideologia que visa à sua supressão. Assim, é aqui que a psicanálise pode funcionar como “asilo do sujeito”, numa feliz expressão do psicanalista francês Jean-Luc Gaspard.⁷ Trata-se de permitir ao sujeito o trabalho de seu sintoma e sua identificação com ele. Para isso, a psicanálise deve operar através da teoria dos discursos proposta por Lacan, assunto ao qual dedicaremos o último capítulo.

⁶ MARTINHO, J. O real. In: **Ditos**: conferências psicanalíticas. Lisboa: Fim de Século Edições Ltda., 1999b. p. 105-106.

⁷ Comunicação verbal.

A CIÊNCIA INVADE O COTIDIANO

Não é preciso prestar muita atenção para constatarmos que vivemos em um mundo permeado pela tecnologia; novos aparelhos eletrônicos surgem a cada ano, na maioria das vezes, desnecessários para a condução adequada de nossas vidas e mais desnecessários ainda quando pensamos na condução de nossas vidas em direção a essa obrigação contemporânea chamada felicidade. Não obstante, sentimos, em geral, uma compulsão para tê-los ou, ao menos, para atualizar os que já possuímos.

Embora esse universo da tecnologia seja bastante conhecido, bem como suas consequências em nossas vidas, não nos debruçaremos sobre ele. O que nos interessa analisar mais de perto é outro tipo de tecnologia, igualmente presente em nossas vidas cotidianas. Digo outro tipo, mas, na verdade, trata-se do mesmo universo tecnológico; apenas nosso interesse voltar-se-á para aquelas ingerências tecnológicas mais sutis, talvez, ou, ao menos, menos comentadas no dia a dia das pessoas. O importante, contudo, é que esse contexto tecnológico provoca uma série de efeitos nas condições de existir no mundo contemporâneo ou, se preferirmos, essas condições não são sem efeitos.

Podemos dar alguns exemplos: o primeiro pode ser evidenciado pelas jovens mulheres que vão dar à luz os seus filhos. Ao contrário de outros tempos (não tão remotos), em que suas mães e avós eram referências fundamentais sobre a estruturação de conhecimentos acerca dos primeiros cuidados com os bebês, hoje as parturientes – que, por já não serem mais exclusivamente mães, exigem uma nomenclatura técnica – procuram referências no discurso de seus pediatras, ou seja, as referências perderam seu lugar doméstico e adquiriram uma conotação específica, própria do universo dos discursos técnicos.

Também técnica é a condução ideal da vida: planilhas para bem saber e administrar os gastos domésticos frente à renda obtida mês a mês (quando, antigamente, valia-se da máxima paterna de só gastar o que se ganha, o que, em geral, era bem-sucedido); modos adequados de conquista de parceiras ou parceiros (desde cursos oferecidos por especialistas a meras sugestões

que podem ser lidas em diversas revistas de divulgação); traçados de perfis, próprios para investimentos, aquisição de casa própria, namoros, viagens etc. (o que é importante é que você, sozinho, não é mais capaz de saber o que lhe interessa, isto é, a dimensão da tentativa, do risco, fica suprimida, a não ser se bem orientada por um especialista, a fim de minimizar as consequências “negativas”).

Essa inundação de tecnologia em todos os aspectos da vida das pessoas traz um problema: elas não conseguem mais agir sem a intervenção de um saber especialista. Há sempre a possibilidade de entender isso como um avanço, sendo melhor nos regarmos por dizeres especialistas, que são, afinal, oriundos de muito estudo (que, evidentemente, não possuímos, pois o saber, hoje, adquiriu extrema complexidade) ou mesmo de provas científicas.

No entanto, deixemos isso claro de imediato, essa não é a nossa posição. Entendemos que o avanço dos saberes tecnológicos possui um caráter nocivo, qual seja, o de desinvestir os saberes construídos a partir dos processos de identificação (parentais). Outra consequência disso é a desresponsabilização do indivíduo frente às suas ações, na medida em que, afinal, não se pode ser especialista em tudo. Em suma, há nesse processo uma clara linha em direção ao que Lacan denomina ideologia da supressão do sujeito.

1.1 A PRIMAZIA DO DISCURSO DA CIÊNCIA

Para Lacan, nascemos em um mundo de linguagem. Isso significa que a linguagem é preexistente: muito antes de um bebê nascer, seu lugar já foi estabelecido no universo linguístico de seus pais; quando nasce, um bebê, diz Lacan, é apenas uma libra de carne, podendo pelo discurso da mãe ascender a um lugar de sujeito. Para que isso ocorra, a mãe deve

enviar ao bebê significantes, dando aos seus choros, às suas dores, às suas expressões significações. O discurso da mãe, contudo, não é isolável do discurso social ao qual ela está inserida; assim, uma vez que o universo dos significantes provém da linguagem, que é um conjunto aberto, apesar das infinitas possibilidades desta, o discurso social privilegia alguns que nos são particularmente determinantes.

Entendemos, ainda, que vivemos um momento histórico em que o discurso da ciência assumiu um lugar de primazia. Isso provoca, como mencionado, uma desvalorização de outros discursos sociais, como, por exemplo, os discursos provenientes das histórias familiares. Nesse sentido, não é mais incomum assistirmos, no nosso universo de relacionamentos próximos, à angústia das mães recentes frente às situações de dor de seus filhos. Essa angústia está situada no exato lugar de sua indecisão entre fazer-se herdeira das histórias familiares – e, assim, enxergar seu filho a partir delas – e denegá-las, procurando no mundo técnico dos especialistas as respostas para o sofrimento vivido por seus bebês.

Ora, esse deslocamento dos discursos provoca consequências e, para tentarmos compreender esse percurso, precisaremos abordar o papel que a ciência e a tecnologia ocupam no imaginário social contemporâneo. Saliente-se, desde já, que entendemos que nem sempre o imaginário a respeito do que são a ciência e a tecnologia de fato corresponde ao que elas são. Com isso, desejamos dizer que há um discurso da ciência, nela calcado, evidentemente, mas que não se confunde, por outro lado, totalmente com ela. Essa questão é de suma importância, pois permitirá pensar em algum tipo de intervenção no contexto social, como veremos mais à frente, ainda que de forma bastante precária.

Para prosseguirmos em nossa análise, precisaremos, contudo, abordar as características do discurso da ciência, ou melhor, “as consequências dos implícitos que carrega com ela no social e que este não cessa de esposar cegamente.”⁸ De fato, os avanços tecnológicos das

---

⁸ LEBRUN, J-P. **Um mundo sem limite**: ensaio para uma clínica psicanalítica do social. Tradução de Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004. p. 51.

últimas décadas redundaram numa série de aparelhos que dominaram o exercício de nossa existência cotidiana; computadores, telefones celulares, *internet*, MP3 etc. são exemplos atuais da penetração da tecnologia nos espaços cotidianos e relacionais de nossa existência.

Essa tecnologia, embora represente uma nítida ingerência nas formas de relacionamento atuais – o que não é sem consequências –, não é, como dissemos, o objeto mais importante de nossa análise nesse momento. Aquilo a que pretendemos nos referir quando mencionamos a expressão ‘discurso da ciência’ diz respeito à tecnologia relacionada e aplicada às chamadas ciências biológicas. É esse discurso, que inundou o imaginário social nas últimas décadas, que nos parece trazer os efeitos mais graves para a compreensão que o homem possui de si mesmo.

1.2 CIÊNCIA E CAPITALISMO

Falamos, anteriormente, sobre o processo de supressão do sujeito; precisamos, agora, compreender melhor o que isso significa.

Se podemos falar em processo de supressão do sujeito, evidentemente entendemos que já houve um processo de subjetivação. De fato, a concepção lacaniana de sujeito remete a um período histórico preciso: o da Modernidade; é esse processo histórico, com o triunfo do capitalismo e a facilidade com que o discurso da ciência penetrou as esferas mais amplas do corpo social contemporâneo, que parece estar chegando aos seus estertores e, com ele, parece estarmos assistindo ao fim do sujeito. Ainda, apesar de na contemporaneidade, como dizem muitos, estarem emergindo “novos sintomas” – efeitos, justamente, dos impasses do sucesso do

capitalismo e da ciência –, com o nascimento de novas modalidades de gozo, parece-nos improvável que esse processo permita a geração de um novo sujeito.⁹

Nesse sentido, esse processo caminha, de maneira bastante adequada, com o desenvolvimento da ciência, que tem seguido o seu rumo, sem a necessidade de qualquer fundamentação subjetiva. Saliente-se, neste momento, que esse processo também é algo novo; dizemos isso porque a fundação da Modernidade ocorreu através de alguns filósofos que construíram suas concepções de ciência em cima da ideia de sujeito.¹⁰ A concepção de uma ciência sem sujeito, portanto, é consequência de um processo, que tentaremos explicitar na sequência deste trabalho.

Paralelamente à ciência, o capitalismo, como forma de organização social e de produção de bens, segue, sem qualquer perspectiva de contraposição, a direção do consumo sem freios, o que parece indicar que a Modernidade beira o seu fim, como indicam certos autores, que caracterizam nosso tempo como pós-moderno ou hipermoderno, como quer Lipovetsky.

Esse processo aponta para uma contradição clara, na medida em que o sistema capitalista assiste, de um lado, a uma degradação crescente dos laços sociais (ao menos pelos parâmetros postos pelos valores da Modernidade) e, de outro, à prosperidade de uma ideologia da globalização, que tem a pretensão de marcar uma evolução irreversível rumo à coesão entre os países – com a queda de todos os tipos de barreiras, sejam comerciais, sejam de circulação de pessoas etc. –, entre as instituições – através do estabelecimento de regras convergentes e

---

⁹ É bastante comum lermos textos que sugerem que a Pós-modernidade, ou a Hipermodernidade, provocou o surgimento de novas formas de subjetivação. Do ponto de vista da teoria lacaniana, contudo, o sujeito é fruto da linguagem e apresenta, portanto, características estruturais. Nesse contexto, a ideia de que a contemporaneidade provoca o surgimento de novos sujeitos não faz muito sentido; ao contrário, ao que tudo indica, o que presenciamos é uma derrocada do sujeito, restando em seu lugar subjetivações, que são efeitos – meros efeitos – de novas formas de gozo, ou seja, modos individuais – mas não subjetivos – de lidar com as formas de gozo impostas pela contemporaneidade. Elas, ao que parece, não exigem uma concepção inédita de sujeito, uma espécie de sujeito da contemporaneidade, como aconteceu com o sujeito da Modernidade.

¹⁰ Referimo-nos ao próprio Descartes, a Kant ou a Husserl.

consensuais¹¹ – e mesmo entre as pessoas. Desse paradoxo, temos como produtos mais evidentes o surgimento das chamadas novas patologias, no nível individual, e a exacerbação de conflitos étnicos e sociais, principalmente nos países que sustentam a ideologia da globalização com a força de seus poderes econômicos.

Cabe, nesse momento, esclarecer que há uma relação íntima entre a ciência e o capitalismo. Essas duas instâncias – um saber construído a partir da Filosofia das Luzes e um sistema social e econômico que substituiu as antigas relações medievais – são os frutos da Modernidade e constituem uma só identidade. Antes de chegarmos a esse ponto, contudo, precisamos caminhar pelo percurso da ciência, em especial o das ciências biológicas (que, aparentemente, relativizou o paradigma antes representado pela física), para compreendermos como esse processo ocorreu e de que forma ele possui íntima relação com a ascendência do modo capitalista de produção.

“O triunfo da ciência natural sobre o pensamento crítico da sociedade e sua entronização como a ciência não é obra do acaso. Isso porque a ciência natural moderna e a ordem social capitalista dominante têm uma origem histórica comum”, diz Kurz.¹² Nesse sentido, a ciência e o capitalismo surgiram juntos e caracterizaram a Modernidade como uma época com valores que se contrapunham, em grande medida, aos valores de épocas que lhe antecederam. Para Kurz, contudo, dentro do espectro das ciências, uma em particular, a chamada ciência biológica, estava destinada a ocupar um lugar especial; assim, o que vemos hoje é, justamente, uma prevalência de seu modelo de fazer ciência, que provoca efeitos importantes no imaginário social, entendido aqui em sentido bastante amplo.

Para o autor, essa prevalência das ciências naturais como modelo de ciência tem sua razão de ser no desenvolvimento do sistema capitalista, na medida em que elas forneceram o

---

¹¹ Acompanhe-se o recente processo, fruto da mais grave crise econômica pós-1929, de se tentar a formatação de regras únicas de fiscalização do sistema financeiro. Diga-se que, até o presente momento, tal projeto não logrou êxito.

¹² KURZ, R. O homem reduzido. **Folha de São Paulo**, 3 out. 1999.

paradigma de uma “objetividade sem sujeito”, a qual permitiu ao capitalismo atingir seu estágio atual de transformação de qualquer coisa em produto intercambiável, com preços bem definíveis no mercado. Além disso, haveria uma semelhança de métodos: tanto na economia política capitalista quanto nas ciências naturais, os métodos de trabalho fundar-se-iam nos conceitos de funcionalismo e reducionismo.

A grosso modo, a ideia de funcionalismo, para Kurz, representa uma ênfase no “modo de funcionar” e uma desconsideração pelos “sentidos de fundo” dos processos analisados, tanto em um campo, quanto no outro. Ao fazer isso, ambos tenderiam a naturalizar, isto é, a considerar como dados próprios da “natureza como ela é” aquilo que, de outro lado, possuiria influências de outras ordens, como, por exemplo, para não irmos muito longe, os dados culturais. Ambos, ainda, apresentariam em suas formas e métodos uma ideia radical de reducionismo, entendendo que a complexidade do mundo e dos objetos “pode, sempre, ser reduzida a combinações de objetos e formas de ordem inferior”¹³. O problema, no entanto, é desconsiderar que toda cultura, em sua época, tende a naturalizar sua existência cotidiana, isto é, as relações entre as pessoas, as descobertas, as formas de enxergar o mundo e seus fenômenos são vividas como “sendo assim”, o que provoca uma falsa impressão de que as coisas e objetos do mundo são, de fato, naturais e, dessa forma, não sofrem a interveniência de outros fatores que resumimos como culturais.¹⁴

Essa relação entre o capitalismo e a ciência não é exclusiva de Kurz; o filósofo Gilles-Gaston Granger, por exemplo, também a faz, ainda que a partir de um ponto de partida diverso. Na *Introdução* que escreveu para o volume *Descartes*, da coleção *Os Pensadores*, ele manifesta a profunda alteração ideológica provocada pela filosofia cartesiana. Diz ele: “O que conta é a

---

¹³ KURZ, op. cit.

¹⁴ Ver, a esse respeito, o excelente artigo de Marcus do Rio Teixeira intitulado *Uma ética do objeto: algumas consequências do discurso científico*, integrante do livro *Vicissitudes do objeto*.

introdução, em seu sistema, de elementos que vão objetivamente no sentido de uma idéia nova do homem e da natureza. [...] Existe realmente, neste sentido, uma *ideologia* cartesiana.”¹⁵

Essa ideologia seria representada por três aspectos: o primeiro seria a *laicização* do saber, isto é, a retirada do fundamento do conhecimento das tradições representadas pela fé católica – “Tal deslocamento do centro de gravidade do pensamento concorda manifestamente com a substituição, por relações de troca em uma sociedade capitalista, das relações de evangelização e comunhão numa sociedade de tipo medieval.”¹⁶ –; o segundo seria a ideia de *causalidade*, que proclama a soberania do homem sobre as potências da natureza, e, finalmente, a ideia de *empresa*.

Ainda, para Granger, a filosofia cartesiana propugna uma ideia de organização nova do mundo, em torno do domínio da natureza e de sua integração “*em um universo de máquinas*”. Evidentemente, o autor chama a atenção para o fato de que a *empresa* propugnada por Descartes não poderia ser confundida com “uma ideologia da empresa infletida no sentido da procura do lucro e da mecanização rude das relações entre os homens com o mundo”.¹⁷ Entretanto, diz ele, as ideias de Descartes, mesmo mal compreendidas, adquiriram importância fundamental nos séculos subsequentes.

Portanto, a ideia de profunda relação entre os projetos científicos – cuja origem, na Modernidade e como ressalta Lacan, reside fundamentalmente no *cogito* cartesiano – e o empreendedorismo capitalista aparenta estar bem estabelecida. Além disso, essas duas maneiras de se relacionar com o mundo, desenvolvidas ao longo dos últimos séculos, permitiram que se construísse a predominância efetiva de dois discursos correlatos: os discursos da ciência e do capitalismo.

---

¹⁵ GRANGER, G-G. Introdução. In: **Descartes**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 5-24. (Coleção ‘Os Pensadores’). p. 21.

¹⁶ Ibid., p. 21.

¹⁷ Ibid., p. 21.

1.3 A CIÊNCIA E O ENQUADRAMENTO DOS SINTOMAS

Do ponto de vista da ciência, esse processo permitiu teorizar, pesquisar e transformar aspectos complexos – como as origens e razões das interações sociais, a construção da consciência de si, a formação da cultura – em processos que culminam, hoje, com explicações que os remetem à neurobiologia do cérebro ou aos genes.¹⁸

Esses acontecimentos todos geraram, entre inúmeros outros efeitos, aquilo que muitos chamam “medicalização da vida”, isto é, a difusão social, mediante o discurso da ciência, de que os problemas habituais da existência humana, que causam angústia, sofrimento, desamparo etc., são, na verdade, oriundos de disfunções bioquímicas perfeitamente corrigíveis por meio do devido diagnóstico e prescrição médica. Essa “coisificação” da existência humana, tal qual promovida pelas ciências biológicas, é concomitante à “coisificação” da existência humana, promovida pelo sistema capitalista.

“A hegemonia mundial da psiquiatria biológica”, diz Amaral de Aguiar¹⁹, “emerge como efeito das transformações no modo pelo qual o capitalismo mundial passa a constituir o *socius*, culminando nos modos de produção da realidade que predominam na chamada ‘era da globalização’.” Nesse contexto, o discurso da ciência solidifica-se e se estabelece como um discurso fundamental para a compreensão dos caracteres humanos, plenamente aliado à lógica do sistema capitalista. Vale ressaltar que ao falarmos de discursos (da ciência e do capitalista), evidentemente, estamos sugerindo, e aceitando, a hipótese de que há diferenças identificáveis entre o que se diz da ciência, em específico, da biologia, e as descobertas que essa ciência – e sua herdeira, a medicina – apresenta de efetivo.

---

¹⁸ Não é de se estranhar, portanto, que a psiquiatria dos tempos atuais procure refutar sua origem clínica e reforçar seus laços com a biologia.

¹⁹ AGUIAR, A. A. **A psiquiatria no divã (Entre as ciências da vida e a medicalização da existência)**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004. p. 16.

Muitos são os autores que apontam o limite entre uma coisa e outra. Citemos um exemplo:

A pouca sustentação teórica (da psiquiatria biológica) parece não oferecer nenhum obstáculo à sua promoção como discurso da verdade sobre os transtornos mentais. Ao contrário, o discurso da psiquiatria biológica parece funcionar perfeitamente através de hipóteses teóricas fragmentadas, em que cada identificação de uma correlação entre sintomas e processos biológicos, por mais insignificante que seja, é tomada como uma vitória parcial, que anuncia todas as outras que supostamente virão, encorpando assim a grande promessa: ‘um dia demonstraremos as causas biológicas da esquizofrenia, da depressão, etc’.²⁰

Essa frase de Aguiar é importante, justamente, para apontar que, no próprio campo da ciência biológica, há divergências conceituais bastante relevantes a respeito de seus métodos e suas conclusões. Têm-se, portanto, o que se fala da ciência e o que a ciência faz enquanto método e teoria, o que não torna menos eficaz e presente na cultura o discurso que dela se faz. Dessa forma, há uma ciência dos laboratórios – que segue o protocolo do método científico, testa hipóteses e não afirma a verdade absoluta de suas conclusões –, em perfeita congruência com as teorias do conhecimento de Popper, e uma ciência que se cria e se inventa a partir do próprio discurso da ciência.

Há inúmeros exemplos a respeito desse processo, sendo um dos casos mais emblemáticos, dada a sua atualidade e forte penetração social, o de uma medicação chamada Ritalina, que existe há mais de uma década e é utilizada para o tratamento de uma doença denominada Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Não obstante a existência dessa medicação, o diagnóstico referente ao TDAH aumentou bastante nos últimos tempos. “Como se declara uma epidemia de uma doença que já tem um remédio para curá-la?”, questiona Alfredo Jerusalinsky.²¹

---

²⁰ AGUIAR, op. cit., p. 12.

²¹ JERUSALINSKY, A. Gotinhas e comprimidos para crianças sem história. **Revista Textura**, ano 5, n. 5, 2005. p. 4.

Para ele, houve uma nítida inversão de acontecimentos: primeiro, constata-se a existência de uma substância que exerce certo efeito sobre um quadro comportamental específico; depois, “descobre-se” uma doença. Ora, isso indica que a doença descoberta e seu tratamento tiveram uma correlação forçada. “[...] Trata-se de uma mascarada dos que dizem que se comprovou que a Ritalina cura a TDAH quando, visivelmente, se demonstra o contrário: tudo indica que tal remédio é precisamente uma das causas de sua multiplicação.”²²

O que Jerusalinsky tenta demonstrar é que a epidemia de TDAH é consequência da difusão de um discurso calcado na concepção social de que a ciência é um saber privilegiado, por excelência, ou melhor, há uma crença generalizada na ciência que permite a propagação de um discurso que enuncia que o que dela provém é verdadeiro e definitivamente constatado. No caso dessa doença, diz o autor, “sob a forma de uma consequência social, a difusão de tal tipo de medicamento associado a uma coleção de signos diagnósticos inespecíficos e a uma propaganda que satisfaz a demanda de soluções rápidas, provoca o inusitado crescimento epidêmico da suposta doença.”²³

Muitos outros exemplos poderiam ser dados (a síndrome de Asperger, o autismo, a síndrome do pânico, a depressão etc.), mas o que é importante realçar é a inexistência – segundo critérios científicos mais rígidos, isto é, internos ao próprio modelo científico – de relações definitivamente comprovadas entre a biologia e os quadros mencionados. Na verdade, o que ocorre em todos esses quadros é uma difusão social de um discurso sobre a ciência, que respalda a crença geral de que as coisas desenvolvem-se dessa maneira. Essa crença e esse discurso fundamentam-se, de fato, em pesquisas realizadas por laboratórios e universidades, as quais, no entanto, em geral demonstram a existência de meras correlações entre variáveis

---

²² A questão, então, é a seguinte: constatou-se que crianças diagnosticadas como hiperativas reagem à substância Ritalina, reduzindo a sua atividade motora; logo, essa medicação é indicada para crianças nessas condições. Com isso, elimina-se o sentido, uma vez que não mais se procura, na história do sujeito, em seu desejo, em seu relacionamento com pais, professores e colegas, uma possível explicação para esse comportamento, pois isso seria anticientífico.

²³ JERUSALINSKY, op. cit., p. 5.

estudadas. Isso, por si só, não seria suficiente para afirmar que as relações propostas de fato existem.

Michel de Pracontal, em livro intitulado *A impostura científica em dez lições*, revela o poder do discurso da ciência na proliferação midiática de descobertas como o “gene da inteligência” ou o “gene da homossexualidade”. O que o autor demonstra é que as pesquisas que deram origem a essas afirmações são, na verdade, pesquisas em que se evidencia a correlação de algumas variáveis que, em hipótese alguma, permitiriam a extrapolação para a conclusão de existência dos referidos genes. Por exemplo: no caso da homossexualidade, a pesquisa realizada, que deu origem ao artigo *Uma ligação entre marcadores de DNA sobre o cromossomo X e a orientação sexual masculina*, em nenhum momento afirma a existência de tal gene, apenas aponta a existência de um marcador de DNA – numa região do cromossomo X, chamada Xq28 – concordante entre 30 pares de irmãos homossexuais, alvos da pesquisa.²⁴ Em suma, o autor indica que houve uma apropriação inadequada da mídia, que logo sugeriu a relação gene-homossexualidade, aceita, de forma não ingênua, pelo próprio cientista realizador da pesquisa.

O mesmo pode ser observado nas pesquisas realizadas sobre o “gene da inteligência”, cujo ápice ocorreu com o lançamento do livro *The bell curve*, alusão à forma gráfica da presumível distribuição do QI numa determinada população. A tese defendida nesse livro, segundo Pracontal, é a de que a população negra contribuiria para o rebaixamento do índice (QI) na população americana, pois as estatísticas apontariam uma diferença de 15 pontos entre brancos e negros. Aqui, o caráter nitidamente ideológico aponta para uma razão biológica para tal diferença, “ainda que desconhecida”.²⁵

Esses dois exemplos consolidam aquilo que tentamos afirmar a respeito dos efeitos sociais de um discurso da ciência, elaborado, em grande parte, com a anuência dos cientistas e

---

²⁴ PRACONTAL, M. *A impostura científica em dez lições*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 2004. p. 85.

²⁵ Ibid., p. 79-83.

que, não obstante, não se confunde com o que efetivamente a ciência é capaz de concluir. Contudo, há outro aspecto relevante nesse contexto: como aponta Jerusalinsky, esse discurso da eficiência da ciência encontra lugar na demanda social por soluções rápidas. De fato, nossa era é a da eficácia, da solução rápida dos problemas, em consonância com o tremendo avanço tecnológico que nos foi posto à disposição.

Esse discurso da eficiência e da rapidez provém, evidentemente, do sistema de produção capitalista, mais especificamente, da configuração e dos contornos que o capitalismo adquiriu em nossos dias, visto que o capitalismo global precisa ser rápido e exige soluções imediatas, pois, como afirmam seus teóricos, a competitividade é grande. Nesse sentido, para alcançar as melhores soluções – com eficiência e agilidade – é preciso pesquisar e obter, a partir daí, as melhores aplicações concretas; ainda, é preciso que as pesquisas tornem-se operacionais. Vemos aqui não só o que Kurz menciona a respeito da íntima implicação entre ciência e capitalismo, mas a transformação da ciência em aplicação tecnológica. Em outras palavras, as ciências de base não perdem por completo sua relevância, mas a ideologia da aplicabilidade tecnológica ganha mais espaço, inclusive no meio universitário, o que, não por acaso, resvala para uma desvalorização cada vez maior das chamadas ciências humanas, que se estruturam mais em função de seus caracteres analíticos e críticos do que por uma aplicabilidade funcional.

Ainda, a ciência que pode se tornar aplicável e operacional é aquela que pode se transformar em números; daí a propagação, bastante comum, da ideologia simplista de que, se medimos, fazemos ciência. Esse modelo prospera de tal modo que, hoje em dia, tudo necessita passar pela quantificação ou por avaliações, a fim de obter a respeitabilidade das mais diversas instituições públicas e sociais. Assim, é preciso avaliar e, portanto, desenvolver metodologias adequadas a cada campo de saber.

Esse fenômeno das avaliações – “um fenômeno essencial nos tempos atuais”, como diz Jacques-Alain Miller²⁶ – possui, por detrás, um objetivo claro, que é o de buscar o rigor científico. Trata-se de mais uma “mascarada”, pois, evidentemente, as duas coisas só podem se relacionar pela vertente do equívoco mais elementar. O que não impede, claro, que as avaliações sejam consideradas científicas, pois, como vimos, na contemporaneidade o que vale é a aparência de ciência. Entretanto,

[...] a avaliação não é uma ciência, mas uma arte de gerenciamento. Com o pretexto de que há medida, mede-se, escalona-se, conta-se, compara-se, etc., imagina-se que é científico. Isso não tem nada de científico e os melhores avaliadores, os mais inteligentes, que estão interessados no problema, sabem perfeitamente que não se trata de uma ciência. Não é porque há cálculo que há ciência.²⁷

O discurso da ciência, contudo, não se constrói exclusivamente pela sua “enunciação numérica”, visto que há casos em que ela não se aplica ou que ainda não foram desenvolvidos métodos, sempre desejáveis, para quantificar e demonstrar sua pertinência enquanto saber. Nesses casos, a ciência, para continuar a se afirmar como um discurso específico, faz apelo a figuras sociais especiais, denominadas e reconhecidas como especialistas. É uma forma de fazer crer que, indiretamente, os números estão envolvidos, pois será considerado especialista, tanto pelo meio acadêmico (cada vez mais implicado num processo de produção de artigos e publicações), quanto no meio social mais amplo, capitaneado pelas concepções propagadas pelas mídias em geral, aquele que “publicou muito”, isto é, que possui uma ampla “produção acadêmica” sobre o tema em questão. Trata-se, portanto, da convocação ao dizer do especialista.

Assim, se a “cultura da ciência” está presente nas mais diversas esferas de nosso mundo social, muito disso é consequência da especialização crescente dos saberes constituídos: se nos

²⁶ MILLER, J-A.; MILNER, J-C. **Você quer mesmo ser avaliado?** Entrevistas sobre uma máquina de impostura. Tradução de Vera L. Besset. Barueri: Manole, 2006. p. 2.

²⁷ Ibid., p. 16.

deparamos com processos eleitorais que impliquem certos impasses políticos ou até mesmo éticos, convoque-se “o especialista” em pesquisas eleitorais e o professor de ética na universidade; se precisamos orientar nossas crianças sobre como elas devem escovar seus dentes, melhor que elas sejam orientadas pelos dentistas, que, afinal, estudaram para isso.²⁸ Os exemplos que poderíamos citar são inúmeros e não cabe aqui uma lista exaustiva deles. O que desejamos salientar é que, se o especialista é convocado a falar, é porque possui um histórico de pesquisador (cada vez mais valorizado frente à “simples experiência profissional”) e isso lhe confere, no imaginário social contemporâneo, a qualidade de transformar qualquer enunciado em algo científico.

Claro, há aqui uma ironia, pois o discurso próprio à ciência deveria prescindir do sujeito da enunciação, visto que o critério de autoridade não se coaduna com a ciência; contudo, o equívoco social que há a respeito do que é ciência é tanto que os especialistas tornaram-se porta-vozes da própria ciência e do que ela “quer dizer”. Além disso, o fato de a ciência ter tornado o mundo, a natureza e o próprio homem em algo abordável por partes, as quais são complexas e incapazes de retornarem ao todo²⁹, explica o porquê de o fenômeno da especialização ser intrínseco à estrutura pela qual se construiu a ciência moderna.³⁰

A atração despertada por esse discurso é de tal ordem que chegamos a assistir a episódios inusitados; da mesma forma, é interessante perceber o quanto certos “saberes” contemporâneos buscam se apoiar na “racionalidade científica”, a fim de se fazerem mais

---

²⁸ Esse exemplo foi-me passado por uma colega dentista, segundo a qual os dentistas da rede pública são convocados a ir às escolas públicas, como parte de suas atividades, pois se entendeu que a atividade de escovar os dentes exigia “técnica” e que, portanto, não poderia ser realizada por alguém sem a “formação adequada”.

²⁹ As tentativas de reconstrução de um todo, a partir da segmentação provocada pela ciência, quase sempre caem num discurso próximo ao “místico”. Veja-se, por exemplo, as questões do campo da saúde, que frequentemente são mencionadas, numa tentativa de integração, como biopsicossociais. Ora, a própria expressão é marca definitiva da fragmentação dos saberes e da impossibilidade de uma totalização verdadeira.

³⁰ Isso nos coloca as questões de saber se é possível uma ciência que não seja a moderna e se essa ciência estabelecer-se-ia a partir de um sujeito ou não.

confiáveis frente à opinião pública. Até poderíamos dizer que, hoje em dia, todos os procedimentos e teorias aspiram à cientificidade.³¹

A psicanálise não ficou “imune” a esse processo: recordemos que o próprio Freud tentou elaborar um projeto nessa direção, de tentar fazer da psicanálise uma ciência, integrada às ciências naturais de sua época; o texto do famoso *Projeto para uma psicologia científica* inicia com a seguinte frase: “A intenção é prover uma psicologia que seja ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais ‘especificáveis’, tornando assim esses processos claros e livres de contradição.”³² O mesmo aconteceu com a filosofia: Husserl acreditou ter refundado a filosofia em bases mais sólidas e a denominou, então, “ciência do rigor”.³³

Esse fascínio pela ciência não passou despercebido por Heidegger, que, num texto de 1953, aponta a disseminação indiscriminada da ciência por todas as áreas e formas de organização da vida moderna: “[...] as ciências se encaixam, de maneira sempre mais decidida e ao mesmo tempo cada vez menos perceptível, em todas as formas da vida moderna: na indústria, na economia, no ensino, na política, na guerra, na comunicação e publicidade de todo tipo.”³⁴

Já no que diz respeito à educação, é fácil perceber o salto que se deu da antiga e “ultrapassada” relação mestre-discípulo para o paradigma científico. Qualquer escola, hoje, estrutura suas metodologias de ensino não somente nos conhecimentos pedagógicos tradicionais, mas em, por exemplo, descobertas das últimas pesquisas da neurociência. Não se

---

³¹ Até mesmo algumas religiões procuram sustentação a partir do discurso da ciência, como aparenta ser o caso da doutrina espírita.

³² FREUD, S. **Projeto para uma psicologia científica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1987a. 1v. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud). p. 315.

³³ Ver HUSSERL, E. **A filosofia como ciência de rigor**. 2. ed. Tradução de Albin Beau. Coimbra: Atlântida, 1965.

³⁴ HEIDEGGER, M. Ciência e pensamento do sentido. In: **Ensaio e conferências**. Tradução de Emmanuel C. Leão, Gilvan Fogel e Marcia S. C. Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008. p. 40.

diz, contudo, que essas pesquisas, não raras vezes, podem apresentar resultados totalmente contraditórios.

Em suma, os exemplos mencionados indicam que o discurso da ciência avançou, a passos largos, para domínios que, até tempos atrás, eram exclusivos das chamadas ciências humanas. Mas em sua própria morada também ocorreram modificações significativas, seja na direção de “mais ciência”; seja na direção de “menos especulações”. Para exemplificarmos o que estamos dizendo, recordemos um evento clássico da história da psicanálise e da psiquiatria: o quadro clínico da histeria, que continua sendo relevante no campo psicanalítico (ajudou, aliás, a fundar a psicanálise e foi elevado à condição de discurso, por Lacan) e o era no campo da psiquiatria.

No manual de psiquiatria intitulado *DSM-IV* (utilizado como referência internacional nesse campo), a histeria foi, como sabemos, abolida enquanto nosografia e estrutura autônomas. Os pesquisadores da área entenderam ser mais adequado substituir esse quadro, considerado muito vago e pouco operacional, por um quadro disperso e fragmentado, composto de sintomas, distúrbios ou comportamentos; assim, o diagnóstico da histeria, que era apresentado como difícil, foi substituído por fatores de mais fácil detecção e quantificação. Em resumo, a histeria era uma nosografia sem muita eficácia, cuja aplicação diagnóstica não possuía a clareza necessária a um saber que precisava se afirmar cada vez mais como científico, com o risco, inclusive, de ser abandonado por seu saber-mãe, a medicina, afinal, desde Freud, sabia-se que as histéricas eram fingidoras e mentirosas.³⁵

Faltava-lhe, destarte, a objetividade da ciência. Assim, era preciso evoluir, pois uma clínica que se pretende científica não pode abrir mão da objetividade, o que acontecia com a atenção que se dispensava às falas enganadoras das histéricas. Mas como fazer isso? Padronizando o saber em elementos comportamentais mais simples de identificação, de tal

---

³⁵ Lembremo-nos que Freud dedica alguns parágrafos do seu *Projeto para uma psicologia científica* à “primeira mentira (proton pseudos) histérica”. Ver FREUD, 1987a, p. 368-371.

modo a erigir um conhecimento o mais próximo possível do automatizável. A vantagem desse procedimento é permitir a construção de protocolos de atendimento e de terapêutica que sejam comuns ao maior número possível de profissionais. Com esses protocolos nas mãos, os profissionais do mundo todo podem dialogar, com a “certeza” de que estão falando da mesma coisa, o que realimenta as possibilidades de novas pesquisas, que, por sua vez, os aperfeiçoam cada vez mais.

Outra vantagem nada desprezível nessa lógica é que os protocolos comuns permitem a contagem, isto é, é possível contabilizar quantos comportamentos dessa ou daquela espécie apresentam tal ou qual grupo, em que localidades há maior presença de um determinado aspecto e assim por diante. Isso permite o avanço da ciência em seu objetivo de caracterizar cada vez melhor, e com mais precisão, os diversos sintomas de uma mesma doença. Com isso, é possível medicar melhor e os prognósticos de “cura” serão, evidentemente, melhores.

Esse diálogo *inter pares* apresenta mais uma qualidade: evita-se o diálogo com os pacientes presumivelmente histéricos, que, como dito, não são muito confiáveis – a medicina não chegaria ao ponto de afirmar que eles mentem deliberadamente a respeito de seus sintomas, mas os pacientes (assumimos esse lugar assim que chegamos a um hospital ou consultório médico) não apresentam condições de se expressar de forma objetiva. Assim, se há um protocolo a seguir, torna-se mais objetivo o procedimento para constatar, através de perguntas e respostas, o verdadeiro quadro clínico em questão. Elimina-se, assim, tudo aquilo que possa ser do âmbito da presença de um sujeito, que, na ordem médica, não pode ser outra coisa senão um embaraço, ou melhor, um verdadeiro estorvo.

A clínica psiquiátrica, então, transforma-se numa clínica “sem subjetividade”. Por ser um modelo que provém da ciência, a psiquiatria nunca tratou de qualquer coisa que pudesse se aproximar da ideia de sujeito, mas sua clínica permitia uma abertura subjetiva ao escutar, ainda que de forma bastante limitada, o que os pacientes falavam. Hodiernamente, ela se estruturou

em uma clínica dos comportamentos, das perturbações e das desordens – frente ao modelo estatístico previamente construído – e ganhou, com isso, a objetivação.

Esse modelo mostrou-se tão bem-sucedido que avançou para o vasto campo da psicologia, em que proliferam teorias e métodos, entre as quais destacam-se as Teorias Cognitivo-Comportamentais (TCCs), que, nas últimas décadas, assumiram um lugar privilegiado e não aparentam possuir competidores à altura para enfrentá-las em seu avanço no mundo da saúde e das empresas. Uma das principais razões para isso é o estabelecimento que fazem de uma relação profícua entre a ciência e o capitalismo, pois as TCCs, mais do que se ocuparem de um sujeito que fala – e que não sabe tudo o que diz –, ocupam-se de estabelecer procedimentos eficazes de alteração de comportamentos e pensamentos que possam ser disfuncionais frente às exigências da vida contemporânea.³⁶

Nesse sentido, na França, há algum tempo, foi publicado um relatório intitulado *Relatório Inserm* (Institut National de la Santé et de Recherche Médicale), que considera estar demonstrado que as TCCs apresentam resultados melhores na dissolução dos sintomas e são, portanto, mais eficazes do que as intituladas “terapias relacionais”, entre as quais, evidentemente, a psicanálise foi colocada.

Esse sucesso de teorias quantificáveis, protocoláveis e que propugnam uma resolução rápida dos sintomas segue a lógica do que Miller definiu como o “culto imbecil do número”, cuja ideologia subjacente é a de submeter todos os aspectos da existência humana a um processo de quantificação “furioso, fetichista e sem restos”, ou seja, a uma “cifragem do ser”, o ser em números e sem ex-sistência.

Por outro lado, o que podemos constatar é que, aparentemente de forma contraditória, o mal-estar na cultura alastra-se tanto individualmente quanto coletivamente. Para efeito de “tratamento” desse mal-estar, não é difícil constatar que ele se traduz num consumo

---

³⁶ Leia-se: a necessidade do consumo desenfreado, fundamental para sustentar um sistema de produção que não possui mais a capacidade de dar conta de todos os efeitos colaterais que provoca, e a capacidade de responder, com rapidez e eficiência, ao que lhe é demandado.

desenfreado de fármacos, na mesma medida, aliás, em que crescem os diagnósticos de doenças do comportamento, como a depressão, que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMC), será a “grande doença do século XXI”, ou seja, o triunfo da ciência e do capitalismo redundará na produção de seres cada vez mais ávidos por “drogas”.

Ainda sobre o assunto, o psicanalista Jorge Forbes anunciou em programa de televisão³⁷ que ouviu, durante um congresso internacional de psiquiatria, que se “despejassem quantidades consideráveis de antidepressivos nas represas das grandes cidades do mundo” como tentativa de minimizar os efeitos da depressão generalizada. Essa afirmação, feita em tom sério e com caráter de prescrição científica e médica, não foi questionada, segundo ele, pelo simples argumento de que se a depressão, hoje, atinge níveis inéditos, é porque há de se levar em consideração, para uma melhor análise da questão, fatores de ordem histórica e social.

Em suma, se a era antiga ficou conhecida, em certo momento, por tratar o povo à base de “pão e circo”, hoje poderíamos dizer que entramos numa era do “goze e consuma”.

1.4 CIÊNCIA, CAPITALISMO E SUAS PRODUÇÕES PATOLÓGICAS

Essa forte penetração do discurso da ciência encontra respaldo na sistemática capitalista contemporânea, que visa, como seu objetivo *princeps*, ao consumo desenfreado, isto é, à busca constante por novos produtos e à substituição permanente dos antigos. Nessa lógica, tudo, sem exceção, precisa ser passível de redução à dimensão das coisas intercambiáveis. Para tanto, elas precisam ser grafadas com as qualidades do “descartável” ou, no mínimo, de que são de uso provisório, pois o importante é que a economia consiga “girar”, como na famosa gíria de que o

---

³⁷ Trata-se de programa exibido pela TV Cultura, na série intitulada *Café Filosófico*.

capitalismo é “uma bicicleta que precisa ser pedalada eternamente; caso contrário ela caíra”, ou seja, entrará em colapso. Em resumo, no contexto desse modo de produção, não é absolutamente irrelevante que as coisas, todas elas, possam ser reduzidas a números. Afinal, é com números que podemos contar!

Portanto, não é surpreendente que essa sistemática de relacionamento com as coisas e os objetos do mundo atingisse, por fim, o relacionamento entre as pessoas e do indivíduo consigo mesmo. Assim, o relacionamento entre as pessoas passa a ser permeado por uma dimensão mais assumidamente transitória; não que não fosse antes, mas essa transitoriedade, que provocava mudanças nas relações, era, por outro lado, instada a resoluções que visassem a algo de permanência. Já com a transitoriedade assumida enquanto “fato”, as relações humanas parecem ter adquirido um caráter nitidamente instrumental.

“Uma vez que o paradigma do consumo estende-se ao campo das convicções”, diz Marcus do Rio Teixeira, “estas parecem haver perdido suas referências simbólicas para se tornarem inteiramente imaginárias.”³⁸ Essa condição incrementa o caráter instrumental dos objetos, não havendo como não atribuir esse fenômeno à mecânica de funcionamento do sistema econômico capitalista, como também à instrumentalidade própria do modelo científico.

Vivemos a época do “iluminismo do mercado”, numa feliz expressão desse autor. Entretanto, a grande falha dessa utopia do mercado é que o consumo e as relações que ela gera não conseguem, porque não permitem, a criação de novos laços sociais.

---

³⁸ TEIXEIRA, M. R. Objeto do desejo, objeto do gozo, objeto de consumo. In: **Vicissitudes do objeto**. Salvador: Ágalma Psicanálise Editora Ltda., 2005b. p. 173.

1.5 AS “NOVAS PATOLOGIAS” E O DISCURSO DA CIÊNCIA

É nesse contexto que podemos falar mais claramente de um termo bastante utilizado: as “patologias contemporâneas”. Guardamo-lo entre aspas, pois acreditamos que a novidade que ele traz refere-se muito mais à expressão dos sintomas ou à prevalência de uma determinada estrutura psíquica do que ao fato de que teriam surgido, com esse processo, novas estruturas psíquicas, uma vez que as estruturas – referimo-nos às estruturas da neurose, da psicose e da perversão, como teorizadas e trabalhadas na obra de Lacan –, por serem justamente estruturas, mantêm-se inalteráveis em sua lógica interna. De qualquer forma, as expressões contemporâneas das estruturas clínicas possuem, sem dúvida, novas faces, como, por exemplo, da drogadição, da depressão, do pânico, dos fenômenos de marcações corporais etc.

Embora díspares, com diversas faces, numa compreensão não psicanalítica, as “novas patologias” possuem certos mecanismos que permitem uma compreensão menos fragmentada desses fenômenos. Assim, se são sintomatologias específicas, por um lado, por outro parecem guardar algo que as atravessa de um extremo ao outro. De fato, nessas novas expressões sintomáticas, está implícito um fenômeno comum: a evitação da castração pelo sujeito.³⁹

Lebrun salienta, em perfeito acordo com o que já vínhamos afirmando, que a contemporaneidade é determinada pela substituição das ideologias antigas pela ideologia da tecnociência, isto é, nesse mundo em que, “[...] doravante, não há mais necessidade de projeto para sustentar a existência, nem de recurso ao mito para inventar o sentido, não há mais necessidade de reconhecer ao Terceiro seu lugar [...]”.⁴⁰

Com essas palavras, ele quer dizer que o mundo contemporâneo não valoriza mais a idealização: transformar o mundo, torná-lo algo diverso do que é, tentar compreender suas

---

³⁹ LEBRUN, op. cit., p. 131.

⁴⁰ Ibid., p. 132.

origens e seus pressupostos, enfim, tudo isso é valor de um passado não tão remoto e que não diz mais muita coisa, pois a contemporaneidade homogeneizou o princípio de que as “coisas são como são”, de que há uma prevalência do indivíduo sobre o todo, o que, em termos de uma versão liberal, poderia ser enunciado como “há um *direito ao gozo*”.⁴¹

Para o autor, não se trata exatamente de que não existem mais ideais, mas que o ideal adquiriu conotações negativas, isto é, o ideal que nos contempla a contemporaneidade é, ao contrário dos tempos em que a tradição ainda possuía alguma influência, não ter ideal algum: é ser, simplesmente, conforme aquilo que se apresenta.

A consequência principal desse fenômeno, como já apontado, é que o registro do simbólico perde a força. Nesse sentido, se antigamente, mesmo inseridos numa lógica capitalista (mas ainda não do chamado capitalismo “avançado”), o sofrimento humano era fruto das frustrações provocadas, inevitavelmente, pelo confronto entre os desejos pessoais e as marcas trazidas e construídas pelo registro do simbólico – ou seja, pelo fracasso do imaginário frente ao simbólico –, nos tempos atuais ele aparenta estar mais ligado à sua negação, isto é, à recusa em aceitar os limites que o simbólico impõe.

É interessante notar, então, que o sofrimento e as queixas dos indivíduos adquirem novas formas de manifestação, à maneira de falas mais próximas de uma lamúria, que Lebrun denomina lamento pela “falta de dons” perante a vida. Assim, se a vida contemporânea precisa ser uma “performance comportamental funcional” (há livros e livros que apontam critérios para saber se somos bons trabalhadores, bons pais, bons cidadãos etc.), é preciso adquirir os conhecimentos técnicos que permitirão obter algum êxito e ser, consequentemente, reconhecido. Na ausência deles, o indivíduo só pode “lamentar” sua falta de sorte ou de “dom”.

O principal efeito desse processo é a determinação de um deslocamento fundamental, da esfera social para a do indivíduo, pois a responsabilidade pelo fracasso e pelos eventuais

---

⁴¹ Que, como sabemos, com Lacan retorna ao sujeito na forma de um imperativo: Goza!

desajustes passa a ser atribuída, quase que exclusivamente, ao indivíduo e não mais à estrutura do mundo social: se os limites do simbólico são recusados, a culpa só pode recair sobre o indivíduo.

Ora, essa recusa do simbólico traz mais consequências:

O que, simultaneamente, ameaça ser progressivamente excluído são as categorias da incerteza e do risco – no entanto, mobilizadoras do desejo –, tanto quanto o tempo da espera, em proveito das da segurança e da imediatez sem limite, já que estas são abusiva e enganosamente prometidas pelos implícitos de nosso social.⁴²

Não se trata mais de promessas de ordem política – que também se tornou instrumental –, mas de promessas feitas, por exemplo, pelo discurso da ciência, as quais, juntamente àquelas do sistema capitalista (de que consumo = felicidade), criam e colocam os indivíduos em uma posição não de militantes, como provocavam os discursos políticos, mas de reivindicadores permanentes, porque, nessas lógicas, eles se tornam credores do que o capitalismo diz que vai propiciar e do que a ciência diz que vai trazer de felicidade com o avanço extraordinário das tecnologias e, conseqüentemente, cobradores de uma dívida. Dívida, evidentemente, impossível de ser quitada.

Ocupando esse lugar, o indivíduo também ganha algo importante: ele evita as consequências do fato de ser um sujeito que fala e que é determinado pela linguagem, isto é, de deparar-se com as dimensões do terceiro e da castração, postas pelo simbólico, sendo que, nesse contexto, poder-se-ia afirmar que o discurso da ciência ocuparia o lugar desse terceiro na sociedade contemporânea. Contudo, dentro dele, um sujeito assume-se em uma posição próxima da posição reivindicadora da histeria. Aliás, Lacan propõe que o discurso da ciência funciona na lógica próxima à do discurso da histeria: “por mais paradoxal que seja a asserção, a

---

⁴² LEBRUN, op. cit., p. 132.

ciência ganha impulso a partir do discurso da histórica”⁴³ ou ainda: “Mas, ao inscrever a ciência no registro do discurso histórico, dou a entender mais do que disse”.⁴⁴

Lacan não mantém a ciência o tempo todo nesse lugar, mas evidencia, de qualquer forma, que, frente a uma promessa de desenvolvimento ilimitado, na qual tudo é ou será possível, o indivíduo só pode cobrar uma dívida. No entanto, em nosso entendimento, a situação colocada pelo universo contemporâneo da ciência, mais precisamente aquela da tecnociência, altera radicalmente a maneira pela qual devemos compreender a dinâmica de inserção social.

O problema, a nosso ver, reside no fato de que o discurso da ciência, calcado intensamente nas questões de sua aplicabilidade e operacionalidade, faz desaparecer, de forma ainda mais radical, a dimensão da enunciação, aproximando-se muito da lógica do discurso do capitalista – claro, o desaparecimento da dimensão da enunciação é algo próprio da ciência, como Lacan aponta. Além disso, esse discurso é repleto de enunciados em que se ausentam as devidas enunciações.

Assim, a tentativa de estabelecimento – aliás bem-sucedida – de um projeto matemático para o conhecimento da natureza implica o fato de a ciência propor um simbólico, sem enunciação, para dar conta do real. Esse projeto, contudo, esquece o real de onde proveio e reposiciona um real que existiria para além de seu jogo de escrita. A partir de então, a ciência movimenta-se procurando coincidir com esse real sem enunciação, “esquecendo a intrincação da qual, no entanto, procede”, ou seja, esse movimento gera uma ciência que se crê autofundada, sem sujeito e sem enunciação; ela não pode, portanto, ocupar o lugar de um terceiro, pois ele foi excluído.⁴⁵

Como aponta Lebrun, esse aspecto da ciência assemelha-se ao funcionamento psíquico de uma mãe que possui referência a outro, salvaguardando, assim, o significante do Nome do

---

⁴³ LACAN, J. Radiofonia. In: **Outros escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Versão final de Angelina Harari e Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003a. p. 436.

⁴⁴ Ibid., p. 431.

⁴⁵ LEBRUN, op. cit., p. 61.

Pai, mas, ao mesmo tempo, não permitindo que ele intervenha do lugar que lhe é próprio. No caso do sujeito humano, a consequência disso, como sabemos, é a preservação da onipotência infantil. Já no caso da ciência, ela se estabelece, de forma igualmente onipotente, como uma forma de saber que se pretende única; trata-se do correlato do discurso único, referido às políticas econômicas neoliberais e pró-mercado, no campo da economia, que tem sido, atualmente, bastante contestado, mas não a ponto de gerar uma alternativa socioeconômica consistente. Ainda no caso da ciência, diz Lebrun, o pensamento único representado pelo saber da ciência é um prenúncio de totalitarismo.

Essa unidirecionalidade do discurso da ciência, em perfeito acordo com aquela do discurso capitalista, provoca, então, a emergência dos sintomas contemporâneos, por trás dos quais encontramos, como não poderia deixar de ser, uma crença no “tudo é possível” do sentimento de onipotência, altamente corroborado, como tentamos mostrar, pelos discursos dominantes.

Para tanto, destacamos a toxicomania como a construção de um bom exemplo dessa questão. Poucos analistas discordariam da afirmação de que a droga propicia ao viciado um tipo de gozo cujo papel é tentar tamponar a dor de existir, que é reforçada pelos discursos capitalista e da ciência, segundo os quais o existir humano adquire, cada vez mais e contra as suas promessas, um caráter de decepção.

Nesse sentido, aquilo que a vida permite e os encontros possibilitados pela existência humana perdem investimento perante a constatação de que estão aquém dos imperativos propostos no “tudo é possível”. Assim, a droga e o vício têm a função de transformar o desejo humano em necessidade corporal, isto é, impossibilitado de administrar as frustrações da existência humana, o drogadito opera no campo da necessidade, pois ali o objeto pode se esgotar, propiciando a impressão de satisfação plena, pelo menos até que um novo ciclo inicie-

se, em busca de um novo objeto-droga que permita uma nova satisfação – sempre, é claro, provisória.

O sujeito neurótico, por exemplo, é aquele que é normalizado pela lei ou pela função paterna, o que assegura, de alguma forma, que nele se opere a função desejante. Em seu caminhar pela existência, ele se depara com a insuficiência dos objetos encontráveis no mundo; assim, ele “terá que se negar continuamente nesses objetos que causam o desejo, à procura dessa parte perdida dele mesmo que está além ou aquém de qualquer ‘objeto’ que possa ser encontrado em suas diferentes realidades.”⁴⁶ Vale lembrar que o desejo é um conceito que encontra na psicanálise um lugar fundamental, pois ele “permite ao sujeito organizar e dar limites a sua relação de gozo, desencadeada pela presença dessa produção de uma falta.”⁴⁷

O que acontece na sintomatologia da drogadição – em outros fenômenos pode-se observar a mesma relação – é um rompimento com o papel operatório da lei; em outras palavras, o sujeito, nessa posição, não reconhece ao saber paterno, à lei ou ao simbólico a sua função de interdição; com isso, ele estabelece uma maneira diversa de se relacionar com o objeto de seu desejo e o gozo.

Apesar de o desejo ser algo que permite a interdição do gozo, no caso da drogadição, não há uma renúncia ao gozo. Para Aurélio Souza, o que estão em marcha são modificações na própria identidade do sujeito, na medida em que ele “procura estender cada vez mais seus limites, à espera de algo que, na realidade, possa detê-lo em sua direção ao gozo, isto é, algo que lhe garanta uma posição subjetiva independente da função paterna.”⁴⁸ Desse modo, o drogadito, ou *a-viciado*, como o autor o denomina, busca se representar através do significante-mestre, S1. Essa representação, contudo, falha, pois lhe falta a relação com a função paterna e a lei, a partir da qual poderia sustentar seu lugar e sua autoridade.

⁴⁶ SOUZA, A. **Os discursos na psicanálise**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2003. p. 149.

⁴⁷ Ibid., p. 143.

⁴⁸ Ibid., p. 159.

O sujeito está, portanto, impossibilitado de erigir suas insígnias por conta própria, em termos simbólicos, o que pode provocar o fenômeno de querer marcá-las no corpo, na forma de tatuagens ou, em casos mais radicais, de escarificações, queimaduras na própria pele etc. Essas insígnias, que deveriam ser do sujeito, tornam-se marcas do gozo de um Outro, a quem o drogadito passará a render suas homenagens. Em resumo, o toxicômano é alguém dominado pela necessidade absoluta da droga, que não conhece nenhum limite, daí suas justificativas e seus atos transgressores.

Evidentemente, esses sintomas todos se constroem por meio de uma tessitura que é própria a cada um dos sujeitos, que passa pela história singular de cada um deles, sendo cada história fundamental para a compreensão dos sintomas do sujeito, que também é singular; porém não podemos nos esquecer que essas histórias individuais desenrolam-se “nas malhas de um social que torna pensável suspender a hipoteca desse ponto de impossível, ao promover a crença em um ‘tudo é possível’.”⁴⁹ Logo, há uma ação de perda de referência no processo da drogadição, que não lhe é, no entanto, exclusiva, uma vez que pode ser encontrada nos indivíduos que se queixam de depressão, que marcam seus corpos, que entram em pânico, que se tornam anoréxicos etc.

Pelo fato da perda de referência da tradição é, portanto, com um relativismo generalizado que lidamos e, já que tudo se equivale, não há mais meio de dar o devido valor regulador à diferença de lugares; portanto, é a um momento senão de caos, em todo caso de turbulência generalizada que assistimos, cada um tentando constituir uma escala de valores a partir de suas próprias referências mas, como estas são diferentes das do vizinho, o empreendimento se mostra senão inútil, em todo caso problemático.⁵⁰

Esse estado das “coisas como são”, como dizem muitos, gera uma situação de potenciais conflitos entre as pessoas, em qualquer situação e em qualquer contexto, sendo que, para administrá-la, em nível social mais amplo, a sociedade contemporânea faz cada vez mais uso do

---

⁴⁹ LEBRUN, op. cit., p. 139.

⁵⁰ Ibid., p. 151.

direito e de suas diversas instâncias. É aí que os conflitos, quando extrapolam as possibilidades de mediação mais imediata, serão dirimidos.

Contudo, a própria existência de cada vez mais leis para regulamentar os mais diversos pactos sociais pode representar o enfraquecimento do pacto simbólico que unia os sujeitos, visto que as leis, que são criadas, tentam suprir o relativismo subjetivo que se instaura quando se institui um vazio deixado no lugar das tradições, que já não nos governam mais. “As leis civis, por sua vez, não somente dependem da ameaça de punição para se fazer cumprir, como, o que é pior, frequentemente não são cumpridas, apesar de tal ameaça.”⁵¹

Além disso, há um problema adicional: a aquisição do direito de um caráter técnico sofisticado, que o afasta das possibilidades de administração e compreensão por parte dos cidadãos comuns. Apesar de estar em consonância com a predominância da técnica e do saber especialista de nosso tempo, essa questão atesta que os conflitos já não podem mais ter soluções mediadas pelo pacto simbólico, isto é, uma vez que o direito “não é mais pensado como o que articula a abstração do mundo comum, a universalidade dos princípios e de seus valores com a concretude dos litígios”, como afirma Lebrun,⁵² os problemas e conflitos não podem mais, nesse contexto, ser considerados em sua existência social, mas tão somente naquilo que a interpretação técnica das normas e das leis permite. Queremos apontar, com isso, que cada uma das esferas da sociedade é penetrada pela mesma lógica, o que acaba por desqualificá-las como possíveis referências alternativas.

Da mesma forma, a tentativa de resgatar valores tradicionais esbarra em sua impossibilidade, pois estes acabam trazendo consigo uma aura de tirania, visto que, por não estarem de acordo com a lógica da sociedade atual, a tentativa não consegue esconder que o resgate, em certa medida, só poderia ser realizado mediante algum tipo de imposição por meio da força e não porque os valores respondem a algo ainda desejado pelas pessoas. Não há,

⁵¹ TEIXEIRA, M. R. Lei simbólica, lei civil e relativismo pós-moderno. In: **Vicissitudes do objeto**. Salvador: Ágalma Psicanálise Editora Ltda., 2005c. p. 213.

⁵² LEBRUN, op. cit., p. 156.

portanto, possibilidade de retorno às garantias identitárias do passado, o que leva a um duplo problema: a perda das referências do passado, como a religião, por exemplo, e a impossibilidade de resgatá-las ou mesmo de reconstruí-las sob novos parâmetros.

Para Lebrun, a questão principal reside no fato de vivermos em uma época que valoriza exageradamente a imagem e sua consequência direta, o chamado “mundo virtual”. Essa prevalência da imagem em nosso cotidiano afeta a vivência do simbólico de tal maneira que, para ele, nós vivemos em uma época de “abastardamento do simbólico e da prevalência do simbólico virtual”.⁵³ Por sua vez, a prevalência do virtual em nosso tempo já foi apontada por diversos autores e revela o triunfo do capitalismo, que transformou a imagem na forma final da mercadoria.⁵⁴

Para Nelson da Silva Jr., esse processo caracterizou a expansão da lógica do capitalismo para a interioridade humana, ou seja, a sociedade do espetáculo e a prevalência da imagem levaram para o interior do sujeito a lógica própria da mercadoria.

Assim, ao pagar por uma certa etiqueta, o sujeito responde a contento ao seu desamparo ontológico: a questão do ‘ser’ na subjetividade atual não é apenas adiada pela resposta ‘pareço ter’; nesta resposta, o sujeito se ressignifica como ‘valor de troca’ e, portanto, essência imagética da mercadoria.⁵⁵

Cremos que esse processo de avanço do capitalismo para as esferas mais íntimas da subjetividade permitiu a ingerência do discurso da ciência naquilo que sempre esteve fora de seus domínios. De fato, se o indivíduo torna-se mercadoria e adquire valor de troca, o discurso da ciência, muito facilmente, pode ocupar esse lugar, agora inespecífico, um lugar como outro qualquer, e lhe atribuir um valor de coisa, como outra qualquer; a partir daí, aquilo que chamamos subjetividade pode ser reduzida a uma coisa. Já a ciência, aliada siamesa do

⁵³ LEBRUN, op. cit., p. 156.

⁵⁴ Ver DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela S. Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto Editora Ltda., 2007.

⁵⁵ SILVA JR., N. A sublimação na contemporaneidade: o imperialismo da imagem e os novos destinos pulsionais. In: FUKS, L. B.; FERRAZ, F. C. (Orgs.). **Desafios para a psicanálise contemporânea**. São Paulo: Editora Escuta Ltda., 2003. p. 241-242.

capitalismo, cria então, a partir de seu discurso, a concepção de que nossas características mais íntimas – as da “alma” – são, na verdade, expressões ou meros epifenômenos do trabalho de neurônios, de processos bioquímicos ou genéticos, ou seja, são processos biológicos como quaisquer outros.

Por outro lado, esse processo funda um segundo, complementar ao primeiro, de imaginarização social do que vem a ser a ciência. Nesse sentido, essa apropriação biológica da “alma” torna virtuais as insígnias do ser e afirma um simbólico que não marca mais a “falta-a-ser”, mas alimenta uma promessa de “tudo é possível”. Essa coisificação da subjetividade traz, não obstante, um aparente conforto, pois, como vimos, faz desaparecer – mas apenas imaginariamente – o registro da incerteza ou o mal-estar da existência: para tudo há, ou haverá, um remédio.

Em resumo, a contemporaneidade, ao que tudo indica, trocou um deus da religião, sustentáculo das tradições, por um deus das trocas mercantis ou um deus da ciência (como não ver no discurso da ciência a emergência de uma característica mistificadora?); um deus, talvez, muito mais perigoso, pois sua característica estrutural é a ideologia da supressão do sujeito e a sua consequente desresponsabilização.

*

Antes de prosseguirmos nessa questão, abordaremos, na sequência, uma tentativa de aproximação da psicanálise com a ciência, uma vez que a força de atração do discurso científico é tão forte que conquistou um grupo considerável de analistas, que veem nele uma possibilidade de demonstrar, finalmente, o que consideram como sendo o estatuto científico da psicanálise: a neuropsicanálise.

O capítulo seguinte, embora de modo um tanto exaustivo, tem por finalidade demonstrar que a ciência não mede esforços para abarcar todo e qualquer campo de saber. Do ponto de vista da teoria lacaniana, entretanto, trata-se de uma impossibilidade: nenhum saber pode cobrir todo o real e, diríamos em acréscimo, nem mesmo a soma de todos os saberes científicos, cada um com seu objeto de estudo e sua metodologia, pode gerar um “todo” de saber. Melhor seria dizer, ainda, que nenhum método serve para a construção de todo e qualquer saber.

Já a apresentação da neuropsicanálise tem a intenção de mostrar que suas presumíveis descobertas representam, assim o cremos, a busca por relações entre os conceitos e a biologia, as quais podem ser lidas, simplesmente, como algo da ordem da “aparência” ou, talvez, da sugestão de existência de alguma forma de relação entre os dois campos. Isso é muito frequente, como vimos neste capítulo, no campo da genética, em que algumas correlações bioquímicas encontradas são consideradas, tidas e divulgadas como “evidências” de que há influência de fatores genéticos neste ou naquele aspecto. A partir daí, passa-se a operar um discurso, em nome do método científico, que nega que as “evidências” são apenas evidências, afirmando-as como fatos, tal como ocorre, assim nos parece, com as “descobertas” da neuropsicanálise.

Desse modo, exporemos a seguir algumas considerações a respeito do projeto de constituição da neuropsicanálise, cuja intenção é construir uma teoria do psiquismo, que seus autores e pesquisadores não conseguem identificar nas pesquisas neurocientíficas, tidas como esparsas e muito específicas e nas quais estaria ausente uma concepção “psicológica” capaz de lhes fornecer um contorno global. Em nosso ponto de vista, esse projeto, mais do que propriamente científico, pretende cooptar a psicanálise ao discurso da ciência.

**NEUROPSICANÁLISE: UMA TENTATIVA DE
“ASCENSÃO” SOCIAL DA PSICANÁLISE**

2.1 OS ANTECEDENTES DAS NEUROCIÊNCIAS

Antes de entrarmos na análise do que vem a ser as neurociências, acreditamos ser interessante e fundamental fazer um breve percurso pelo que chamamos antecedentes desse “novo” campo científico. De fato, a chamada ciência moderna, conforme a definiu Koyré⁵⁶, elaborou diversos projetos com a intenção de compreender as características humanas a partir de uma “redução à biologia”. Não obstante, como pretendemos deixar claro na sequência, as neurociências – de onde se buscam recursos e provas para o estabelecimento desse novo campo intitulado neuropsicanálise – recolocam a questão em patamares inéditos.

Pode-se afirmar, então, que o objetivo da tradução biológica da existência humana é uma pretensão, não só contemporânea, mas igualmente moderna. Dessa forma, o que se seguirá é uma amostra de alguns passos da ciência moderna nessa direção, devendo ser encarada, por isso, a título meramente exemplificativo.

Já no século XVII, o anatomista Thomas Willis, da Universidade de Oxford, na Inglaterra, liderou o que é considerado pelos historiadores da medicina como a primeira dissecação de um crânio. Seu objetivo era retirar um cérebro para estudo detalhado, a fim de confirmar hipóteses referentes ao que seria “o centro das emoções”. A partir daí, começou-se a construir uma questão teórica importante para a biologia e a medicina, chegando até os nossos dias, que diz respeito às relações entre as características de um cérebro e as características de personalidade. Isso gerou uma alteração importante na concepção científica relacionada ao cérebro: de certa maneira, os seres humanos passaram a ser igualados e confundidos, em sua identidade, com o cérebro, ao invés de serem portadores de um cérebro e possuírem uma identidade.

---

⁵⁶ Trataremos dessa questão mais à frente.

Logo, o cérebro passou a ser indispensável na abordagem científica de qualquer assunto que se relacionasse às questões do “eu”, consideradas, desde então, vagas, filosóficas e pouco precisas. Essa transformação gerou debates importantes sobre as funções do cérebro, a tal ponto que se passou a entender, por exemplo, que, se houvesse um transplante de cérebro de Maria para João, Maria estaria recebendo um novo corpo e não João, o cérebro de Maria.⁵⁷

Em alguns estudos contemporâneos das neurociências, podemos notar essa mesma pretensão de considerar a materialidade biológica como necessária e suficiente para a compreensão de qualquer evento psíquico, a qual, ironicamente, lembra os experimentos e conclusões do físico Franz-Joseph Gall (1758-1828), que desenvolveu a frenologia, campo científico que pretendia relacionar a estrutura craniana com a capacidade mental e o caráter das pessoas.

De fato, Gall parece ter sido o primeiro cientista a enfatizar a ideia de que o cérebro e a mente seriam uma única e mesma coisa; sendo assim, as qualidades psicológicas e os comportamentos humanos poderiam, e deveriam, ser correlacionados a regiões diversas do córtex cerebral. Sua teoria valorizou, ainda, o papel desempenhado por uma região específica do cérebro, o córtex, e se contrapôs à teoria hegemônica da época de que o “cérebro atuava como um todo”, conhecida como teoria ou princípio da equipotencialidade – ou teoria unitária da ação cerebral –, que foi formulada pelo fisiologista e anatomista suíço Albert Von Haller. Em breve síntese, essa teoria, defendida por um autor chamado Flourens, defendia a concepção de que, em todos os comportamentos humanos, havia uma participação equitativa de todas as áreas do cérebro.

Foi contra essa visão que Gall, por volta de 1793, construiu seu sistema de localização cerebral das faculdades mentais complexas, influenciado, ainda, pela concepção embriológica da época, que propugnava que o contorno da cabeça e da superfície craniana obedecia fielmente

---

⁵⁷ Ver CHANGEUX, J-P. **Neuronal man: the biology of mind**. New Jersey: Princeton University Press, 1985; em especial o Capítulo 1: The “organ of the soul”: from ancient Egypt to the belle époque – p. 3-36.

ao formato do córtex subjacente.⁵⁸ Contudo, sua concepção, de que se poderia inferir a interioridade psicológica a partir de características externas, não era totalmente original, pois já podia ser encontrada nas teses difundidas pela fisiognomia, formalizadas pelo pastor suíço Johann Casper Lavater (1741-1801).⁵⁹

Em outras palavras, a frenologia de Gall foi desenvolvida num contexto social totalmente propício à afirmação de uma teoria que favorecesse a “epistemologia visual” do caráter e da personalidade. Assim, a partir das concepções conhecidas e da dissecação e observação de uma imensa coleção de crânios, Gall “descobriu” que existiam vinte e sete faculdades mentais distintas, inequivocamente demarcáveis ao longo da superfície craniana, que funcionavam como uma espécie de significantes externos do cérebro subjacente, além de representarem uma vasta gama de qualidades humanas e servirem, ainda, para fins de diagnóstico a respeito das personalidades das pessoas: amizade, vaidade, talento poético, “senso metafísico”, por um lado, e, por exemplo, inclinação para o assassinato, por outro.

Não obstante, essa teoria recebeu severas críticas (tanto em alguns círculos médicos, quanto do público em geral)⁶⁰ e foi acusada de charlatanismo, sendo que, para seus críticos, ela merecia estar ao lado das teorias proferidas por Mesmer, Lavater e Cagliostro. O fato é que a teoria de Gall nunca sensibilizou ou convenceu os círculos científicos mais relevantes de sua época; tanto que ele teve, inclusive, recusada a sua adesão à Academia de Ciências da França. O golpe mais duro, entretanto, proveio dos estudos realizados por Flourens: seus experimentos consistiam na remoção de partes do córtex de alguns animais, mantendo certas funções intactas, e serviram de base para a reconstituição, ainda que provisória, de uma teoria mais generalista de funcionamento do cérebro.

---

⁵⁸ Dessa forma, para cada circunvolução cortical proeminente, existiria uma protuberância no crânio e, para cada região que se mostrasse atrofiada, uma depressão craniana.

⁵⁹ A fisiognomia de Lavater atualizava concepções de Giovanni Battista della Porta (cientista do século XVI), que foi um dos principais divulgadores e popularizadores da ideia de que se poderia ter acesso a aptidões e características de caráter das pessoas através de seus traços faciais e da forma de seus crânios.

⁶⁰ Gall apresentava suas teorias em salões frequentados por homens e mulheres interessados em assuntos científicos.

Relevante ressaltar, no entanto, que a frenologia, ou organologia (termo preferido por Gall), influenciou e serviu de base para uma série de argumentos relacionados ao “aprimoramento moral da humanidade”, como pretendia seu discípulo Spurzheim.

O tom redentor da frenologia de Spurzheim causou impacto considerável em diversos círculos científicos e leigos da Inglaterra, que a viam como um sinal de que a ciência poderia colaborar para reformas importantes da sociedade. O paradoxo, porém, era que essas reformas possuíam em seu bojo propósitos progressistas, como ajustar as penas de certos detentos ou mesmo curar os alienados, uma vez que as faculdades alojadas no cérebro poderiam, nessa ótica, ser influenciadas e alteradas através de certos tipos de exercícios.

Os desdobramentos desses acontecimentos foram muitos e abrangeram diversos campos da cultura, sendo que o mais relevante talvez tenha sido o grande sucesso obtido nos Estados Unidos, onde era possível comprar uma espécie de mapa cerebral com as indicações das características da personalidade dos clientes. Em suma, se não foi uma teoria respeitada cientificamente, por outro lado, foi um bom negócio!

Bom negócio, mas ciência ruim, pois, nos círculos acadêmicos, não houve a mesma aceitação. Mas, de certa maneira, a frenologia ajudou a difundir ainda mais a concepção de que havia de alguma forma (a ser descoberta e comprovada) ligações e relações entre as características do cérebro e as aptidões e características individuais. Tanto é verdade que esse processo, já estabelecido no âmbito das pesquisas científicas (“medir para saber”), teve continuidade no século XIX, com o surgimento de uma nova teoria, a craniometria, cujo objetivo não era o mesmo da finada frenologia, mas trazia, em seu âmago, um projeto de construir escalas de desenvolvimento humano a partir de dados mensuráveis, tais como: o volume, o tamanho e a circunferência da caixa craniana; já as irregularidades das caixas cranianas, como as depressões ou protuberâncias, valorizadas pela metodologia da frenologia, eram consideradas dados sem importância.

Nesse contexto, o paleontólogo americano Stephen Jay Gould, professor da Universidade de Harvard, em seu formidável *A falsa medida do homem*, demonstra o intrincado mundo das relações entre a objetividade, buscada pela ciência e pela quantificação que a acompanha, e os inconfessáveis propósitos filosóficos de alguns de seus praticantes.

A segunda metade do século XIX não foi apenas a era da evolução na antropologia. Outra corrente, igualmente irresistível, contaminou o campo das ciências humanas: a fascinação pelos números, a fé em que as medições rigorosas poderiam garantir uma precisão irrefutável e seriam capazes de marcar a transição entre a especulação subjetiva e uma verdadeira ciência [...]. A evolução e a quantificação formaram uma temível aliança: em certo sentido, sua opinião forjou a primeira teoria racista ‘científica’ de peso, se definirmos ‘ciência’ erroneamente, como muitos o fazem, como sendo toda afirmação aparentemente respaldada por cifras abundantes.⁶¹

Assim, para o autor, a craniometria longe de chegar a conclusões objetivas, servia, antes, para confirmar as teorias e filosofias político-ideológicas preconceituosas de uma época: a inferioridade das mulheres, dos operários, dos doentes mentais etc. Em suma, os números, diz Gould, não se contam por si mesmos!

A ciência tem raízes na interpretação criativa. Os números sugerem, limitam e refutam, mas, por si sós, não especificam o conteúdo das teorias científicas. Estas são construídas sobre a base da interpretação desses números, e os que os interpretam são com frequência aprisionados pela sua própria retórica.^{62,63}

---

⁶¹ GOULD, S. J. *A falsa medida do homem*. 2. ed. Tradução de Valter L. Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 65-66.

⁶² Ibid., p. 66.

⁶³ Interessante, também, é o fato de que Gould refez os cálculos desses cientistas, a partir dos dados por eles apresentados, e concluiu haver divergências enormes. No entanto, ele não atribui essas divergências a uma tentativa de fraude, até porque elas não eram, de nenhuma forma, escondidas pelos pesquisadores. A explicação a que chega o autor é a de que as medidas representavam, simplesmente, os propósitos “filosóficos” dos cientistas.

2.2 AS NEUROCIÊNCIAS

O interesse pelas neurociências propaga-se de forma rápida no mundo; isso não acontece por acaso, sem dúvida, pois, como já apontamos, nossa sociedade contemporânea erigiu suas fundações nas ideias e critérios de eficácia, em complemento às ideias difundidas pelo discurso científico de que “tudo é possível”. Nesse contexto, dissemina-se com muita velocidade a concepção de que “tudo é natureza”, portanto isso não seria diferente ao tratarmos de nossa mente ou nossos afetos, uma vez que também são coisas da natureza e podem, dessa forma, ser conhecidos a partir dos estudos científicos das chamadas neurociências.

É impressionante, contudo, a capacidade de difusão e popularização alcançada pelas descobertas desse campo de pesquisas, o que é facilmente constatável ao lermos nossas revistas semanais, destinadas ao público “formador de opinião”, ao vermos filmes e novelas, ao lermos reportagens especiais sobre ciência nos principais jornais brasileiros etc., ou seja, são cada vez mais presentes as referências a descrições biológicas de diversos aspectos de nossa existência: nossos humores (bons ou maus), nossas tristezas, nossa maneira de portar socialmente, nossas preferências sexuais e, claro, nossas emoções. Ainda, não há dúvida de que essa ampla divulgação do tema provoca uma construção social específica do senso comum, de que a biologia é a representação natural do que sou ou de que *eu* sou a minha biologia; em outras palavras, de que a biologia é o meu destino!⁶⁴

Vale ressaltar, ainda, que, nesse vasto campo da biologia, o cérebro passou a ser um órgão de especial atenção. Assim, quase que podemos encontrar, na mídia em geral, notícias semanais a respeito de descobertas relativas à localização cerebral (ou determinação genética)

---

⁶⁴ São exemplos disso as divulgações a respeito de pesquisas que teriam “constatado” diferenças de QI entre brancos e negros, atribuíveis a fatores de ordem biológica diversa entre ambos, ou a formalização científica da hiperatividade. Remetemo-los ao capítulo anterior, em que abordamos ambas as questões.

de determinado aspecto comportamental ou de personalidade, como a área do comportamento antissocial, do amor romântico, do suicídio, do preconceito racial etc.⁶⁵

Esse fenômeno atingiu uma dimensão tal que alguns autores chegaram a propor a existência de uma nova figura antropológica contemporânea, apelidada de “sujeito cerebral”⁶⁶, que corresponde à crença disseminada pelo discurso da ciência de nosso tempo, nas sociedades ocidentais, de que a identidade pessoal, a mente, ou seja, aquilo que nos caracteriza em nossa intimidade e nos individualiza, está no cérebro e com ele se confunde. Com isso, todo um imaginário social atual, construído a partir da imensa divulgação do discurso da ciência, tem convergido para a concepção de que o cérebro é a parte do nosso corpo verdadeiramente responsável por aquilo que costumávamos, antes, atribuir ao indivíduo, à pessoa ou ao sujeito.

Essa tendência é confirmada pelo surgimento, nas últimas décadas, de uma série de subdisciplinas pretensamente oriundas da neurociência, tais como: neuroteologia (que busca compreender como a fé religiosa encontra suporte em certos funcionamentos cerebrais), a neuropsicanálise, a neuroestética (que tenta demonstrar que os valores, os gostos e o conceito de belo encontram respaldo em funções cerebrais específicas) e a neuroeconomia (que busca, no funcionamento dos circuitos cerebrais, informações sobre, por exemplo, o impulso de comprar), cujas metas seriam procurar respostas na materialidade cerebral para aspectos tradicionalmente pensados como mentais, relacionais ou sociais.

No campo da psiquiatria (cada vez mais biológica e menos “clínica”), por exemplo, o emprego de termos fisicalistas na compreensão e no tratamento das patologias mentais tornou-se linguagem comum, a ponto de se tornar hegemônico no chamado campo “psi”. Evidentemente, esse campo apresenta heterogeneidades, entre as quais o discurso psicanalítico

---

⁶⁵ *Estudo descobre evidência de que hiperatividade é genética* (Folha de S. Paulo, 30.9.2010); *Amor “desativa” capacidade de criticar a pessoa amada* (Folha de S. Paulo, 24/3/2008); *A substância do amor: como funciona a oxitocina, responsável por estabelecer e reforçar os vínculos afetivos entre mãe e filho – e entre amigos, namorados, amantes ...* (Revista Veja, Edição 2165, de 19/5/2010). Estas são apenas algumas das manchetes que pudemos ler, nos últimos dois anos, na mídia impressa destinada ao público “formador de opinião”.

⁶⁶ Ver VIDAL, F. *Sujet Cérébral*. In: ANDRIEU, B. (Org.). **Dictionnaire du corps**. Paris: Eds. Du CNRS, 2005.

encontra-se, mas é igualmente evidente o poder de autoridade conferido ao modelo biomédico e às correntes defensoras de uma fisicalização do campo psiquiátrico.⁶⁷

Nesse campo, assim constituído, o cérebro é a sede da mente e são muitos os fatores que justificam esse percurso, entre os quais a aliança entre os objetivos do sistema capitalista contemporâneo e os da tecnociência é o fundamental; porém, no que diz respeito à tecnociência, o desenvolvimento de tecnologias e técnicas de visualização médica, como a tomografia por emissão de pósitrons (PET Scan) e a ressonância magnética funcional (fMRI), ocupa um lugar especial.

Essas técnicas e equipamentos permitem, num primeiro momento, colher informações acerca da variação do fluxo sanguíneo ou do metabolismo de glicose em diversas partes do organismo *in vivo*, ao longo de um curto período de tempo, para, então, transformá-las digitalmente em imagens. No caso do cérebro, essa tecnologia pretende estabelecer correlações entre as variações metabólicas detectadas em uma determinada região e os mais diversos estados mentais e comportamentais. Em resumo, essa metodologia causou um impacto considerável, pois serviu, para uma série de pesquisadores, como instrumento de base para a construção de experimentos que permitem “enxergar” os locais do cérebro relacionados a qualquer aspecto da experiência humana.

Da mesma forma, a concepção “localizacionista” obteve grande repercussão no campo da psiquiatria, pois, para os pesquisadores da área, essa metodologia significou a possibilidade de “visualizar” as categorias nosográficas do campo (depressão, esquizofrenia, alcoolismo, transtorno bipolar, autismo, TDAH etc.). Além disso, o uso de terminologias fisicalistas e neuroimagens ocasionou, sem dúvida, um acréscimo considerável nesse movimento de objetificação da existência humana, inclusive perante o público leigo, isto é, os pacientes, para quem essas imagens digitais de cérebros são, frequentemente, apresentadas como ilustrações

---

⁶⁷ Ver, a esse respeito, AGUIAR, op. cit., ou, ainda, BEZERRA JR., B. Naturalismo como anti-reducionismo: notas sobre cérebro, mente e subjetividade. **Cadernos IPUB**, v. VI, n. 18, p. 158-177, 2000.

objetivas, capazes de, por si mesmas, demonstrar automaticamente a insanidade, a incompetência ou a normalidade de indivíduos.

Nessa lógica, seria, então, totalmente possível pensar que essa tecnologia teria a capacidade de, no futuro, deixar transparecer o tipo de pessoa que cada um de nós é, em função do tipo de cérebro que portamos. Nesse sentido, alguns psiquiatras já utilizam uma categorização específica para classificar as pessoas segundo seus cérebros: John Ratey e Catherine Johnson, por exemplo, esclarecem que há pessoas que são do tipo “lobo frontal”, isto é, são “pessoas grudentas, de quem não conseguimos nos livrar ao telefone e que muitas vezes têm problemas envolvendo diferenças no lobo frontal, daí o apelido”.⁶⁸ Há, ainda, nessa categorização, as pessoas do tipo “hipofrontal”, ou seja, aquelas portadoras de um cérebro com baixa atividade no lobo pré-frontal, indicando a presença objetiva da esquizofrenia. Em outras palavras, esse procedimento seria uma grande conquista científica, pois permitiria que cada categoria nosográfica, estabelecida por constatações clínicas e consensos congressuais, tornasse-se objetivamente “visualizável”.

Esse processo, hoje disseminado no campo da medicina, acabou por transmitir, tacitamente, uma série de pressupostos acerca da “natureza humana”, como o da identidade mente-cérebro ou o de que a normalidade e a anormalidade mentais possuem fronteiras nitidamente separadas, as quais podem ser demarcadas exclusivamente com o funcionamento do cérebro e reconstruídas em imagens. Em suma, disseminou o pressuposto de que as pessoas diferenciam-se pelas diferenças de qualidade de seus cérebros.

Claro, malgrado o imaginário cultural sustentado por essas tecnologias e todo o esforço despendido nas últimas décadas no sentido de tentar localizar os marcadores biológicos dos transtornos psiquiátricos, não há, até o presente momento, nenhum resultado conclusivo que autorize o diagnóstico por imagem de nosografias, como a esquizofrenia ou a depressão, visto

---

⁶⁸ RATEY, J.; JOHNSON, C. **Síndromes silenciosas**: como reconhecer as disfunções psicológicas ocultas que alteram o curso de nossas vidas. Tradução de Heliete Vaistman. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1997. p. 13.

que, apesar de todo o alarde midiático, o assunto e os resultados obtidos pela pesquisas neurocientíficas estão longe de serem consensuais entre os próprios cientistas. Nesse contexto, John Horgan, em seu livro *A mente desconhecida*, e Adriano Aguiar, em seu *A psiquiatria no divã*, mostram que “até agora, essas tentativas produziram frustrantes resultados ambíguos”.⁶⁹

É nesse ponto que a força do discurso da ciência mostra-se mais presente: ainda que estejamos muito longe da construção de mapas precisos para as perturbações mentais, é inquebrantável o poder de convencimento que as neuroimagens (em nome da ciência) comportam na atualidade. Entretanto, não obstante os resultados “discutíveis” desses experimentos, eles não são suficientes para gerar uma inquietação epistemológica a respeito do papel da ciência na busca dos segredos da existência humana.

2.3 NEUROPSICANÁLISE: PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

Como vimos, as tentativas de redução do psíquico ao biológico não são um empreendimento recente e podem ser remetidas ao início da chamada medicina moderna, sendo que, nos dias atuais, esse projeto responde por diversos nomes, entre os quais o das neurociências é o mais relevante, ao lado do de um novo campo, intitulado neuropsicanálise. Com relação às neurociências, o projeto é diretamente reducionista, isto é, seu projeto de conhecimento é investigar a atividade comportamental ou “psíquica” a partir de constructos e experimentos exclusivamente biológicos. Já na neuropsicanálise, o reducionismo também ocorre, como veremos, mas há uma “tomada em consideração” de constructos elaborados pela metapsicologia freudiana.

---

⁶⁹ HORGAN, J. **A mente desconhecida**: por que a ciência não consegue replicar, medicar e explicar o cérebro humano. Tradução de Laura T. Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 53.

Cabe lembrar que a própria psicanálise é um saber que teve sua origem relacionada à tomada em consideração de questões que não eram totalmente relevantes para a ciência da época, como a escuta das falas e do que queriam dizer as histéricas, através dos seus sintomas e sofreres. Assim, os afetos e o funcionamento psíquico foram, desde o início, questões de fundamento da psicanálise, o que a coloca ao lado de outras formas de conhecimento que pretenderam e pretendem compreender as determinações a que está submetida a psique humana ou o sujeito humano. O que há de novo, então, na abordagem proposta pelas neurociências ou pela neuropsicanálise?

As neurociências pretendem “absorver” as características humanas, ou melhor, seu projeto de ciência, hoje plenamente instituído, é reduzir o humano à natureza. Esse aspecto é bastante relevante, pois esse projeto esclarece, de imediato, os objetivos hegemônicos da ciência biológica sobre as ciências do homem: o que antes se enxergava como influenciado pela cultura, passa a adquirir invariantes próprias das qualidades de “natureza”, redutíveis, assim, a leis de caráter geral. Entretanto, ainda que se possa afirmar que elas possuem alguma variabilidade estatística, influenciada pela “cultura” transformada e reduzida, agora, em “ambiente”, ou seja, a estímulos externos aos organismos, não há, nesse campo, qualquer consideração por aspectos culturais que pudessem influenciar este ou aquele resultado. Assim, o que se chama variações culturais, às vezes tomado em consideração, em geral, deve ser procurado no que se denominou “ambiente”, apresentando, nesse sentido, características de ordem exclusivamente material.

Além disso, esse campo atravessa um momento especial, em que inúmeras pesquisas e resultados são apresentados, quase que cotidianamente. Essa profusão de dados, que os cientistas e a mídia que os acompanha divulgam, faz crer que as neurociências, assim como a genética, a não tão longo tempo assim, são marcadas por um otimismo impróprio para um fazer científico, o qual se transformou e consolidou como um discurso normativo, de tal forma que os demais saberes, entre eles a psicanálise, frente às neurociências, transformaram-se em

conhecimentos provisórios, aceitáveis até o momento em que as ciências “verdadeiras” puderem substituí-los. Por exemplo: os afetos deixaram o campo das descrições poéticas e literárias e passaram a ser regidos por um neurotransmissor denominado oxitocina (ou ocitocina), que seria responsável, segundo essa ótica, pela formação de laços entre mães e bebês ou entre casais.

Nesse contexto, tudo é corpo, o que mostra a superação das neurociências em relação à dualidade cartesiana; assim, ao que tudo indica, estamos diante do triunfo da ideia de “homem-máquina”. O sociólogo francês David Le Breton chama a atenção para o fenômeno contemporâneo que inverteu esse termo: antes, propunha-se construir máquinas à semelhança de tarefas ou características comportamentais humanas; hoje, a máquina serve de referência!

A biotecnologia ou a medicina moderna privilegia o mecanismo corporal, o arranjo sutil de um organismo percebido como uma coleção de órgãos e funções potencialmente substituíveis. O sujeito como tal aí representa um resto, o que é tocado indiretamente por meio de uma ação que visa à organicidade. Um dicionário moderno de idéias feitas escreveria hoje no verbete *corpo*: ‘uma máquina maravilhosa’. A formulação, porém, é ambígua, testemunha uma ambivalência. Réplica à falha das origens, que inúmeros procedimentos se esforçam por corrigir, a assimilação mecânica do corpo humano que põe de lado a densidade do homem traduz na modernidade a única dignidade que é possível conferir ao corpo. Não se compara a máquina ao corpo, compara-se o corpo à máquina. O mecanismo dá paradoxalmente ao corpo seus duvidosos títulos de nobreza, sinal incontestável da proveniência dos valores para a modernidade.⁷⁰

O modelo maquínico, na opinião de Le Breton, é aquele que se sobressai, estando marcado para ser bem-sucedido na Modernidade; e, complementamos: isso se funda em seu binômio de origem ciência e empreendedorismo – ambos legítimos representantes dos ideais de eficiência e controle –, que passamos a chamar, com Marx, capitalismo.

Quanto a esse aspecto, é relevante lembrarmos que mesmo a medicina demorou algum tempo para ser “moderna”, uma vez que, como aponta Clavreul, ela era eminentemente clínica

---

⁷⁰ LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 2003. p. 18-19.

até meados do século XVIII e somente com os estudos de anatomia patológica adentrou o campo das ciências experimentais. A partir desse momento, o médico precisou aliar às suas observações clínicas outras informações que remetessem os sinais e sintomas ao corpo, em específico, a lesões que pudessem justificá-los; assim, as observações clínicas que não fossem acompanhadas de sinais visíveis e palpáveis de algum processo patológico (seja em vida ou detectado após a morte) eram consideradas extracampo e não pertencentes ao campo da medicina científica.⁷¹

Essa assunção da medicina ao campo das ciências experimentais decorreu, então, da circunscrição do corpo como algo sem qualidades subjetivas, ou seja, do estabelecimento do corpo como um objeto. Esse projeto, evidentemente, é tributário do projeto cartesiano em que se estabeleceu uma separação entre a *res cogitans* e a *res extensa*. Em resumo, foi somente ao excluir o sujeito da cena discursiva que a medicina moderna pôde operar em sua própria forma, ou seja, aplicando ao corpo os critérios de objetividade, generalidade e reprodutibilidade. O corpo estava, dessa forma, alçado ao campo da ciência.

Quanto ao sujeito – *res cogitans* –, foracluído do discurso médico pela ciência, a filosofia e a psicanálise, no século XIX, trataram de resgatá-lo, como veremos. Essa operação de resgate, contudo, não ocorreu sem traumas, visto que o modelo da ciência esteve sempre próximo à psicanálise, a ponto de ser uma sombra inquietadora sobre os ombros de sua metodologia e sua clínica; uma relação sempre tensa, como sabemos. Vale lembrar que esse movimento pendular de aproximação e crítica à ciência é próprio, em certa medida, da criação da psicanálise e está presente, indiscutivelmente, na obra freudiana.

O que foi dito até aqui explica, a nosso ver, o ressurgimento, no âmbito da psicanálise de nossos tempos, do interesse pelos aspectos biológicos da teoria freudiana: diversos pesquisadores têm se dedicado à obra freudiana em busca de referenciais biológicos e

---

⁷¹ Ver CLAVREUL, J. **A ordem médica**: poder e impotência do discurso médico. Tradução de Jorge G. Noujaim, Marco Antônio C. Jorge e Potiguara M. Silveira Jr. São Paulo: Editora Brasiliense, 1978.

neurológicos. O objetivo maior desse trabalho é trazer à tona e evidenciar o papel que a biologia ocupou na construção e no desenvolvimento dos conceitos freudianos. Nesse contexto, ganhou espaço e repercussão especiais uma nova disciplina, intitulada neuropsicanálise, que se propõe a fazer convergir as descobertas recentes das neurociências e os conceitos psicanalíticos.

Para Solms, um de seus principais teóricos, as neurociências chegam a “comprovar” que Freud não morreu e que seus conceitos ainda são relevantes.⁷² É preciso salientar, contudo, que o interesse pelas ciências biológicas advém de outras fontes. Por exemplo, as conquistas obtidas pelo “Projeto Genoma” e o surgimento de medicamentos razoavelmente bem-sucedidos para o tratamento de uma série de distúrbios psíquicos provocaram grande interesse por essas ciências.

Na década de 1950, os primeiros medicamentos desse tipo já representaram uma “revolução psicofarmacológica”, apesar de sua baixa eficiência e dos enormes efeitos colaterais que causavam – em boa parte dos casos em que essa medicação era empregada, observava-se, ao invés da diminuição, uma intensificação do próprio quadro a que propunham minimizar.⁷³ Já atualmente, eles são mais bem tolerados e apresentam um grau maior de eficácia no tratamento dos sintomas, ao que tudo indica. Com isso, a neurologia, a psicofarmacologia e a genética – todas integrantes do espectro contemporâneo que nos ronda, a biologia – têm disseminado especulações de que todos os tratamentos das desordens mentais reduzirão a algumas poucas e simples manipulações de ordem biológica.

Por outro lado, alguns cientistas – entre eles aqueles que se preocupam com a divulgação científica de seus campos, como o físico Marcelo Gleiser – esclarecem que a ciência (em qualquer campo) é incapaz, por definição, de chegar a esse estado de plenitude de conhecimento. Logo, esse projeto é fadado ao fracasso por razões de ordem estrutural do saber científico, pois não é possível elaborar um saber ou uma superteoria capaz de explicar, ainda que probabilisticamente, todos os fenômenos da natureza ou mesmo de um campo específico.

⁷² SOLMS, M. Freud está de volta. **Scientific American Brasil**, São Paulo, v. 3, n. 25, p. 50-56, 2004.

⁷³ RODRIGUES, J. T. A medicação como única resposta: uma miragem do contemporâneo. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. 1, p. 13-22, 2003.

Então, de onde provém essa crença irredutível na ciência? Entendemos que a resposta está na construção de um discurso da ciência, que, se não contraria a impotência estrutural de seu método, nega que haja métodos ou saberes alternativos que possam representar, da mesma forma que a ciência o faz, descobertas inquestionáveis. Ainda, o discurso da ciência transmite a convicção de que o tempo a ajudará a desenvolver novas tecnologias e de que novas descobertas serão feitas; é a ideia, ou ideologia, de que, como diz Lebrun, “tudo é possível”, discurso que, aliás, sustenta e reduz as questões humanas à biologia. Saliente-se, mais uma vez, que a ciência não se reduz ao cientificismo – afirmação não evidente por si só – e que seu discurso penetrou as esferas mais profundas do imaginário social, assim, descartar-se dele, não é tarefa elementar.

A sedução do discurso científico atingiu, como já mencionado, a própria psicanálise, que, ao longo do século XX, viu-se obrigada a se defender-se de sua “a-cientificidade”. Dessa forma, para alguns grupos de psicanalistas, o surgimento da possibilidade de comprovar, através de métodos científicos, a teoria e a clínica psicanalíticas pareceu algo bastante atraente, pois poderia significar o fim desse debate e a “elevação” da psicanálise ao mundo da ciência, o que, no contexto que delineamos, significaria um acréscimo considerável de respeitabilidade social. Surgiu, então, uma ciência nova, intitulada neuropsicanálise, cujo principal objetivo era aproximar as teses freudianas das últimas descobertas da neurociência ou das ciências do cérebro.

2.4 AS CIÊNCIAS DO CÉREBRO E A NEUROPSICANÁLISE

As ciências do cérebro estão em seu auge, o que é demonstrado pelo fato de inúmeros grupos de pesquisa se constituírem em torno desse tema de pesquisa em todo o mundo. Além

disso, esse poder de atração extrapolou o universo próprio e conquistou pesquisadores e pensadores de áreas afins, como a psicologia cognitiva e a inteligência artificial.⁷⁴ Até mesmo a filosofia foi instada a se pronunciar sobre as alterações provocadas em seu campo pelas neurociências:

O filósofo francês André Comte-Sponville, por exemplo, observou – em um artigo intitulado ‘O demônio de Changeux: neurociências e filosofia’ – que a neurociência é importante também filosoficamente porque permite formular a questão ‘que sou?’ em termos novos e, sobretudo, responder ou começar a responder de uma maneira mais precisa.⁷⁵

Para Winograd, a resposta dada por Comte-Sponville – “eu sou meu corpo” – aproxima a filosofia das neurociências e vai ao encontro das formulações freudianas, no sentido de apontar que o “eu” é corporal, sendo essa aproximação – “sem capitulação” – benéfica à psicanálise, pois a obriga a trabalhar em sintonia com os avanços contemporâneos da ciência.

De fato, nas últimas décadas, houve um grande avanço nas pesquisas biológicas em geral e, em especial, em relação ao cérebro; novas técnicas científicas tornaram possíveis, por exemplo, descrições estruturais e funcionais detalhadas do sistema nervoso em seus diversos níveis de organização. Isso possibilitou, segundo Winograd, que teorias sem fundamentação adequada sobre o funcionamento do cérebro fossem de pronto rejeitadas e que novas teorias pudessem surgir, tornando o campo de pesquisas muito mais fértil. Ainda em sua opinião, as neurociências tornaram-se mais receptivas a concepções e hipóteses oriundas de campos que lhe eram, inicialmente, externos.

Entre essas novas teorias, a psicanálise, além de algo não totalmente desinteressante, surgiu como uma teoria capaz de instigar novas hipóteses e experimentos práticos. De fato, para a neuropsicanálise, as neurociências, em seus modelos tradicionais, cometiam o equívoco de

⁷⁴ WINOGRAD, M. Matéria pensante: a fertilidade do encontro entre psicanálise e neurociência. **Arquivos brasileiros de psicologia**, v. 56, n. 1, 2004.

⁷⁵ Ibid., p.24.

utilizar modelos biologizantes, que simplesmente descartavam a fertilidade teórica e experimental de conceitos propostos pela psicanálise. Em outras palavras, para esse campo, conceitos como ego, id, desejo ou instinto podiam trazer descobertas neurocientíficas relevantes, precisando apenas deixar o mundo da metapsicologia freudiana para se tornarem hipóteses passíveis de constatação empírica.

Outra crítica neuropsicanalítica às neurociências diz respeito ao excesso de reducionismo nelas inerente. Desse ponto de vista, a neuropsicanálise parece concordar que não é possível uma redução absoluta dos males da existência ao simples e puro desequilíbrio de substâncias neuroquímicas. Essa afirmação sustenta-se na constatação de que a psicofarmacologia, apesar de seus avanços pontuais, não conseguiu estabelecer uma teoria totalizante dos fenômenos com que trabalha, ou seja, não logrou estabelecer uma “teoria do psiquismo” capaz de explicar detalhadamente como seria a sua organização e seus modos de funcionamento. Reside aí a importância que o campo atribui às contribuições psicanalíticas, qual seja: estabelecer-se como uma teoria geral do psiquismo. Para tanto, os conceitos psicanalíticos precisam passar pelo crivo do modelo científico, a fim de demonstrarem sua eficácia experimental; já a teoria psicanalítica que não pudesse ser submetida a esse crivo permaneceria válida, com seu poder explicativo mantido, como uma espécie de “sombra explicativa global”, mas, agora, sustentada pela comprovação de parte de seu *corpus* teórico-clínico.

Também para os neuropsicanalistas, sem o “modelo” e os conceitos que podem ser retirados da obra freudiana, a neurociência não se sustenta, porque ela só pode, então, dedicar-se a pontos específicos. Dessa forma, para tentar traçar um quadro geral de suas questões, os neurocientistas recorrem, em geral, a teorias psicológicas, que funcionam como uma espécie de manual com informações para montar um quebra-cabeça.

Segundo Winograd, a preferência dos neurocientistas acabou por cair em cima da teoria cognitiva, que, desse ponto de vista, apresentava uma série de vantagens, entre elas o fato de poder, como a biologia, enunciar hipóteses testáveis, o que ia ao encontro da pretensão de reduzir as análises e considerações neurocientíficas ao projeto de adequação ao modelo científico.⁷⁶ Esse uso mostrou-se de tal modo útil que as neurociências e a teoria cognitiva praticamente confundem-se nos dias de hoje.

Apesar desse sucesso, alguns pesquisadores – com formação psicanalítica ligada à Associação Psicanalítica Internacional (IPA), como Solms e Kaplan-Solms, bem como Panksepp, Ramachandran e Blakeslee – passaram a sugerir que a psicanálise não estava morta e poderia contribuir de modo inédito para essa discussão. Nesse espírito interdisciplinar, tais pesquisadores pretenderam, então, desenvolver o que eles chamavam “novos parâmetros intelectuais”, nos quais a teoria sobre a organização cerebral desenhada por Freud não só deve ser o modelo, como deve e pode ser enriquecida por novidades extraídas a partir da experimentação neurocientífica.

2.5 O MÉTODO DA NEUROPSICANÁLISE

Mark Solms é apontado como um dos principais teóricos desse novo campo, intitulado neuropsicanálise. Para ele, o objetivo da neuropsicanálise, além dos aspectos já mencionados, é reparar a causa do fracasso de Freud. De fato, Freud, para Solms, foi incapaz de integrar suas descobertas clínicas com a neurologia de sua época. Isso não se deveu exclusivamente à ausência de um conhecimento neurocientífico mais desenvolvido nos idos de 1890, mas,

---

⁷⁶ WINOGRAD, op. cit., p. 25.

principalmente, à ausência de um verdadeiro método que permitisse que os trabalhos e descobertas de Freud articulassem a neurologia com a psicologia. Essa ausência, entretanto, não teria sido momentânea, mas acompanhado o desenvolvimento da neurociência, por um lado, e as transformações e avanços pelos quais passou a psicanálise, por outro.

Para o autor, é justamente essa falta que seu método vem suprir, ou seja, a neuropsicanálise pretende ser um método capaz de permitir decisões racionais entre as informações e dados colhidos desses dois universos, muitas vezes conflitantes.

Estou certo de que vocês concordarão que devemos ser capazes de decidir este tipo de questão; pois, se a mente e o cérebro funcionam ambos de acordo com condutas regulares e regradas, e se essas funções e regularidades estão relacionadas entre si de acordo com condutas regradas similares – uma vez que temos todas as razões para acreditar que o sejam – então, deveria ser possível decidir tais questões em conformidade com as condutas científicas comuns.⁷⁷

No entendimento de Solms, portanto, seu método, que tentaremos descrever brevemente a seguir, resolve essas questões.

Para chegar a ele, o autor recorre à história profissional de Freud e da própria medicina, além de afirmar que o Freud neurólogo conhecia o método conhecido como “correlação anatomoclínica”, visto que os clínicos gerais de sua época realizavam seus diagnósticos e, conseqüentemente, suas prescrições e tratamentos a partir dessa metodologia, que foi construída pela correlação entre as patologias clínicas, que deveriam ser inferidas de forma indireta, a partir dos sinais e sintomas externalizados pelos pacientes. No entanto, o diagnóstico só era confirmado após a morte do paciente e a análise realizada pelo patologista, quando se poderia confirmar ou não a sua correção. Assim, em função do acúmulo de experiências dos médicos, durante gerações,

---

⁷⁷ KAPLAN-SOLMS, K.; SOLMS, M. **O que é a neuro-psicanálise**: a real e difícil articulação entre a neurociência e a psicanálise. Tradução de Eliana N. Vale. São Paulo: Terceira Margem, 2004. p. 16.

sobre que tipo de apresentação clínica durante a vida tendia a se correlacionar com que tipo de descoberta anatomopatológica na autópsia, tornou-se gradualmente possível para os clínicos gerais reconhecer as constelações patognomônicas de sintomas e sinais, e, portanto, prever com razoável fidedignidade qual processo seria subjacente a qual doença e conduzir o tratamento de acordo com o mesmo.⁷⁸

Esse processo foi utilizado durante anos para efetuar o diagnóstico e o tratamento de inúmeras moléstias, entre as quais as do cérebro, bem como permitiu as pesquisas e conclusões de Broca e Wernicke (que correlacionaram a certas regiões do cérebro, lesionadas, os sintomas da perda da fala e da compreensão da linguagem falada) e de inúmeros outros cientistas, que passaram a utilizá-lo como instrumento ideal para localizar, num mosaico de supostos centros na superfície dos hemisférios do cérebro, um amplo leque de faculdades mentais.

Ora, Freud era um neurólogo bastante competente e, portanto, acredita Solms, conhecia esse método; entretanto não precisou de muito tempo para abandoná-lo, entendendo tratar-se de “um jogo bobo de permutações”.⁷⁹ Ainda, como sabemos, ele se defrontou com uma série de moléstias em que não era possível constatar qualquer lesão identificável no sistema nervoso (procurada nas autópsias), como a neurastenia, a histeria ou as próprias neuroses. Em função disso, abandonou o método anatomoclínico, pois compreendeu que só poderia ser utilizado, segundo seu ponto de vista, para localizar funções mentais elementares, que correspondiam a modalidades sensoriais primárias, como a visão, a gustação etc. No entanto, como sabemos através da história da psicanálise, Freud não se contentou com isso e foi estudar com Charcot, em 1885, na França.

Com o cientista francês, deparou-se com uma visão alternativa do assunto, pois Charcot não desvalorizava o método anatomoclínico e reconhecia, nele, um método capaz de produzir informações bastante úteis, mas, concomitantemente, ele não descartava, em absoluto, os sinais e sintomas de suas maravilhosas históricas, mesmo que nada de orgânico fosse encontrado que

⁷⁸ KAPLAN-SOLMS; SOLMS, 2004, p. 17.

⁷⁹ BERNFELD, S. citado por KAPLAN-SOLMS; SOLMS, 2004, p. 19.

os justificassem. Essa postura teve uma influência marcante em Freud, que passou a praticar essa modalidade de método clínico quando retornou à Viena.

É importante salientar, contudo, que Charcot acreditava que não havia lesões identificáveis para os sintomas histéricos, porque eles seriam de ordem fisiológica e hereditária e não propriamente de ordem anatômica. Já Freud, com sua experiência clínica, passou a entender os fenômenos histéricos como sendo de ordem psicológica, não se encerrando em localizações restritas do cérebro.

Lembremos, ainda, que a época em que ele iniciou seus trabalhos profissionais foi marcada pela tese do localizacionismo, muito em função dos achados de Broca e Wernicke; porém, para Freud, as funções complexas ocorriam não em áreas localizáveis, mas na interação dinâmica de diversas áreas, convicção dada a ele por seus estudos sobre a afasia.⁸⁰ Além disso, suas observações sobre a histeria e outros quadros mentais deram-lhe, por fim, a certeza de que se tratavam de questões de ordem psicológica, sem origem em substratos cerebrais localizáveis.

Nesse sentido, em 1895, Freud escreve seu *Projeto para uma psicologia científica*, última tentativa de construir um esquema dinâmico de funcionamento neurológico, com elementos que seriam produtos de suas hipóteses psicológicas, e, na sequência, passa a estudar as funções psíquicas através da observação clínica, aprendida com Charcot; assim, as explicações sintomáticas e o papel das diversas funções psíquicas que não podiam ser encontrados através da dinâmica neurológica passaram a ser procuradas na própria dinâmica psíquica.

Esse descolamento das teses localizacionistas fica bastante evidente na discussão que ele desenvolve no famoso Capítulo VII de sua obra *A interpretação dos sonhos*:

[...] Desprezarei por completo o fato de que o aparelho mental em que estamos aqui interessados também nos é conhecido sob a forma de uma preparação anatômica, e evitarei cuidadosamente a tentação de determinar

---

⁸⁰ FREUD, S. **A interpretação das afasias**. Tradução de Antônio P. Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

essa localização psíquica como se fosse anatômica. Permanecerei no campo psicológico, e proponho simplesmente seguir a sugestão de visualizarmos o instrumento que executa nossas funções mentais como algo semelhante a um microscópio composto, um aparelho fotográfico ou algo desse tipo. Com base nisso, a localização psíquica corresponderá a um ponto no interior do aparelho em que se produz um dos estágios preliminares da imagem. No microscópio e no telescópio, como sabemos, estes ocorrem, em parte, em pontos ideais, em regiões em que não se situa nenhum componente tangível do aparelho. [...].⁸¹

Para Kaplan-Solms e Solms, essa frase demonstra que Freud abandonou a concepção de que as organizações complexas do psiquismo poderiam ser localizáveis em áreas anatômicas discretas; mas, afirmam os autores, ele manteve como método para o novo campo que surgia, a psicanálise, o clínico-descritivo da escola francesa de neuropatologia – o que significava dar a devida atenção aos casos individuais, procurando colher dados significativos da dinâmica psíquica e dos sintomas psicológicos de cada paciente para, em seguida, tentar estabelecer padrões regulares de sintomatologias e seus respectivos sinais de significado patológico – e a referência a “forças e energias naturais” como explicação dos fenômenos clínicos, tal qual aprendeu com seus mestres na Alemanha, em especial, Helmholtz.

O fundamental da argumentação desses autores reside no fato de que essas forças e energias eram recursos de que Freud utilizava para fazer referência às futuras descrições físicas e químicas dos fenômenos clínicos que estudava. Na verdade, “o que ele deixou de lado foi a noção de que processos psicológicos que possuem organizações funcionais complexas e dinâmicas, poderiam ser localizados em áreas anatômicas discretas.”⁸² Em outras palavras, afirmam que Freud procurou enfatizar os sistemas funcionais das síndromes clínicas sem abandonar a ideia de que eles deveriam, de algum modo, estar representados nos tecidos do cérebro. Nesse sentido, suas teorias psicológicas seriam constructos provisórios.

Esses aspectos todos colocariam a psicanálise numa relação muito próxima à neurologia dinâmica, que enfatizava a compreensão clínica dos fenômenos patológicos e segundo a qual as

⁸¹ FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. Tradução de Walderedo I. Oliveira. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1999. (Edição Comemorativa 100 anos). p. 516-517.

⁸² KAPLAN-SOLMS; SOLMS, 2004, p. 25.

chamadas faculdades mentais complexas não poderiam estar localizadas concretamente no cérebro; concepção, aliás, de autores importantes da história da neurologia, como Kurt Goldstein e A. R. Luria, e que, apesar da pouca influência que exerceu em alguns momentos, readquiriu importância, em função de descobertas relativamente recentes, obtidas por metodologias atuais, como a neuroimagem funcional e as simulações computacionais, que têm demonstrado que existe no cérebro um “processamento distribuído paralelo”, que possui um caráter dinâmico, não sendo, portanto, totalmente localizável na estrutura cerebral, mas considerado subjacente a todo funcionamento mental.

Os estudos desenvolvidos por Luria, por exemplo, levaram-no a formular um novo método de correlação anatomoclínica, conhecido como localização dinâmica, o qual, para segregar a organização neurológica de uma determinada função psicológica complexa, propõe a identificação, em pacientes que sofreram algum tipo de doença neurológica focal, dos modos pelos quais aquela organização ou função entrou em colapso. Com isso, poder-se-ia, ao longo do tempo, estabelecer um mapa da localização cerebral de diversas funções psicológicas e, a partir daí, realizar estudos referentes às estruturas psicológicas propriamente ditas, subjacentes a cada um desses sintomas, os quais seriam realizados por meio de análises psicológicas de casos clínicos individuais.

Na sequência, o método de Luria propõe que se estudem outras funções que estejam eventualmente perturbadas, em cada paciente, independentemente da função primária que ocorre em cada caso, sendo o objetivo final dessa metodologia traçar ou construir uma causa única, isto é, permitir a atribuição a um único fator que explique a totalidade das manifestações clínicas superficiais.

Uma vez identificado o fator subjacente comum que produz uma variedade de sintomas psicológicos, ter-se-á não apenas aprendido algo sobre a estrutura psicológica profunda da síndrome em questão, como também

identificado a função componente decorrente da parte do cérebro que está danificada naquela síndrome.⁸³

Em outras palavras, com esse método, seria possível identificar a parte do cérebro em que se poderia localizar uma determinada função psicológica de base.

O passo seguinte seria inverter essa equação e passar a entender as diversas formas pelas quais uma função psicológica complexa entra em colapso, em função de lesões cerebrais que podem, então, ser de vários tipos e de várias localizações. O objetivo de Luria, então, é tentar obter uma “organização neurológica distribuída”, que indicaria as partes do cérebro que estão sempre presentes no exercício de uma determinada função psicológica complexa. Além disso, esses estudos permitiriam saber o papel que cabe a cada uma das partes do cérebro, isto é, a influência que cada uma das partes do cérebro detectadas exerce sobre aquela determinada função psicológica complexa.

Kaplan-Solms e Solms enxergam nesse método de Luria a possibilidade de identificar a organização neurológica de qualquer função mental, sem contradizer, entretanto, os pressupostos fundamentais da psicanálise, pois mantém intactos os próprios termos psicológicos das funções mentais. “Acreditamos que este método de Luria [...] permite identificar a organização neurológica de qualquer faculdade mental, não importa quão complexa possa ser, sem contradizer as hipóteses sobre as quais foi construída a psicanálise.”⁸⁴

Além disso, acreditam esses autores, o caráter dinâmico das proposições psicológicas é mantido, bem como o caráter de sua não redução à anatomia e à fisiologia, apesar de sua exposição neurológica ampla. Por fim, para eles, o método neuropsicológico proposto por Luria é aquele esperado por Freud para conciliar a psicanálise e a biologia.

O neuropsicanalista Soussumi também concorda que o método de Luria respeita as descobertas freudianas:

---

⁸³ KAPLAN-SOLMS; SOLMS, 2004, p. 31.

⁸⁴ KAPLAN-SOLMS, K.; SOLMS, M. **Estudos clínicos em neuro-psicanálise**: introdução a uma neuropsicologia profunda. São Paulo: Ed. Lemos, 2005. p. 64.

Tanto Freud, como Luria, sempre insistiram que para descobrir a organização neurológica do aparelho mental humano como compreendemos na psicanálise é necessário, em primeiro lugar, dissecar a estrutura interna psicológica das várias mudanças na personalidade, na motivação e na emoção complexa. Assim, os múltiplos fatores subjacentes produzindo esses sintomas e síndromes podem ser identificados e, cada um, correlacionados com sua ‘cena de ação’ neuroanatômica.⁸⁵

No entanto, as técnicas neuropsicológicas convencionais ou os testes psicométricos que, normalmente, são aplicados em pacientes com sequelas neurológicas são instrumentos técnicos insuficientes para o acesso a funções psicológicas complexas; isso porque as forças de resistência inconscientes, a que Freud referia-se em sua obra, não podem, por exemplo, ser reveladas pelo uso desses instrumentos, que permitem somente a investigação de desordens das funções cognitivas de superfície. Da mesma forma, o método de Luria não se apresenta de forma completa, pois não permite revelar a “estrutura psicológica profunda” dos pacientes com problemas neurológicos.

Assim, Kaplan-Solms e Solms propõem incorporar ao arsenal neuropsicológico de Luria a técnica psicanalítica fundamental da livre associação, pois só assim, entendem eles, será possível investigar as desordens de personalidade, as motivações inconscientes etc., desses pacientes. Um exemplo muito interessante dado por eles da aplicação prática desse método é um caso de anosognosia estudado por V. S. Ramachandran; entretanto, não é o caso de nos determos nas definições médicas desse quadro, uma vez que não é essa a nossa intenção neste trabalho; o que nos interessa é que, desse ponto de vista, os pacientes com essa condição apresentam uma sintomatologia que é resumida com o termo ‘negligência’.

Nesse contexto, os pacientes com anosognosia apresentam lesões no hemisfério direito do cérebro e são incapazes de perceber que possuem um de seus membros com paralisia. Ora, esses pacientes, após um procedimento que consiste na aplicação de um pequeno volume de água gelada em seus ouvidos esquerdos, deixam, momentaneamente, o sintoma de lado e se dão

---

⁸⁵ SOUSSUMI, Y. O que é neuro-psicanálise. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 56, n. 4, out./dez. 2004.

conta, de forma quase fantástica, da paralisia que, minutos antes, não reconheciam. Para os neuropsicanalistas Solms e Ramachandran, esse fenômeno traz muitas semelhanças com o processo de repressão, oriundo da teoria freudiana, uma vez que, se do ponto de vista da neurociência, trata-se de “uma correção temporária e artificial do desequilíbrio de atenção entre os hemisférios”⁸⁶, do ponto de vista da neuropsicanálise, é uma verdadeira descoberta: a de que os processos de repressão – ou qualquer outro mecanismo de defesa, tais como descritos na literatura psicanalítica – talvez possuam relação e sejam mediados pelo hemisfério esquerdo do cérebro.

Outros casos podem ser encontrados na literatura neuropsicanalítica. Exemplificando, os estudos dos estados conhecidos como de confabulação nos pacientes com lesão bilateral da região ventromedial no pré-frontal ou na síndrome de Korsakof são citados como evidências da presença de características do sistema inconsciente, tal como teorizado por Freud. A prova disso estaria no fato de que esses pacientes toleram a contradição mútua, não possuem noção de tempo e substituem a realidade externa pela realidade psíquica, dando ênfase ao processo primário.

Outro exemplo, dado por Soussumi, é as síndromes do hemisfério cerebral direito, que ocorrem em função de lesões na região perissilviana, geralmente em decorrência de problemas de irrigação da artéria cerebral medial, ocasionando paralisias no lado esquerdo do corpo. Os sintomas inconscientes, nesses casos, seriam a anosognosia – que consiste na inconsciência de um déficit, como já vimos acima –, a negligência – não reconhecimento do lado esquerdo do espaço – e a misoplegia, que se traduziria por uma espécie de obsessão e ódio pela lesão ocorrida. Em suma, esses quadros ofereceriam a possibilidade de relacionar as perdas de funções do hemisfério direito, com a preservação das funções do hemisfério esquerdo, à tese da presença do sistema inconsciente nas manifestações dos sintomas de negação da realidade

---

⁸⁶ KAPLAN-SOLMS; SOLMS, 2004, p. 57.

dolorosa. Isso implicaria, então, que as atividades do hemisfério direito do cérebro – ausentes nesses casos – “teriam as funções psíquicas de realizar o luto pelas perdas; de superar a melancolia e de desenvolver a capacidade relacional do indivíduo, dos estados narcísicos para o das relações de objeto, propiciando, conseqüentemente, a ampliação de suas relações espaciais.”⁸⁷

Ainda, outro exemplo do método neuropsicanalítico pode ser encontrado na discussão a respeito dos sonhos. No âmbito das neurociências, há uma teoria, construída pelos cientistas Hobson e McCarley e denominada teoria da ativação-síntese, que é apresentada, comumente, como prova de que a teoria freudiana está errada. Segundo ela, os estímulos para as criações dos sonhos provêm da “diminuição da atividade aminérgica”, que provoca uma “desinibição do sistema colinérgico, especialmente na ponte”, gerando “ondas ponto-genículo-occipitais (PGO)” que estimulam, por sua vez, a produção dos sonhos em confluência com a ativação de traços de memória. Em resumo, a tese representa uma tentativa de explicação neurológica da causalidade dos sonhos.

Solms, no entanto, refuta essa teoria e reafirma a validade da teoria freudiana, acrescentando-lhe, porém, as devidas explicações neurológicas, que são, evidentemente, diversas das apresentadas pelos pesquisadores citados anteriormente. Assim, segundo o autor, o chamado sono REM e o sonho são estados dissociáveis, pois um pode ocorrer sem o outro, ou seja, pode haver sonhos na fase NREM do sono, que são “indistinguíveis” dos sonhos que ocorrem na fase REM.

Da mesma forma, o autor aponta que episódios epiléticos em regiões temporolímbicas podem originar pesadelos estereotipados, como aqueles produzidos durante o sono da fase NREM. Ainda, para ele, o sono REM e o sonho são controlados por mecanismos biológicos diversos; em função disso, seria possível afirmar que o envolvimento do sistema mesolímbico

---

⁸⁷ SOUSSUMI, 2004.

mesocortical na geração de sonhos “claramente” confirma a tese freudiana das pulsões e o papel que os desejos ocupam como instigadores dos sonhos.⁸⁸ Cabe ressaltar que, para chegar a tais conclusões, Solms efetuou um estudo em 22 pacientes – de acordo com a metodologia que propôs – com algum tipo de lesão na ponte, o que provocaria a perda da capacidade (parcial ou total) de sonhar durante a fase REM, constatando que 18 permaneciam com a capacidade de sonhar.

Além deste, diversos outros estudos demonstram, igualmente, que lesões no cérebro anterior provocam a eliminação da capacidade de sonhar durante a mesma fase REM, ou seja, as explicações de caráter neurológico possuem flutuações e não conseguem se estabelecer por inteiro ou consensualmente entre os cientistas.

Como se vê a partir dos exemplos citados, a busca de referências da neuropsicanálise nas neurociências não é sem polêmicas, havendo divergências no próprio campo destas, o que torna possível, de certa forma, encontrar nesses campos aspectos que facilitem a aproximação entre as descobertas ali obtidas e certas afirmações retiradas da obra freudiana.

2.6 OS AFETOS E A NEUROPSICANÁLISE

Feitas as primeiras considerações sobre a metodologia neuropsicanalítica, tal como proposta por Solms, e dados alguns exemplos de sua aplicação, nossa intenção, a seguir, é trabalhar o modo como ela trata a questão dos afetos.

Do ponto de vista das neurociências, é importante salientar que os afetos não foram alvo de interesse especial até o início deste milênio. A explicação para isso reside no fato de que,

---

⁸⁸ Essa questão dos sonhos foi retirada CHENIAUX, E. Os sonhos: integrando as visões psicanalítica e neurocientífica. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 18, n. 2, maio/ago. 2006.

para elas, influenciadas pela psicologia de caráter cognitivo-comportamental, os afetos representavam uma espécie de desordem, de desorganização das esferas cognitivas; dessa forma, deveriam ser tratados como patologias a serem combatidas. Entretanto, mais recentemente, alguns neurocientistas de peso, como Antônio Damásio, Joseph E. Ledoux e Japp Panksepp, começaram a se importar com o tema e a desenvolver trabalhos no sentido de tentar analisar as relações dos afetos com a esfera da consciência.

Nesse sentido, os afetos passaram a ser entendidos como “mecanismos de regulação homeostática cerebral” e a integrar um “sistema de avaliação das operações mentais”, que consiste em funções de avaliação primária da excitação de vários processos relacionados ao sistema límbico, considerados, pelas neurociências, responsáveis pelo controle das respostas “instintivas e emocionais” e pela orientação de uma variedade de processos secundários de avaliação das capacidades cognitivas.

Esses pesquisadores sugerem que existem dois mecanismos básicos relacionados à esfera afetiva: o mecanismo do afeto, propriamente dito, e o mecanismo da vigilância, de modo que os níveis de excitação desses processos definem a intensidade dos afetos. Assim, a cada sistema de avaliação envolvido, há um circuito distinguível para cada sistema operativo emocional ou “afeto básico”, que está distribuído através de um neuro-eixo (tronco cerebral e conjugação com áreas do sistema límbico). Cada “afeto básico”, dessa forma, “seria um sistema de sinais entre neurotransmissores que conduziria a informação sobre o julgamento do valor atribuído para o córtex e para os sistemas motores, orientando, assim, a motivação, o pensamento e o comportamento.”⁸⁹

Logo, no campo das neurociências, o papel dos afetos está intimamente relacionado ao seu caráter adaptativo, sendo que a “tomada em consideração” dos afetos só foi possível em função da atribuição de um lugar relevante no processo evolutivo das espécies. Não podemos

---

⁸⁹ DAVID, M. O papel dos afectos no funcionamento do aparelho mental. **Vínculo – Revista do NESME**, v. 1, n. 5, p. 1-17, jun. 2008. p. 12.

esquecer, ainda, que as neurociências são campos da biologia e se submetem ao grande princípio norteador dessa ciência (ou lei, como querem alguns), que é a teoria da evolução, postulada por Darwin, com suas alterações posteriores; dessa forma, segundo esse ponto de vista, os afetos são aquilo que promove a modulação do processo de autorregulação do indivíduo biológico e o desenvolvimento da cognição humana.⁹⁰

É a partir desse ponto que a contribuição da neuropsicanálise toma seu lugar. Para ela, há uma forte congruência entre os aspectos mencionados e a teoria freudiana. Ainda, seus autores, em regra, reconhecem que não há, ao longo dos textos freudianos, algo que pode ser caracterizado como teoria dos afetos; apesar disso, retiram dela alguns aspectos, que poderiam justificar essa aproximação entre a psicanálise e as neurociências.

Do ponto de vista da neuropsicanálise, a contribuição freudiana aponta que os “afetos são uma espécie de percepção das alterações de funcionamento dos estados internos do organismo”⁹¹, sendo que, a essas alterações percebidas, devem seguir ações e movimentos visando a restituir o organismo ao estado original. Nesse sentido, o aparelho mental, tal como preconizado por Freud, tem seu funcionamento geral governado por um mecanismo regulador denominado “princípio do prazer”, que é, então, responsável pela atribuição de valores ou graus às atividades mentais diversas, no sentido de atribuir a qualidade de prazer à satisfação das necessidades internas – ou redução quantitativa da pressão pulsional – e a de desprazer ao processo inverso, isto é, de aumento da tensão pulsional, provocado pelo não atendimento às necessidades internas.

Dessa forma, a origem e a finalidade dos afetos estão relacionadas a um processo de atribuição de valores aos estados dinâmicos do aparelho psíquico, com o intuito de propiciar à consciência a capacidade de “tomar decisões”. Esse mecanismo, evidentemente, é de crucial importância para a sobrevivência do organismo, bem como realimentado pelas experiências

---

⁹⁰ SOUSSUMI, Y. Afetos, sobrevivência e desenvolvimento na neuropsicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 39, n. 3, p. 129-134, 2005.

⁹¹ Ibid.

anteriores, que ajudam a consciência em seu processo de provocar ações e movimentos por parte do organismo, determinando, assim, seus comportamentos. Já a regulação do aparelho psíquico, inicialmente realizada pelo princípio do prazer, evolui para o princípio da realidade, ao longo do processo de “maturação psíquica”, cabendo ao ego, então, intervir e administrar as tensões recebidas pelo aparelho, no sentido de permitir ao indivíduo o adiamento da descarga motora, “produzindo um estado de tensão dinâmica, no qual a energia ligada às pulsões pode ser entregue ao serviço do pensamento, em vez de ser descarregada de modo reflexo.”⁹²

A partir dessa ótica, os afetos são cargas de energia representativas dos estados somáticos do organismo, resultantes do trabalho de suas estruturas internas, e têm como tarefa gerar movimentos e ações para manter inalterada a condição interna deste. Assim, uma vez que esse processo, conhecido como homeostase, é fundamental para a sobrevivência de qualquer organismo e, por consequência, também do indivíduo humano, a qualidade da percepção dessas quantidades (os afetos, propriamente ditos) não é irrelevante, pois pode significar a sobrevivência ou a morte de um determinado organismo.

Além disso, os afetos representam uma primeira noção do “eu”, na medida em que permitirem ao indivíduo direcionar seus movimentos e ações nessa ou naquela direção, em busca de um estado de reequilíbrio, ou seja, os afetos são responsáveis por desencadear os processos de homeostase e autorregulação, que garantem a sobrevivência. Eles estão, dessa forma, no cerne do processo de evolução das espécies, uma vez que estruturam, do ponto de vista da biologia, o “instinto de sobrevivência”.

Para os neuropsicanalistas, essa tese evolucionista dos afetos já estava presente nos estudos freudianos, em especial nos textos que tratam das teorias das pulsões (ou dos instintos);⁹³ nesse contexto, a tese freudiana que supõe um princípio do prazer responsável pelo processo homeostático dos organismos encontra sua contraparte nas neurociências. A descrição

---

⁹² DAVID, op. cit., p. 7.

⁹³ Dois textos de Freud são frequentemente citados: *Os instintos e suas vicissitudes*, de 1915, e *Além do princípio do prazer*, de 1920.

a seguir é árida em função dos termos técnicos, mas o relevante para nós é a ideia de que se trata, segundo os neuropsicanalistas, da mesma descrição efetuada pela psicanálise.

Assim, do ponto de vista neurocientífico, há estudos que apontam que nos

momentos precoces da vida do homem, ainda nos últimos meses da vida fetal, as estruturas situadas nas regiões bulbopontinas, já funcionantes, são responsáveis pela auto-regulação orgânica, em que se destaca o PAG (substância cinzenta periaquedutal). Após o nascimento, à medida que se desenvolvem os núcleos nas regiões do mesencéfalo na área tegmental ventral e o hipotálamo, todas essas estruturas passam a desempenhar papel importante nas funções homeostáticas. Com o posterior desenvolvimento do organismo, a esses mecanismos homeostáticos, que na realidade são mecanismos que envolvem os afetos, associam-se os já conhecidos sistemas emocionais, que incluem o sistema límbico, o tálamo, o hipotálamo e o PAG, e, posteriormente, outras estruturas como o giro do cíngulo, principalmente na sua área anterior, envolvido na regulação das emoções e da cognição, a ínsula e a região ventromedial do lobo frontal, principalmente no seu núcleo orbitofrontal, que é considerado o senhor executivo do sistema límbico.⁹⁴

Em que pese a abundância de termos neurológicos no texto citado, ele tem a intenção de demonstrar a proximidade das descobertas neurocientíficas (no que diz respeito à precocidade do processo de homeostase) com as considerações psicanalíticas a respeito dos afetos. Mais ainda, sugere a importância dos primeiros anos de vida dos bebês e conclui que é fundamental desenvolver estudos e investigações a respeito da “relação da mãe, ou dos cuidadores, com o bebê, que é decisiva na formação e desenvolvimento posterior dos recursos de sobrevivência e do sistema nervoso do bebê, da criança e do futuro adolescente e adulto.”⁹⁵

Para Solms, esse assunto é revestido de importância maior e vai ao encontro das postulações enunciadas até aqui, uma vez que os afetos “são uma modalidade perceptiva estimulada internamente”, que possui características de uma consciência, isto é, de algo próprio ao indivíduo, e é irreduzível a outras modalidades de percepção (visão, audição, paladar, olfato, sensação proprioceptiva), em função de sua calibração estar assentada sobre a dualidade prazer-

---

⁹⁴ SOUSSUMI, 2005.

⁹⁵ SOUSSUMI, 2005, p. 129-134.

desprazer. Isso, para o autor, significa que os afetos são percepções que “registram o estado interno do sujeito”, em oposição às demais, que refletem aspectos do “mundo externo”.

Essa diferença seria de tal modo radical que “mesmo que um afeto fosse desencadeado por algo que ocorresse no mundo externo, o que seria realmente percebido na modalidade afetiva, seria a reação do sujeito em relação ao estímulo interno e não o estímulo em si mesmo.”⁹⁶ Assim, a ansiedade do nascimento, por exemplo, seria fruto de um estado interno de percepção de impotência e não “devido à percepção de algum perigo objetivo para a vida do bebê”,⁹⁷ o que reforçaria a importância da “qualidade” da relação das mães com seus filhos ou dos cuidadores com os bebês sob seus cuidados, como preconizados desde sempre por diversas linhas psicanalíticas.

*

Feitas essas considerações, poderíamos nos perguntar se a metodologia da neuropsicanálise, de fato, revolucionou a interpretação ou a hermenêutica dos textos freudianos e se altera, de alguma forma, a teoria e a clínica psicanalíticas, que não se resumem, evidentemente, às propostas freudianas.

As aproximações entre os campos, como tentamos deixar claro, fazem-se, aparentemente, pela escolha de conceitos psicanalíticos, que apresentam características, ou funcionamentos, dentro da estrutura da psicanálise, parecidos com as descrições de processos neurocientíficos. No entanto, em princípio, e pelo que pôde ser pesquisado até o momento, não se pode efetivamente falar que as descobertas neurocientíficas geraram alguma influência sobre a psicanálise, enquanto *corpus* teórico e vice-versa. Ainda, embora Solms e outros

---

⁹⁶ SOLMS, M.; NERSESSIAN, E. Freud's theory of affect: questions for neuroscience. **International Journal of Neuro-Psychoanalysis**, London, v. 1, n. 1, p. 11-12, 1999.

⁹⁷ Ibid., p. 6.

neuropsicanalistas façam questão de dizer que não se trata de fazer a psicanálise capitular à ciência, tudo indica que a aproximação entre os dois campos representa, na verdade, apenas uma possibilidade de falar que um determinado tipo de funcionamento psíquico pôde ser comprovado cientificamente, ou seja, aparentemente trata-se, à maneira de muitos outros campos de saber contemporâneos, de um ganho de *status* para a psicanálise, que teria sua teoria, ao menos em parte, comprovada pelas descobertas das neurociências.

Nesse sentido, a crítica à neuropsicanálise poderia provir do campo interno à obra freudiana, o que poderia ser feito, por exemplo, tomando em consideração o tratamento que Freud dispensa ao conceito de pulsão de morte. Ora, a pulsão de morte provoca desequilíbrios e contraria a tese biológica da homeostase, como princípio único a reger os processos do organismo humano, e a do “instinto de sobrevivência”. Aliás, a esse respeito, Silva Jr. é bastante categórico: “a idéia de pulsão de morte é incompatível com a teoria da evolução das espécies de Darwin”⁹⁸, sendo que poderíamos complementar essa ideia citando Laurent: “Mas, sabemos, desde a segunda teoria das pulsões em Freud, e com Lacan, que o sujeito prefere o gozo à autoconservação, e que o narcisismo não é barreira contra a pulsão de morte.”⁹⁹ Em outras palavras, a pulsão de morte é um conceito freudiano de fora da biologia e sua presença na teoria freudiana, jamais abandonada, indica um ponto de desequilíbrio permanente na esfera íntima do sujeito, apontando, dessa forma, para um impossível de redução da psicanálise à biologia.

Independentemente a esses aspectos, nossa intenção é demonstrar que, com Lacan, um projeto como o da neuropsicanálise não pode se sustentar, pois para ele a psicanálise não é um projeto que pode ser assimilado pela ciência; ao contrário, a psicanálise lacaniana demonstra a existência de um real que é sem furos e só pode ser conhecido pelo forçamento do simbólico, que sempre será limitado. Aliás, Lacan, no seminário *O saber do psicanalista*, ocorrido entre 1971 e 1972, diz não ser um pensador “daqueles que opõem a cultura à natureza”, pela simples

⁹⁸ SILVA JR., comunicação verbal.

⁹⁹ LAURENT, E. A sociedade do sintoma. In: **A sociedade do sintoma**: a psicanálise, hoje. Tradução de Vera A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa Liv. Ltda., 2007a. p. 169.

razão de que a natureza não pode ser outra coisa que uma criação da cultura;¹⁰⁰ posição coerente com sua concepção de ciência, como fruto de um processo histórico definido, a Modernidade.¹⁰¹

Em Lacan, portanto, o projeto da psicanálise toma rumos outros, divergentes à força de atração exercida pelos modelos biológicos: “acreditamos pensar com o cérebro. Quanto a mim, penso com meus pés. É somente aí que encontro algo de duro. Às vezes penso com os subcutâneos da testa, quando bato a cabeça. Vi eletroencefalogramas o suficiente para saber que não há sombra de pensamento.”¹⁰²

Sua irônica frase não pode representar outra coisa senão a afirmação da especificidade do campo psicanalítico frente às neurociências, isto é, de que o estudo do psiquismo só encontra um verdadeiro respaldo teórico enquanto determinado pelo significante, sendo que essa determinação significante o exclui de qualquer possibilidade de localização física. Trataremos disso nos capítulos que se seguem.

---

¹⁰⁰ “O natural é tudo o que se veste com o uniforme do saber – e Deus sabe que isso não falta! – e um discurso que é feito unicamente para que o saber faça uniforme é o discurso universitário. É totalmente claro que a veste de que se trata é a idéia da natureza. [...] Não pensem que sou daqueles que opõem a cultura à natureza. Primeiramente, porque a natureza é precisamente um fruto da cultura.” (LACAN, J. **O seminário: o saber do psicanalista** (1971-1972). Tradução de Ana Izabel Corrêa, Leticia P. Fonseca e Nanette Zmery Frej. Recife: [s.n.], 1997. (Publicação não comercial, exclusiva para os membros do Centro de Estudos Freudianos de Recife). p. 23).

¹⁰¹ Influenciada pelas concepções de KOYRÉ, A. **Do mundo fechado ao universo infinito**. Tradução de Donaldson M. Garschagen. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

¹⁰² LACAN, J., citado por TEIXEIRA, M. R., 2005a, p. 275.

3.1 A QUESTÃO DO ESTATUTO DO SABER PSICANALÍTICO

No capítulo anterior, procuramos expor as tentativas e pressupostos de um novo campo do saber, intitulado neuropsicanálise, cujo objetivo é conciliar as descobertas psicanalíticas com as prolixas descobertas das ciências do cérebro, sendo que muitos autores desse novo campo insistem que esse diálogo é fértil para a psicanálise ou que ela “não pode se furtar a considerar os avanços da ciência” e que, por outro lado, as neurociências têm muito a avançar com as hipóteses freudianas. Já neste capítulo, trataremos de fazer oposição a essas teses e tentaremos demonstrar que elas não se sustentam como um projeto epistemológico próprio.

Nesse sentido, a concepção de que é possível estabelecer um método que funcionasse como uma espécie de ponte entre a psicanálise e as neurociências, ignorando-se que esses termos representam saberes construídos por complexas cadeias conceituais e que possuem entre si intrincados níveis de coerência interna, aparenta ser algo de difícil e improvável sustentação. Por exemplo, se fosse verdade a ideia de que a teoria freudiana possui conceitos retirados da biologia, ela seria um fator de aproximação com as neurociências e indicaria que os dois saberes possuem a mesma origem epistemológica; assim, não teríamos o problema de tentar estabelecer caminhos metodológicos que fizessem a “tradução” de um campo ao outro, conceito no qual, como vimos, apostam os neuropsicanalistas, tendo Mark Solms à frente.

Contudo, a proposta de que haja diálogos entre campos diversos, sem dúvida, é salutar, mas, em princípio, esse diálogo estabelece-se mais entre os profissionais e praticantes de um determinado ofício do que entre os saberes propriamente ditos e a razão para isso é que, muito provavelmente, não há pontes entre universos epistemológicos diversos.

3.2 FREUD E A BIOLOGIA

De fato, a formação profissional de Freud em medicina coloca-o no centro de uma perspectiva histórico-cultural tributária, em alto grau, de cânones científicos. As questões filosóficas da época, entretanto, não eram de todo conhecidas por Freud, o que não o impedia de manifestar, com muita clareza, sua oposição firme contra a concepção de que a psicanálise podia ocupar um lugar filosófico próximo à “visão de mundo” (*Weltanschauung*): “Em minha opinião, a psicanálise é incapaz de criar uma *Weltanschauung* por si mesma. A psicanálise não precisa de uma *Weltanschauung*, faz parte da ciência e pode aderir à *Weltanschauung* científica.”^{103,104} Ainda, em muitos textos, ele faz referência à questão do lugar a ser ocupado pela psicanálise, além de ser possível encontrar trechos em que se mostra herdeiro de, por exemplo, Darwin ou Helmholtz.

Mesmo quando trata de sua “bruxa metapsicológica”, ele faz questão de buscar referências nas concepções científicas de sua época – por exemplo, ao tratar da questão metapsicológica do inconsciente, o faz a partir de modelos retirados da física,¹⁰⁵ sendo que a forma de abordagem do inconsciente dá-se a partir de três modelos: o modelo tópico (espacial), o dinâmico (forças) e o econômico (energia), em clara alusão a conceitos e teorias daquela ciência¹⁰⁶, ou seja, mesmo quando Freud entendia que o estudo de um determinado assunto

---

¹⁰³ FREUD, S. **Conferência XXXV**: a questão de uma *Weltanschauung*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago Ed. Ltda., 1987b. 22v. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud). p. 220.

¹⁰⁴ A respeito de a psicanálise ser ou não uma *Weltanschauung*, Lacan está de acordo com Freud: “Quer se transportar tudo isso para não sei o quê, algo que não interessa absolutamente, o que designam com essa palavra amável que parece um espirro, *Weltanschauung*. Longe de mim tal pretensão. É a coisa de que tenho mais horror. Graças a Deus, nunca vou me entregar a ela. A nenhuma *Weltanschauung*. Até mesmo todas as outras, *Weltanschauungen*, vomito-as.” (LACAN, 2006a, p. 81).

¹⁰⁵ Cf. FREUD, S. **O inconsciente**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago Ed. Ltda., 1987c. 14v. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud). p. 191-233.

¹⁰⁶ A possibilidade de um processo psíquico poder ser descrito nesses três aspectos define o que Freud entende como uma apresentação metapsicológica.

requeria dar atenção às “especulações”, ele o fazia a partir das ciências estabelecidas de sua época.

Na prática, para o filósofo Richard Simanke, em artigo intitulado *A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas*¹⁰⁷, Freud não teria concebido qualquer outra possibilidade para a psicanálise que não a de inseri-la nas ciências naturais:

A unidade do projeto freudiano [...] permite que seja caracterizado como um *naturalismo integral*, no sentido de que pretende abarcar tanto o psiquismo individual quanto o social, tanto os aspectos psicodinâmicos e impulsivos da mente, quanto sua dimensão qualitativa, experiencial e subjetiva, tanto o emocional quanto o cognitivo.¹⁰⁸

Apesar dessa afirmação, Simanke, no mesmo texto, considera que a ideia de naturalismo de Freud não se confundia com a concepção do “naturalismo positivista”: “[...] embora fique claro que, para Freud, ciência natural seja sinônimo de ciência *tout court*, não é o mesmo modelo importado das chamadas ciências da matéria que ele procura assim generalizar”. Se havia em Freud, então, um projeto de naturalização da psicanálise, este não se confundia, em sua totalidade, com o próprio projeto das ciências biológicas de sua época uma vez que ele trabalha com a hipótese de ser possível a construção de um processo de “naturalização dos sentidos” que permitisse a superação da clássica distinção entre interpretar e explicar, sendo admissível, nesse contexto, que a significação de um ato mental, por exemplo, pudesse exercer a função de causa, tanto como exerciam as funções biológicas, propriamente ditas. Ainda, a “natureza” de Freud admitia que lhe fossem incorporadas características que não lhe eram atribuídas pela ciência natural oficial, como as ideias de conflito ou significação.

¹⁰⁷ SIMANKE, R. T. A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 221-235, abr./jun. 2009.

¹⁰⁸ Ibid., p. 232.

Dessa forma, se é verdade que Freud nunca abandonou sua crença de que a psicanálise era integrante das ciências naturais, é igualmente verdadeiro que ele não desconhecia a limitação do modelo epistemológico que as embasavam, ou seja, se ele se colocava como herdeiro da filosofia da natureza de seu tempo, o que se demonstra claramente pelo recurso a explicações de caráter fisicalista e mesmo mecanicista, encontráveis em seus textos,

é possível duvidar-se de que ele a tenha assumido apenas passivamente. A virtude epistemológica de Freud, ao contrário, parece ter sido sua disposição de permitir que a sua concepção de ciência se fosse modificando à medida que sua investigação avançava, sem prejuízo para sua convicção de que permanecia dentro das fronteiras das ciências da natureza.¹⁰⁹

De nosso ponto de vista, contudo, é possível sustentar que Freud construiu o saber psicanalítico em conhecido confronto com os modelos da ciência de sua época. Assim, não é temerário afirmar que o “universo especulativo” freudiano ocupou um lugar muito mais relevante na formação da psicanálise que suas presumíveis origens biológicas.

Nesse sentido, há textos fundamentais de sua obra que expressam muito claramente essa tensão entre o saber psicanalítico, então em construção, e alguns dos modelos científicos então vigentes. Por exemplo, podemos localizar, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, uma exposição clara a respeito da sexualidade humana, que extrapola as considerações biológicas e não se conforma ao padrão clássico de que sua função é a reprodução do indivíduo e da espécie. Ao contrário, a sexualidade infantil, apontada e “descoberta” por Freud, divide-se numa gama de pulsões parciais, que somente após um processo de desenvolvimento e maturação do organismo conformar-se-ão em torno da genitalidade, o que não possui caráter exclusivo de natureza, isto é, não há nessa conformação apenas a pressão imperiosa dos instintos.

Se Freud identifica a genitalidade como uma sexualidade humana desejável, ela, contudo, não seria algo certo, como se poderia pensar, caso fosse fruto de meras injunções

---

¹⁰⁹ SIMANKE, op. cit., p. 232.

naturais, de caráter estereotipado, como seriam as provenientes dos instintos.¹¹⁰ Além disso, a compreensão da sexualidade infantil, a partir desse conceito-fronteira entre o psíquico e o biológico, como ele define o conceito de pulsão, adquiriu importância para a compreensão dos quadros neuróticos individuais e da capacidade desses indivíduos de se lançarem na formação de compromissos sociais amplos, que sustentassem a cultura e a sociedade.¹¹¹ Ainda, a descoberta da sexualidade infantil pré-genital foi um grande passo para a compreensão das perturbações mentais, ao mesmo tempo em que permitiu a Freud afirmar que nela se exercem influências de caráter cultural e, principalmente, familiar. A sexualidade, portanto, está na origem dos sintomas e da própria construção social e isso, sem dúvida, não se coadunava com os padrões científicos estritos de sua época.

Outro exemplo pode ser buscado no texto *A interpretação dos sonhos*, já citado, no qual Freud estabelece que os sonhos funcionam como uma via privilegiada de acesso ao inconsciente e seus significados, marcando sua oposição à concepção de que eles não mereceriam interesse científico ou que se resumiriam a ser “epifenômenos” da atividade do sistema cerebral, desprovidos de qualquer sentido.¹¹²

Um terceiro exemplo pode ser encontrado nos estudos sobre a histeria, como, por exemplo, no texto *Algumas considerações para o estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas*, de 1895, no qual também explicita seu descontentamento com os modelos científicos da época e aponta que a histeria possui causas psicológicas, “à revelia da anatomia”.¹¹³ Essa tese contava com a concordância de Charcot, que, no entanto, acredita numa

---

¹¹⁰ Deixarei de lado a discussão de se a teoria freudiana, nesse ponto, é teleológica, isto é, se Freud acreditava haver um sentido positivo nesse percurso.

¹¹¹ FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1987d. 7v. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud). p. 177-212.

¹¹² Id., 1999.

¹¹³ “Tentarei mostrar que pode haver modificação funcional sem lesão orgânica concomitante [...] peço permissão para passar à área da psicologia – que dificilmente se pode evitar, em se tratando de histeria.” (FREUD, S. **Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias orgânicas motoras e histéricas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago Ed. Ltda., 1987e. 1v. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud). p.189).

origem hereditária para a histeria; segundo ele, mesmo que existisse uma dinâmica inconsciente por detrás dos distúrbios da mente, eles seriam transmitidos de geração para geração.

Ora, Freud também refuta essa tese, escrevendo, em 1896, que muitos distúrbios eram atribuídos à hereditariedade de forma inadequada e que não havia provas de que ela fosse responsável pela eclosão dos sintomas histéricos ou pela “escolha” das neuroses. Citemos Freud:

No que concerne à hereditariedade nervosa, estou longe de poder estimar corretamente sua influência na etiologia das psiconeuroses. Admito que sua presença é indispensável para os casos graves; duvido que seja necessária para os leves; mas estou convencido de que a hereditariedade nervosa, por si só, é incapaz de produzir as psiconeuroses se faltar sua etiologia específica, isto é, a excitação sexual precoce. Creio mesmo que a decisão quanto ao desenvolvimento de uma das duas neuroses, histeria ou obsessão, em determinado caso, não provém da hereditariedade, mas de uma característica especial do evento sexual na tenra infância.¹¹⁴

Afinal, era comum encontrar numa mesma família, em gerações diferentes, diversos tipos de quadros neuróticos (histeria, obsessão) ou psicóticos, sendo que o conceito de “causas concorrentes” ou “séries complementares” apontava para a importância das razões não orgânicas ou “ambientais” (intoxicações, sobrecarga intelectual etc.) no desencadeamento das neuroses e psicoses. Em suma, Freud, ao que nos parece, sempre deu mostras de sua intenção, que não era demolir por completo o edifício das explicações biologizantes, mas demonstrar sua insuficiência.

Segundo Silva Jr., isso não impediu que ele mantivesse a concepção de hereditariedade relacionada a outros aspectos de sua teoria. Por exemplo, “no caso da transmissão das fantasias originárias, do período de latência, da questão da angústia, a transmissão hereditária é afirmada por Freud.”¹¹⁵ Para o autor, essa contradição coaduna-se com a concepção de biologia ou de

¹¹⁴ FREUD, S. **A hereditariedade e a etiologia das neuroses**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago Ed. Ltda., 1987f. 3v. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud). p. 148.

¹¹⁵ SILVA JR., comunicação verbal.

natureza, como apontado também por Simanke, de que há, no projeto freudiano, uma continuidade entre natureza e cultura, bem como de que há uma recusa de uma “biologia essencialmente adaptativa”, a qual se estrutura, principalmente, de um aparelho de linguagem que, como vimos, foi delineado por Freud segundo características que ele denominou psicológicas, em oposição, ou ao menos em contraste, aos processos biológicos, uma vez que possuiria uma causalidade própria, um universo próprio de funcionamento. É por essa razão que a hipótese de Charcot deve ser recusada: ele não leva em consideração a existência desse aparelho de linguagem. “Mas Freud não recusa com isso a existência de uma verdadeira dialética entre os aspectos orgânicos e as características próprias do aparelho de linguagem.”¹¹⁶

Podemos encontrar, então, nesses aspectos, alguns problemas relevantes no projeto da neuropsicanálise:

ela recusa três pontos fortes da epistemologia freudiana da psicanálise como uma ciência da natureza: a) a biologia freudiana não é exclusivamente darwiniana; b) uma dialética entre causalidade orgânica e cultura; c) a estruturação, por parte de Freud, de um aparelho de linguagem, com causalidades e funcionamentos internos, irredutíveis à biologia.¹¹⁷

3.3 A PSICANÁLISE E A NEUROPSICANÁLISE: CRÍTICAS

Desde muito cedo, Freud deu-se conta de que suas descobertas contrariavam os ideais de ciência de sua época, isto é, postular que havia um saber nos sintomas neuróticos e psicóticos, tese também de Lacan, e que esse saber era da ordem do inconsciente era uma demonstração clara de oposição aos cânones então em vigor. Disse Freud a esse respeito:

---

¹¹⁶ SILVA JR., comunicação verbal.

¹¹⁷ Ibid.

A psicanálise, porém, não pode evitar o surgimento dessa contradição; não pode aceitar a identidade do consciente com o mental. Ela define o que é mental, enquanto processos como o sentir, o pensar e o querer, e é obrigada a sustentar que existe o pensar inconsciente e o desejar não apreendido. Dizendo isso, de saída e inutilmente ela perde a simpatia de todos os amigos do pensamento científico solene, e incorre abertamente na suspeita de tratar-se de uma doutrina esotérica, fantástica, ávida de engendrar mistérios e de pescar em águas turvas. Contudo, as senhoras e os senhores naturalmente não podem compreender, por agora, que direito tenho eu de descrever como preconceito uma afirmação de natureza tão abstrata como ‘o que é mental é consciente’.¹¹⁸

Essa afirmação indica o seu descolamento dos ideais científicos relacionados às exigências experimentais e uma aposta na capacidade de convencimento intelectual a partir de considerações de ordem racional e lógica. Assim,

se suas descobertas não podem ser reproduzidas por meio da experimentação, conferindo-lhe o valor de saber científico, é porque Freud se encontrou, exatamente, com outra repetição: aquela que diz de um saber que não sabe a si mesmo, subjetivado e, portanto, muito diferente do saber consciente da ciência.¹¹⁹

Na visão de Ferrari, Freud possuía uma visão positivista no início de sua carreira como neurologista, sendo desse contexto a produção de *Projeto para uma psicologia científica*, o qual, entretanto, foi abandonado, embora ele vivesse em uma época inundada, como a nossa, pela perspectiva do reducionismo do psiquismo à biologia e às funções do cérebro, bem como permeada pela contradição da valorização dos diversos aspectos anímicos da existência, como o das práticas mágicas e religiosas. Essa contradição, contudo, interessou o Freud pensador da cultura, que buscava esclarecer o porquê do homem comum abandonar a razão para se valer de saberes irracionais. Nesse contexto, a postura dele frente à ciência talvez aponte para sua a desconfiança de que ela apresentava, em seu bojo, algo da ordem da “irracionalidade”.

¹¹⁸ FREUD, S. **Conferência I**: introdução. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago Ed. Ltda., 1987g. 15v. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud). p. 34-35.

¹¹⁹ FERRARI, I. F. A psicanálise no mundo da ciência. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 8, n. 11, p. 82-91, jun. 2002. p. 85.

Entendemos que o ensino de Lacan, ou seu projeto psicanalítico, é uma tentativa bem-sucedida, de demonstrar isso, como veremos mais adiante.

A psicanálise, em seu início, flertou com o modelo científico, pois ele era o padrão de saber erigido sobre a razão. “O freqüentador da obra freudiana encontrará, todavia, principalmente o *psicanalista* que valora a ciência como um limite necessário à ilusão e que recorre à física e à fisiologia de sua época para teorizar o inconsciente, promovendo um cientificismo para a psicanálise que não podia ser ciência.”¹²⁰ Por sua vez, em uma entrevista concedida ao Jornal O Globo, em 12 de fevereiro de 2000, a psicanalista e historiadora francesa Elisabeth Roudinesco declarou que a psicanálise é uma teoria da liberdade, situada em algum ponto de um caminho entre a filosofia e a ciência, e, por essa razão, ela se volta e denuncia, com certa frequência, o caráter autoritário que se constrói em torno da cientificação do mundo.¹²¹

As críticas que a psicanálise formula são, invariavelmente, respondidas através de estudos que demonstram sua ineficácia ou de estudos que pretendem descobrir os processos biológicos que dariam sustentação às afirmações e conceitos psicanalíticos.¹²² Encontra-se aí o suporte de fé dos neuropsicanalistas, como vimos anteriormente. O projeto da neuropsicanálise, contudo, encontra muitos obstáculos à sua frente. Nesse sentido, verificamos que o diálogo entre as neurociências e a psicanálise tem produzido pesquisas que ocasionam, do nosso ponto de vista, certo “forçamento” a fim de obter a correlação entre os achados e os conceitos, que têm origens diversas, gerando certa confusão a respeito de seus objetos e limites de atuação.

Como já tentamos estabelecer, há muita dificuldade em determinar o que é a psicanálise, uma vez que há diversas linhas e escolas, que privilegiam aspectos diversos da teoria freudiana, sendo que o mesmo ocorre com as neurociências, pois esse campo não apresenta um caráter

---

¹²⁰ FERRARI, op. cit., p. 85.

¹²¹ ROUDINESCO, E. Entrevista. **Jornal O Globo**, 12 fev. 2000. “Prosa & Verso. p. 6.

¹²² Daí, a nosso ver, a pouca repercussão de estudos estatísticos que revelariam a “eficácia” da psicanálise, uma vez que muitos psicanalistas prendem-se a esses aspectos e esquecem algo mais relevante: a primazia do modelo científico da biologia. Não basta, portanto, tecer relações estatísticas entre depoimentos de pacientes e classes de sintomas para afirmar a “eficácia” de um saber; é preciso, ainda, “reduzi-los” à biologia, sem o que as variações estatísticas não terão “causa” reconhecida.

homogêneo, como se poderia imaginar, havendo diferentes visões a respeito da relação mente-cérebro ou, mais especificamente, do papel da consciência.

Hoje, a maioria dos filósofos da mente concorda que aquilo que chamamos de consciência deriva do cérebro, mas alguns discordam de Crick em relação à visão de que ela possa um dia vir a ser abordada pela ciência. Alguns poucos, como Colin McGinn, acreditam que a consciência simplesmente não pode ser estudada porque a arquitetura do cérebro impõe limitações às capacidades cognitivas humanas. Na perspectiva de McGinn, a mente humana pode se mostrar incapaz de resolver certos problemas. No outro extremo, filósofos como Daniel Dennett afirmam que o problema simplesmente não existe. O argumento de Dennett, bastante próximo da visão formulada pelo neurologista John Hughlings Jackson um século atrás, é que a consciência não é uma operação distinta do cérebro. Ela é o resultado combinado das operações computacionais de áreas superiores do cérebro envolvidas com os estágios finais do processamento da informação.¹²³

Já para outros filósofos, como John Searle e Thomas Nagel, a consciência é um conjunto distinto de processos biológicos, em que a soma das partes diverge consideravelmente do todo, o que tornaria o exercício de redução à biologia algo infrutífero ou, ao menos, bastante problemático.

Outro pesquisador da área, H. Maturana, entende que os organismos e os meios em que se encontram não podem ser compreendidos a não ser como componentes de uma unidade, que, dessa forma, sempre se alteram de forma conjunta. Em função disso, o autor põe-se, por exemplo, em oposição firme aos pesquisadores que afirmam ser a consciência um mero epifenômeno do funcionamento cerebral, visto que, para ele, não há como não entender uma característica, como a consciência, como algo que só pode ser percebido e captado em contexto, isto é, na vivência de uma determinada experiência. A consciência, assim,

não pode ser manejada como se fosse uma entidade ou um processo, ou uma operação do sistema nervoso, nem pode ser relacionada a um detalhe

---

¹²³ KANDEL, E. R. **Em busca da memória**: o nascimento de uma nova ciência da mente. Tradução de Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 408-409.

estrutural do sistema nervoso, ainda que, se a estrutura do sistema nervoso for alterada, a experiência da consciência também se altera ou desaparece.¹²⁴

Outro exemplo que poderia ser dado a esse respeito refere-se ao estudo das emoções. Nesse contexto, Bennett e Hacker apontam diversos problemas nos estudos neurocientíficos das emoções, a começar pelas “diferenças entre a emoção humana e animal”, isso porque os modelos animais costumam ser utilizados com frequência e seus resultados extrapolados para a condição humana. Tal situação permite, na abordagem neurocientífica, uma ideia difusa de que a teoria da evolução das espécies autoriza esses “saltos” nas conclusões obtidas a partir desses modelos. Assim, o que esses autores, um fisiologista e um “filósofo da mente”, salientam é que “[...] os seres humanos normalmente reflectem naquilo que lhes interessa, enquanto os animais que não usam linguagem simplesmente manifestam no comportamento aquilo com que se preocupam (o território, a posse da presa, o predomínio do grupo, etc.).”¹²⁵ Daí concluírem que os fatores que geram as emoções nos animais são um tanto mais restritos que aqueles que ocorrem em seres de linguagem, como os humanos.

Stephen Jay Gould também é um autor fundamental nessa questão; o paleontólogo, estudioso da teoria da evolução, faz uma crítica bastante severa dos pressupostos da sociobiologia, que, em certo sentido, transformou-se na atual “psicologia evolucionista”. Diz ele:

os sociobiólogos são frequentemente enganados por ilusórias similaridades externas e superficiais entre comportamentos humanos e de outros animais. Eles pespegam rótulos humanos no que outras criaturas fazem e falam da escravidão das formigas, do estupro das marrecas selvagens e do adultério dos azulões-da-montanha. Como esses ‘traços’ presentemente existem entre animais inferiores, eles podem ser inferidos como naturais, genéticos e adaptativos nos humanos. [...] Que história mais antiga! Colocamos a

¹²⁴ MATURANA, H. citado por NOGUEIRA FILHO, D. M. O inato e o adquirido. In: Encontro Latino Americano dos Estados Gerais da Psicanálise, 4., 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Estados Gerais, 2005. Disponível em:

<http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Durval_Mazzei.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2009. p. 5.

¹²⁵ BENNETT, M. R.; HACKER, P. M. S. **Fundamentos filosóficos da neurociência**. Tradução de Rui Alberto Pacheco. Lisboa: Instituto Piaget, 2003. p. 227.

natureza no espelho e vemos nós mesmos e nossos preconceitos ali refletidos.¹²⁶

Como se pode perceber, a elaboração dos experimentos científicos, da experimentação enquanto fundamento da ciência, não prescinde da “observação” e nela, muitas vezes, estão refletidos valores e ideologias que não podem ser retirados do próprio processo de captação de dados. Há, ainda, uma questão adicional a isso tudo; trata-se da forma como os cientistas teorizam e trabalham as relações entre “organismo e meio”.

Numa doutrina que pode ser considerada mais conservadora em relação às ideias da seleção natural¹²⁷, os organismos situam-se no meio ambiente a partir de sua constituição enquanto tal, isto é, com uma carga genética já constituída, e isso determina a eficiência de sua adaptabilidade ou não. Essa forma de enxergar a dinâmica organismo-meio permite que se estudem, então, partes dos organismos e tente relacioná-las com uma melhor ou pior possibilidade de existência e sobrevivência no meio que o cerca. No entanto, esse modelo prescinde da ideia de que, na vida real dos seres, há uma interação permanente entre os dois aspectos, em seu todo. Se nos estudos biológicos dos vegetais e dos outros animais isso pode não representar um grande problema, o método, quando estendido ao animal humano, corre o risco de, segundo Atlan, tomar pequenas correlações feitas e as estender “à totalidade da existência, acreditando-se, assim, que se possa, com base no conhecimento científico, deduzir os valores morais, políticos e sociais.” Assim, de seu ponto de vista, se o que é cientificamente falso não pode descrever a realidade, “o que é cientificamente verdadeiro não esgota a

---

¹²⁶ GOULD, S. J. Nosso lugar natural. In: **A galinha e seus dentes e outras reflexões sobre a história natural**. Tradução de David Dana. São Paulo: Paz e Terra, 1992. p. 244.

¹²⁷ Não nos aprofundaremos nesse tema, mas o fato de haver várias interpretações a respeito da teoria da evolução e de seu mecanismo, a seleção natural, manifesta um problema de ordem epistemológica no seio das ciências biológicas. Tal não ocorre na física, em que uma teoria consegue se estabelecer, de fato, como um paradigma, nos termos da teoria epistemológica de Kuhn.

realidade”.¹²⁸ A esse respeito, o cientista Maturana diz que as dinâmicas de constituição do indivíduo e do corpo social são mais do que interdependentes, são “interconstituintes”.

Na verdade, as frases de Kandel, Bennett e Hacker, Maturana e Atlan são uma demonstração das dificuldades metodológicas internas ao próprio campo das neurociências, ao mostrarem que há, dentro do campo da biologia, pesquisadores preocupados com a delimitação adequada do alcance de suas descobertas e conclusões e com o excesso de ilações feitas a respeito do assunto, que acabam por produzir um discurso sobre a biologia ou as neurociências para além do que elas, efetivamente, produzem. Já do nosso ponto de vista, essas questões indicam que é extremamente difícil construir pontes se não se sabe onde elas começarão e em que margem aportarão, sendo essa razão de se encontrar críticas a projetos como da neuropsicanálise de ambos os lados.

O psiquiatra e psicanalista colombiano Urrego, por sua vez, considera que as descobertas das neurociências não podem significar a confirmação ou a negação das teses psicanalíticas, pois “Simplesmente não se situam no mesmo nível e não creio equivocarme ao afirmar que também não estão na contramão.”¹²⁹ Considera, ainda, como meras especulações as afirmações, como a do neurocientista R. Pally, de que “a psicanálise pode, agindo e alterando a plasticidade do córtex, melhorar o seu funcionamento, e, conseqüentemente, agir na modulação das emoções”, pois elas negligenciam que o termo ‘emoções’ é tomado, epistemologicamente, de modos não compatíveis num campo e noutro.

No mesmo contexto, a memória, a consciência e a percepção, temas privilegiados pelas pesquisas das neurociências e da neuropsicanálise e relevantes na obra freudiana, não podem ser consideradas ou tratadas como pontos fundamentais. Além disso, a descoberta revolucionária da psicanálise, segundo Bastos,

---

¹²⁸ Ver ATLAN, H. Será que a ciência cria valores? In: PASTERNAK, G. P. **A ciência: Deus ou diabo?** Tradução de Edgard A. Carvalho e Mariza P. Bosco. São Paulo: Ed. Unesp, 2001.

¹²⁹ URREGO, J. citado por BASTOS, L. A. M. Psicanálise baseada em evidências? **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 12, n. 2, p. 391-408, jul./dez. 2002. p. 394.

é a descoberta do inconsciente, que deslocou o sujeito do pólo da racionalidade, destronando o privilégio da consciência. O inconsciente não é meramente um 'sentido oculto'. Sua existência pressupõe a elucidação do sintoma conjuntamente com um método no qual a transferência é fundamental.¹³⁰

Há, entretanto, outro problema que, a nosso ver, impede esse diálogo entre os dois campos, relacionado ao espaço cada vez maior dado pela medicina contemporânea ao uso da tecnologia de exames e diagnósticos, filosofia de trabalho em que, como já vimos, é preciso elaborar protocolos que permitam buscar, em cada processo, a eficácia terapêutica.

Nesse contexto, na década de 1990, surge um movimento relacionado à epidemiologia anglo-saxônica, denominado medicina baseada em evidências, com o objetivo de estudar as eficácias diagnósticas e terapêuticas de diversos procedimentos médicos, utilizando a tecnologia médica disponível, que aumenta a cada dia, para subsidiar as investigações clínicas. O propósito era evitar a propagação de procedimentos comuns na medicina, mas que, na prática, não apresentavam bons resultados ou apresentavam resultados insuficientes quando comparados a procedimentos alternativos. Para tanto, o desenvolvimento da informática, por exemplo, ocupou um papel relevante nesse processo, pois permitiu que dados e conclusões obtidos em determinados centros de pesquisa pudessem, facilmente, ser divulgados e compartilhados com diversos outros centros espalhados pelo mundo. Com isso, tornaram-se mais fácil e rápida a formação de consensos e a generalização de procedimentos padronizados.¹³¹

Vale lembrar que, por trás desse movimento, estava um processo contínuo e cada vez mais intensificado de adesão aos avanços da biotecnologia e à crença incondicional na tese de que o conhecimento científico é absolutamente objetivo e a única forma de saber capaz de enunciar verdades. Dessa forma, nesse modelo, é fundamental a credibilidade depositada no instrumental quantificador probabilístico, que transformará qualquer procedimento em

---

¹³⁰ BASTOS, op. cit., p. 397-398.

¹³¹ Ver CASTIEL, L. D. **A medida do possível: saúde, risco e tecnobiociências**. Rio de Janeiro: Ed. Contracapa/Ed. Fiocruz, 1999.

“chance”.¹³² Aliás, a ideia de probabilidade é compreendida, nesse contexto, como um nível quantitativo de certeza (dado pelo número que afirma a porcentagem), que salta da dimensão do subjetivo para a afirmação, agora, objetiva da “realidade probabilística”, que, por sua vez, passa a definir o discurso da ciência. Em outras palavras, a probabilidade passa a ser uma garantia da verdade.

Essa concepção acredita que é possível estabelecer, com muitas garantias probabilísticas, conhecimentos sólidos sobre procedimentos que funcionam, quando funcionam ou não e em que condições funcionam. Entretanto, essa imersão no mundo da técnica torna os profissionais da área da saúde – médicos, em primeiro plano – inaptos para enfrentar a dimensão do sofrimento, sempre presente em qualquer processo de adoecimento: quando ele incomoda em excesso é preciso medicá-lo e não, evidentemente, escutá-lo. Temos, dessa forma, uma medicina de doenças sem doentes, em que a dimensão da singularidade do sofrimento foi totalmente abolida. Afinal, como disse o cirurgião francês Joseph-François Malgaigne (1806-1865): “Que um doente sofra mais ou menos, é isto algo que oferece interesse para a Academia das ciências?”¹³³

3.4 AINDA A QUESTÃO DA EFICÁCIA

A eficácia terapêutica tornou-se um critério fundamental na cultura da biotecnologia, das neurociências e da medicina baseada em evidências; no entanto, o problema da noção de eficácia de um procedimento é que ele precisa referir-se a outro fator, isto é, um determinado

---

¹³² A eficácia de qualquer procedimento será igualmente probabilística: tal procedimento possui 80% de êxito; em 4% dos casos, tal sintoma transformar-se-á em câncer, o que requer, então, a adesão a tal protocolo etc.

¹³³ MALGAIGNE, J.-F. citado por CLAVREUL, 1978, p.162.

procedimento é eficaz se, e somente se, for comparado a um padrão previamente estabelecido e mostrar, diante dele, resultados compatíveis, sendo que esse padrão não é outra coisa senão o conceito de norma ou de normal. Já no caso da medicina, a eficácia terapêutica traduz-se pela capacidade de reintroduzir o doente, no tempo mais breve possível, em seus afazeres e obrigações sociais normais.

O tema da relação entre normalidade e patologia foi tratado em *O normal e o patológico*, livro clássico de Canguilhem, para quem a questão da normalidade representa um impasse para as pretensões científicas do campo biológico: “o biólogo não pode deixar de perseverar na utilização do conceito de normalidade”.¹³⁴ O autor não critica o uso do conceito de normalidade, se circunscrito à relação dos seres vivos com o meio, o que permitiria, por sua vez, através das variações individuais de seus descendentes, o surgimento de novas formas de relações com um meio, agora modificado, e assim sucessivamente. Para ele: “A normalidade do ser vivo não reside nele, passa por ele, expressa, em um lugar e momento determinados, a relação da vida universal com a morte”.¹³⁵ Não obstante essa consideração, Canguilhem chama a atenção para o fato de que a ciência da física não necessita de um conceito dessa ordem para o desenvolvimento de sua estrutura de saber.¹³⁶

Por outro lado, a necessidade da biologia e da medicina de uma noção de normalidade indica a “possibilidade da Biologia não se desvencilhar de critérios, em torno da noção de ‘norma’, que se sustentem muito mais no discurso ideológico”.¹³⁷ Como já mencionamos, a ideia de normalidade da biologia não afetava seu desenvolvimento enquanto ciência, pois ela, em sua formação como saber, ainda não se ocupava com as coisas do “ser do Homem”. Nesse sentido, essa excentricidade metodológica passava praticamente despercebida, mas não tardou para que o interesse dos biólogos chegasse às qualidades humanas, então consideradas tão

---

¹³⁴ CANGUILHEM, G. **Ideología y racionalidad en la historia de las ciencias de la vida**: nuevos estudios de historia y de filosofía de las ciencias. Tradução de Irene Agoff. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2005. p. 172.

¹³⁵ Ibid., p. 167.

¹³⁶ Não há, na física, uma força de gravidade “normal” etc.

¹³⁷ NOGUEIRA FILHO, op. cit.

importantes e relevantes como as dos demais seres vivos e sem grandes diferenças, pois os seres humanos são integrantes do mesmo processo evolutivo pelo qual passaram todas as espécies.

Esse processo, como vimos em parte no capítulo anterior, provocou o surgimento de teorias, no mínimo, constrangedoras e, num limite um pouco mais expandido, cercadas de suspeitas ideológicas graves, como as teorias eugenistas ou de superioridade de uma raça sobre a outra etc., visto que o grande problema da manipulação científica do conceito de normalidade é considerar, em seu *corpus* teórico, questões de alçada social ou cultural sem a devida crítica.

Como aponta Mazzei, a ciência não admite críticas de saberes que não respondam ao seu método, como seria o caso da psicanálise ou das ciências humanas em geral. Nesse mesmo sentido, Jean Clavreul, que tratou, em sua obra *A ordem médica*, de demonstrar a incomunicabilidade do discurso da ciência – no caso, o discurso médico – com os demais discursos, dado o seu caráter autoritário, aponta o sempre presente descaso dessa forma de conhecimento por qualquer outra forma de saber que pudesse se erigir em bases diversas. Por exemplo, o reducionismo do discurso médico e da ciência moderna chega ao ponto de desconsiderar as particularidades históricas e sociais de procedimentos e métodos que funcionavam como tratamentos eficientes nesses contextos.

Considerando que, afinal, não há outra referência a não ser esse saber absoluto e totalizador, que todo conhecimento médico só deve ser avaliado na medida de sua coerência com o discurso médico, a medicina se fecha sobre si mesma num *positivismo* tanto mais rigoroso quanto negligencia mesmo enunciá-lo em termos filosóficos. Quando se submete à crítica é somente à crítica interna, e só admite os elementos estranhos reduzindo-os ao que não rompe sua lógica própria.¹³⁸

Por essa razão, as “medicinas alternativas” podem ser apropriadas pela medicina ocidental, desde que seus fundamentos sofram uma torção explicativa e se encaixem adequadamente ao método. A esse respeito, Clavreul cita dois exemplos: a acupuntura, que

---

¹³⁸ CLAVREUL, op. cit., p. 142-143

passa a ter sua eficiência relacionada à terminologia dos arcos reflexos, ignorando-se “deliberadamente que a medicina chinesa se fundamenta na oposição de um princípio masculino e de um princípio feminino, e que ela sempre se desinteressou pela anatomia e por qualquer localização precisa para a aplicação das agulhas”, e o caso, este mais interessante ainda, que justifica a eficácia da medicina egípcia, baseada na coprologia, “por um conhecimento intuitivo da ação dos antibióticos presentes nos excrementos!”¹³⁹ Mais recentemente, as freiras, que não se alimentavam e viviam enclausuradas em monastérios durante boa parte da Idade Média, foram consideradas exemplos de que a anorexia “sempre existiu” e que não é, portanto, algo surgido em nossos tempos.

Essa característica do modelo científico (em específico do modelo científico aplicado às ciências biológicas), de que nada pode confrontá-lo ou possuir valor de mesmo alcance, corre o risco de gerar uma espécie de “horror biológico” discursivo. Considerando isso, recente trabalho realizado sobre a divulgação de temas científicos em jornais da América Latina (Brasil incluído) indica a preferência desses veículos de comunicação por “assuntos ligados à área de medicina e saúde” e ressalta que em “85% das reportagens de ciência analisadas quase não havia elementos do contexto em que foram feitas as pesquisas noticiadas” e que “o jornalismo científico não costuma recorrer a múltiplas fontes de informações”, o que significa não dar espaço para opiniões divergentes.¹⁴⁰ Esse fenômeno reproduz, a nosso ver, aquilo que tentamos deixar claro anteriormente, de que há um nítido movimento social de cultura em torno da ideia de que a ciência é o único saber possível e válido para o conhecimento das coisas do mundo e, principalmente, do humano.

Não obstante, utilizamos o termo ‘discursivo’, pois, ironicamente, quanto mais avançam as pesquisas na área da biologia, mais se está descobrindo seus limites:

---

¹³⁹ CLAVREUL, op. cit., p. 142-143.

¹⁴⁰ Ver artigo PIVETTA, M. Cobertura parcial. **Revista Pesquisa Fapesp**, edição 177, p. 36-37, nov. 2010.

[...] a ciência ocidental contemporânea [...] está descobrindo até que ponto a natureza é orgânica, dinâmica e interconectada; não existem nexos causais vinculando os genes e as características do organismo, quanto mais à condição humana. Este paradigma desacreditado está sendo perpetuado por uma elite científica que [...] serve às necessidades das grandes empresas e faz com que até as menos éticas das aplicações pareçam atraentes.¹⁴¹

Vale lembrar que essa união entre interesses científicos e econômicos já foi mencionada no Capítulo I deste trabalho, quando sugerimos uma proximidade cada vez maior entre os discursos capitalista e da ciência, a ponto de, talvez, eles se confundirem por completo, numa era dominada não mais pela ciência propriamente dita (em que o objetivo era conhecer o funcionamento da natureza), mas pela chamada tecnociência. “A união medicina/laboratórios/Wall Street possui massa crítica suficiente para introduzir um estilo de pensamento e ação com todas as cores de uma verdade única.”¹⁴²

Nesse sentido, se na economia política dominante o liberalismo tomou conta, com suas concepções antiestatais ao extremo (a não ser quando os bancos quebram e exigem vultosas participações da sociedade, que paga com mais impostos ou aumento na idade de sua aposentadoria), nas ciências da vida o que prevalece é o pensamento que busca, na teoria da evolução, o modelo a ser identificado em qualquer relação social, seja ela do presente ou do passado. Dessa forma, a seleção dos mais aptos, daqueles que, acidentalmente, possuíam mais habilidades adaptativas num determinado ambiente, favorecendo a sobrevivência de seus descendentes, é uma explicação aceita sem contestação, fundando o sucesso da psicologia evolucionista.¹⁴³

Paradoxal e ironicamente, a teoria darwiniana da seleção natural representou, em seu tempo, ideais libertários frente aos ainda impostos postulados obscurantistas da religião, o que cativou cientistas e filósofos da época. No entanto, com tanta penetração social, é difícil

¹⁴¹ WAN-HO, M. A morte do determinismo. **Jornal Folha de São Paulo**, 25 mar. 2001. Caderno MAIS!

¹⁴² NOGUEIRA FILHO, op. cit., p. 4.

¹⁴³ Steven Pinker pode ser considerado, talvez, o mais conhecido representante dessa vertente da psicologia.

perceber que ela ainda permanece no patamar de teoria e não de fato, como procuram atestar alguns biólogos contemporâneos, como Richard Dawkins.

Por outro lado, há alguns biólogos moleculares que são críticos dessa teoria, tal como apresentada pelos biólogos evolucionistas, pois, para eles, as mais recentes descobertas de seu campo demonstram que “as máquinas moleculares erguem uma barreira ainda impenetrável ao alcance do darwinismo” e questionam “se é possível que elas sejam explicadas por mutação aleatória/seleção natural”.¹⁴⁴ Uma vez que esses biólogos moleculares são cientistas modelares, isto é, orientam seus estudos em consonância com os ideais reducionistas presentes na ciência biológica, as conclusões a que chegam indicam que a seleção natural age somente em eventos de escala muito pequena (o exemplo dado por Behe é o da seleção de galinhas caipiras), mas não nos chamados macroeventos da evolução.

Behe, por exemplo, afirma que a biologia molecular entende que o funcionamento molecular é um sistema irredutivelmente complexo, o que quer dizer que ele é “composto de várias partes compatíveis, que interagem entre si e contribuem para sua função básica, caso em que a remoção de uma das partes faria com que o sistema deixasse de funcionar de forma eficiente”. Essa característica implica na improbabilidade de que os sistemas bioquímicos dos organismos tenham sido selecionados ao acaso (casual, aqui, seria o processo que envolve as mutações).

Cabe observar que essas críticas contundentes ao darwinismo e suas derivações não significam desconsiderar a ciência biológica em seu todo, o que seria, evidentemente, um erro; elas apontam, na verdade, para um limite perigoso, muitas vezes transposto, entre o que é ciência e o que é discurso político, que, por sua estrutura e “natureza”, é da ordem da cultura e da história.

---

¹⁴⁴ BEHE, M. **A caixa preta de Darwin: o desafio da bioquímica à teoria da evolução.** Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. p. 12.

O objetivo dos comentários feitos até aqui é demonstrar que as chamadas ciências da vida possuem poderosas contradições internas, uma vez que, em seu próprio *corpus*, há divergências que chegam a pôr em questão alguns de seus próprios fundamentos, como é o caso do papel da evolução nos processos mais “íntimos” dos organismos. Em que pesem essas questões para a discussão a respeito do papel da psicanálise no mundo da ciência, nosso objetivo, a seguir, será apontar para o fato de que o projeto de saber da psicanálise não passa, necessariamente, por elas ou, ao menos, não da maneira como propõem os neuropsicanalistas, como vimos no capítulo anterior.

Em sua tese de doutorado, Lacan já demonstra sua crítica a concepções dessa ordem. Em relação a uma discussão sobre o papel do inatismo na constituição das características humanas, por exemplo, ele se pronuncia da seguinte forma: “Só se deverá, *a priori*, admitir, em última análise, o caráter *inato* de uma propriedade dita constitucional, quando se tratar de uma função cujo desenvolvimento estiver ligado à história do indivíduo, às experiências que nele se inscrevem, à educação pela qual passou.”¹⁴⁵ Quando enunciou isso, ele não estava preocupado em estabelecer a porcentagem das influências orgânicas no desenvolvimento ou na estrutura das características psicológicas em comparação à influência das causas “familiares, sociais ou culturais”, como é bastante comum ouvirmos hoje; na verdade, a obra lacaniana é um percurso, um projeto, em que a questão fundamental é tentar estabelecer o modo pelo qual o ser humano, “falante por natureza”, perdeu seu “lugar natural de nascimento”, ainda que isso aparente uma certa contradição. Isso significa que, ao observar a sociabilidade

como um caráter inteiramente adquirido permite apreender toda manifestação inata em seu lugar, isto é, do lado do orgânico, e reparar que sua *presença*, inegável, não tem, todavia, a dimensão de uma *pertinência* no encadeamento causal psicológico buscado, a menos que se tenha

---

¹⁴⁵ LACAN, J. **Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade**. Tradução de Aluísio Menezes, Marco Antônio C. Jorge e Potiguara M. S. Jr. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987. p. 41.

determinado a maneira pela qual a ordem psicológica se apossa dela e a substitui, para lhe dar sentido.¹⁴⁶

Há, dessa forma, uma diferença na raiz do projeto psicanalítico, ao menos na psicanálise de orientação lacaniana, que determina a existência de uma impossibilidade epistemológica na criação de qualquer saber que vise à confluência de seus pressupostos com os das ciências naturais.

3.5 O PROJETO DA PSICANÁLISE

É bastante conhecida a frase de Lacan a respeito da relação entre a psicanálise e a ciência; para ele, o sujeito da ciência e o sujeito sobre o qual opera a psicanálise são o mesmo. Trataremos disso a seguir, mas, antes, é necessário salientar que o projeto lacaniano passa por dois princípios fundamentais: “[...] ser radicalmente *desmedicalizada* e reduzir o campo de intervenção à dimensão da *relação psicanalista-paciente*.”¹⁴⁷ Ainda, para Bertrand Ogilvie, já na tese de doutorado de Lacan é possível encontrar a defesa de uma “racionalidade do ilusório”, isto é, de uma legislação dos sentidos, que tem como característica fundamental “ser radicalmente não reducionista”.¹⁴⁸

Esses aspectos, por si mesmos, já posicionam a psicanálise numa relação de oposição ao modelo biológico (ou neurológico) das questões mentais, o que é fortalecido pelo objetivo de Lacan, que, segundo Safatle, é estabelecer a racionalidade da prática psicanalítica através do

---

¹⁴⁶ OGILVIE, B. **Lacan**: a formação do conceito de sujeito. 2. ed. Tradução de Dulce D. Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991. p. 75.

¹⁴⁷ SAFATLE, V. **Lacan**. São Paulo: Publifolha, 2007. p. 9.

¹⁴⁸ Eis a frase de Ogilvie: “Este postulado de uma racionalidade do ilusório, ainda que não seja novo na história da filosofia, constitui a originalidade de Lacan à época em que ele o reafirma, e mesmo até hoje: pois essa reafirmação tem como característica ser radicalmente não reducionista, e retomar em conta o problema do ilusório ao nível do seu próprio discurso, isto é, até em suas pretensões e seu vocabulário: o do ‘sentido’.” (OGILVIE, op. cit., p. 31).

conceito de sujeito, que, sendo de caráter filosófico e lógico, é irreduzível a qualquer fundamentação de cunho materialista ou neuronal.

Da mesma forma que o sujeito, o inconsciente, do ponto de vista lacaniano, é irreduzível a qualquer forma de materialidade. No *Seminário XI*, Lacan trata disso, apontando que o inconsciente só pode ocupar um lugar de espera, de não realizado: “O inconsciente, primeiro, se manifesta para nós como algo que fica em espera na área, eu diria algo de não-nascido. [...] Esta dimensão seguramente deve ser evocada num registro que não é nada de irreal, nem de desreal, mas de não-realizado.”¹⁴⁹ Isso porque o inconsciente, em Lacan, é uma estrutura sem anterioridade essencial (mesmo material) ou sem imanência:

O que, com efeito, se mostrou de começo a Freud, aos descobridores, aos que deram os primeiros passos, o que se mostra ainda a quem quer que na análise acomode por um momento seu olhar ao que é propriamente da ordem do inconsciente, – é que ele não é nem ser nem não-ser, mas é algo de não-realizado.¹⁵⁰

Sendo assim, não pode ser confundido com qualquer estrutura orgânica ou o funcionamento de qualquer processo bioquímico que possua a materialidade trabalhada pela biologia. Por sua vez, a materialidade da psicanálise é a do significante; trata-se, contudo, de uma materialidade no sentido marxista, isto é, daquilo que produz efeitos. “Lacan, no Seminário *L’Une bevue* [...] propõe poeticamente o *motrealisme*, neologismo constituído pela palavra *mot*, palavra em francês para substituir a palavra homofônica *matérialisme*, materialismo em francês.”¹⁵¹

As razões para essa irreduzibilidade à matéria orgânica são encontradas no papel que ocupa a linguagem na existência desse ser falante que é o humano.

¹⁴⁹ LACAN, J. **O seminário**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. 2. ed. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998a. (Livro 11). p. 28.

¹⁵⁰ Ibid., p. 34.

¹⁵¹ LEITE, M. P. S. **Matéria de que são feitos os sonhos**. Disponível em: <http://www.ebp.org.br/biblioteca/pdf_biblioteca/Marcio_Peter_Materia_de_que_sao_feitos_os_sonhos.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2010. p. 6.

‘A letra mata’ (Paulo), a palavra mata a coisa (Kojève-Hegel), conferindo-lhe, é verdade, a dimensão infinita de sua exploração simbólica: mas o sujeito perde com isso, irremediavelmente, essa relação direta com as coisas que faz a simplicidade mecânica da vida simplesmente orgânica ou vegetativa, e se enriquece com uma dimensão irredutível a toda abordagem exclusivamente organicista.¹⁵²

A linguagem em questão, entretanto, não se refere ao sentido comum do termo ou mesmo às concepções que a reduzem ao seu aspecto de comunicação. Tomando emprestada da linguística a oposição entre significante e significado, Lacan situa e aponta o significante, não o signo (que remete ao sentido), como unidade languageira de base. Nesse sentido, o inconsciente freudiano será redefinido como “sendo estruturado como uma linguagem”; isso quer dizer que “o inconsciente é a soma dos efeitos da fala, sobre um sujeito, nesse nível em que o sujeito se constitui pelos efeitos do significante”, implicando que o sujeito não designa, nem se confunde, com “o substrato vivo de que precisa o fenômeno subjetivo, nem qualquer espécie de substância [...]”.¹⁵³

Em *Ciência e verdade*, Lacan enfatiza ainda mais essa diferença entre o sujeito e o “substrato vivo”, sem o qual, evidentemente, ele não pode existir: “[...] veiculado pelo significante em sua relação com outro significante, ele (o sujeito) deve ser severamente distinguido tanto do indivíduo biológico quanto de qualquer evolução psicológica classificável como objeto de compreensão.”¹⁵⁴ Na orientação dada por ele à psicanálise, portanto, ressalta-se a desnaturalização do homem e o rompimento com qualquer possibilidade de enxergar, nos sintomas, algo de exclusivamente natural.

Além disso, o corpo humano, na psicanálise lacaniana, não pode ser outro que não um corpo que é atravessado pela linguagem, ou seja, um corpo que não é regido pelos instintos, mas um corpo pulsional, que não pode, sob qualquer aspecto, gozar de qualquer perspectiva de

---

¹⁵² OGILVIE, op. cit., p. 16.

¹⁵³ LACAN, 1998a, p. 122.

¹⁵⁴ LACAN, J. A ciência e a verdade. In: **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998b. p. 890.

harmonia, que, como vimos anteriormente, é um ideal da ciência médica. Assim, se para a medicina o sintoma aponta para uma desarmonia do corpo, que deve retornar, mediante os procedimentos adequados, ao estado anterior, na psicanálise, o sintoma representa uma ordem bastante diversa: ele aponta sempre para a castração, para uma falta estrutural do sujeito humano, pautada pela dimensão do significante que o rege.

Uma vez que há essa castração, o desejo humano não pode ser homeostático, pois ele tensiona e é tensionado; porém pode ser obturado pelas *latusas*, isto é, pelos objetos construídos pela tecnociência e comercializados pelo capitalismo, que tentam ocupar esse vazio existencial estrutural do ser humano. Desse modo, o desejo vê-se embalado pela mesma lógica que sustenta o sistema capitalista: pedalar para não cair; consumir sempre, para não se dar conta dessa barra que crava o sujeito (S barrado). E não se trata exatamente disso, em nossa maneira contemporânea de existir? De aprisionamento cada vez maior do desejo?

São vários os modos pelos quais isso pode ocorrer, mas a estrutura subterrânea desse processo, como enunciamos anteriormente, é a aliança, de raiz, entre a ciência (tecnociência) e o capitalismo, a qual dá origem a uma série de fenômenos sintomáticos, que, inegavelmente, têm se expandido consideravelmente em nossos tempos. Por exemplo, as “toxicomanias são uma manifestação do discurso, do mal-estar, como efeito da conjugação do discurso da ciência com o discurso do capitalismo.”¹⁵⁵ No entanto, há um problema nessa aliança, e nos seus resultados, que faz crer aos sujeitos que eles podem prescindir de sua referência e de sua relação ao Outro: os objetos produzidos pela ciência e pela indústria capitalista apresentam características de não se apresentarem como produtos, no sentido lacaniano, isto é, como restos de uma operação; ao contrário, os objetos de consumo a nossa disposição procuram aparentar consistência, não deles próprios, que devem ser descartáveis, mas do processo que os produz, ou seja, da tecnologia,

---

¹⁵⁵ BENTES, L. Toxicomanias antidepressivas. **Clique – Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano**, n. 1, p. 70-75, abr. 2002. (Palavras e Pílulas: a psicanálise na era dos medicamentos). p. 73.

que sugere que há uma direção progressiva de melhoria e avanço de qualidade em sua fabricação, o que garantirá e sustentará uma sensação de satisfação.

Essa consistência, de ação prolongada, “subverte o tempo cronológico e anula o tempo lógico, como tempo que visa à conclusão”;¹⁵⁶ assim, não resta tempo para o pensamento, porque ele deve ficar restrito às estratégias para o consumo e, nesse imperativo contemporâneo de gozo, como veremos à frente, o corpo é cada vez mais convocado a se manifestar e participar como um objeto, que pode, igualmente, ser inserido nessa escala de produção que se aperfeiçoa cada vez mais. É preciso, então, fazer com o corpo o que se faz com qualquer objeto: pesquisá-lo, destrinchá-lo, apurar os detalhes mínimos de suas reações e de suas percepções e melhorá-lo, sendo que, desse ponto de vista, podemos constatar uma série de acontecimentos que são próprios de nosso tempo.

A objetificação do corpo ao extremo gera, em paralelo, a exaltação dos sentidos, porém não se trata de uma mera fruição destes, em algo que poderia nos remeter aos ideais hedonistas, mas, ao contrário, de educá-los cada vez mais, ou seja, é preciso extrair do corpo o máximo de prazer possível, e o que permite isso, o que possibilita que eles sejam apreendidos da melhor forma é o subproduto desse processo de educação, a técnica. Nesse sentido, hoje encontramos um verdadeiro mercado de técnicas e especialistas: há um modo técnico de beber e harmonizar vinhos, que já atinge outros tipos de bebidas, como a cerveja e a água mineral; há especialistas para escolher o melhor azeite para o melhor prato, que podem ensinar como fazê-lo, pois há técnica e saber nisso; há técnicas para se cozinhar um determinado alimento, de tal forma que se possa sempre obter os mesmos resultados e sabores; há técnicas para decorar os ambientes de nossas casas, que deveriam ser o nosso lugar íntimo, e estabelecer o jeito que achamos confortável; há técnicas para que o novo possa advir (*brain storms*); e, evidentemente, há

---

¹⁵⁶ BENTES, 2002, p. 74.

técnicas para o sexo. Há ganhos civilizatórios nesse processo, mas perigos também, como tentamos deixar claro até aqui.

O mestre moderno¹⁵⁷, por sua vez, não é mais da ordem do Um, mas do múltiplo, como aponta Jacques-Alain Miller. Assim, o mundo de hoje é inundado por uma multiplicidade de saberes, que procuram abolir tudo aquilo que não pode ser homogeneizado e, apesar de múltiplos, porque vários, têm intuítos únicos, que são estabelecer o “estilo de série”, dando origem aos especialistas peritos, responsáveis contemporâneos pela extração da verdade das coisas da vida e do mundo. “O verdadeiro e o bom não são mais significantes-mestres eleitos como ideais pelos sujeitos, cada um na sua individualidade, mas significantes-escravos, determinados por peritos, que estabelecem o que cada indivíduo deve ser.”¹⁵⁸

Nesse contexto, a ciência, afastando-se do seu rigor para se tornar pragmática – o que quer dizer técnica –, encontrou um mundo aos seus pés, uma vez que o avanço do sistema de produção capitalista e o “fim das utopias” consolidaram a perspectiva de um caminho único, de uma resposta única para os males da existência. “Nos dias de hoje, entretanto, a tendência disseminada na nossa cultura consiste em considerar o conhecimento científico como uma *Weltanschauung*, pela qual devemos pautar nossa relação com o mundo, com nós mesmos e com nossos semelhantes.”¹⁵⁹

A psicanálise, no entanto, está na contramão desse processo, ou seja, o sintoma, que deve ser extirpado ou mantido em suspenso pela ciência e pelo capitalismo (que quer indivíduos “úteis”, isto é, capazes de gerar mais-valia), encontra na psicanálise seu lugar de parte não negociável. “Ele é isto que introduz um corte novo no saber, que permite escapar aos diversos

---

¹⁵⁷ Referimo-nos à teoria dos discursos, de Lacan, que trataremos em capítulo à parte.

¹⁵⁸ COHEN, R. H.; MATTOS, C. P.; SANTIAGO, A. L. Os hiperativos da ciência. **Felicidade e Sintoma: ensaios para uma psicanálise no século XXI** – Escola Brasileira de Psicanálise, Rio de Janeiro, p. 111-120, 2008. p. 112.

¹⁵⁹ TEIXEIRA, M. R., 2005a, p. 303.

projetos da pós-humanidade, que se supõe que vão substituir o homem universal do século passado.”¹⁶⁰

Por ser uma “ciência do sujeito”, ela denuncia a religião do cientificismo – apesar de, na prática, ambos apresentam princípios e fins semelhantes: “o princípio é a crença, e o fim, o lucro”¹⁶¹ – e que o mal-estar na civilização não é passível de ser eliminado, além de apontar, com Marx, que, se o capitalismo permitiu a expansão da produção de bens, isso não foi realizado visando à satisfação das necessidades sociais. Aponta, ainda, que “os materialistas são os únicos crentes autênticos” e que, se fundamentar os saberes sobre a matéria “os sustenta melhor do que em outras formas”, isso “para nós é insuficiente”,¹⁶² “Porque temos justamente necessidades lógicas [...] porque somos seres nascidos do mais-de-gozar, resultado do emprego da linguagem.”¹⁶³

A psicanálise, dessa forma, não pode ser outra coisa senão uma contraposição aos discursos hoje dominantes (ciência e capitalismo), pois ambos rechaçam tudo aquilo que é da ordem da verdade do sujeito, sendo que esse rechaço da verdade pelo saber explica o fato de a realidade capitalista não ter tão más relações com a ciência, visto ambos poderem, juntos, fazer suas contas!

Por outro lado, ela ocupa seu lugar na *polis* contemporânea, seja como analista cidadão, como propõe Éric Laurent, seja promovendo a política do asilo do sujeito, como afirma o psicanalista Jean-Luc Gaspard.

Nossa política é a que propôs Lacan, quando dizia, de maneira enigmática: ‘com a psicanálise, se pode sair do capitalismo’. Sair do capitalismo não com a idéia de um mundo substituto [...]. Nós, os psicanalistas, não servimos

¹⁶⁰ LA SAGNA, P. Ciência e nome-do-pai (scilicet dos nomes do pai). **Opção Lacaniana**, n. 50, p. 85-87, dez. 2007. p. 87.

¹⁶¹ BENTES, L. Seja feliz! A comédia do discurso da ciência. **Latusa**, n. 13, p. 107-111, 2008. (O semblante e a comédia dos sexos). p. 109.

¹⁶² LACAN, J. **O seminário**: o avesso da psicanálise. Tradução de Ary Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992. (Livro 17). p. 62.

¹⁶³ Ibid., p. 62.

para isto. Servimos para considerar a forma de como sair dos imperativos superegóicos da organização atual da civilização.¹⁶⁴

Nesse lugar, a psicanálise, enquanto discurso analítico, possui um papel fundamental na contemporaneidade, qual seja: provocar o movimento das posições subjetivas, tantas vezes aprisionadas pelo discurso da ciência e do capitalismo.

No capítulo que se segue, traçaremos um percurso pela teoria dos discursos de Lacan, com o intuito de demonstrar que a psicanálise é o único saber disponível para acolher os “sintomas contemporâneos”; afinal, “o ser do sujeito é o sintoma”, como diz Laurent. A partir desses discursos, ficará claro que a psicanálise de orientação lacaniana não pode muito, porém pode ressaltar o papel da contingência na vida das pessoas, regradas que são pelas planilhas, pelos cálculos, pelo gozo contável dos tempos de hoje, isto é, pelo furor e pela ânsia de controle, sendo essa contingência capaz de demonstrar o impossível próprio do inconsciente.

“Transmitir o encontro com esse real demonstrado pela contingência irreduzível dos traumas e dos encontros de gozo é o que Lacan chamou de ‘fazer o sujeito crer em seu sintoma’.”¹⁶⁵ Nesse sentido, crer no sintoma indica mais do que medicá-lo ou consumi-lo! Indica uma possibilidade de transformar o insuportável que há em todo sintoma em “um ponto de apoio para que o sujeito reinvente seu lugar no Outro”, permitindo com que o sujeito possa responder à questão: por que o Outro nos abandonou? Questão esta que, como aponta Laurent, está por trás de toda essa “bacanal mortífera” representada pelas manifestações – toxicomania, “matar-se de trabalhar”, prática de esportes radicais –, frutos do declínio dos ideais (que só podem ser acompanhados por exigências de gozo) e que representam tentativas de buscar, em si próprios, a presença desse Outro que não existe mais, nem na biologia, nem na neuropsicanálise.

---

¹⁶⁴ LAURENT, E. As máscaras da felicidade. **Felicidade e sintoma**: ensaios para uma psicanálise no século XXI – Escola Brasileira de Psicanálise, Rio de Janeiro, p. 31-46, 2008. p. 46.

¹⁶⁵ Id., 2007a, p. 175.

Como afirma o psicanalista português José Martinho, Lacan são vários: há um Lacan inatual, que se refere exclusivamente à pessoa de Lacan, falecida em 1981, em Paris; há um Lacan intempestivo, que é aquele ainda não descoberto e se remete, portanto, aos futuros psicanalistas lacanianos e às suas leituras e pesquisas; e há, principalmente, um Lacan atual, que Martinho indica através daquilo que é invariante: “um Lacan sem passado, nem futuro, sem história ou sempre fresco, porque estrutural.”¹⁶⁶

De fato, a estrutura de Lacan, ou melhor, em Lacan, provém do campo da linguagem, a qual possui “qualquer coisa de eterno”, pois está sempre presente na vida de um ser humano, como na fala dos pais a respeito de seu futuro filho (o que indica que, no início, era a linguagem) e na fala dos que sobreviveram, sobre as qualidades e defeitos dos que morreram, o que indica que ela continua e permanece. Ainda, seus textos e seminários, na década de 1960, trabalham a importância do registro do simbólico e sua prevalência, para a psicanálise, sobre os efeitos dos registros do imaginário e mesmo da realidade (“realidade do real”).

Esse percurso de Lacan pelos estudos sobre o simbólico marca a importância da linguagem e indica que o fundamento da psicanálise não pode ser encontrado em nenhum outro lugar que não no lugar ocupado pela palavra, como indicado anteriormente por Freud, que já havia demonstrado – e assim o faz toda a clínica psicanalítica – que a palavra age sobre o sintoma e, mais do que isso, estrutura-o; em outras palavras, ela tem efeitos sobre o sintoma, os quais se diferenciam dos poderes de influência – que, de fato, há – de outras criações culturais, como a magia, a religião ou a ciência. Na psicanálise, no entanto, tudo passa pelas palavras, o que quer dizer que não há nela lugar para os contatos, sejam eles físicos ou químicos,¹⁶⁷ sendo a

---

¹⁶⁶ MARTINHO, J. Actualidade de Lacan. **Afreudite – Revista Lusófona de Psicanálise Pura e Aplicada**, Lisboa, ano V, n. 9/10, 2009. p. 85.

¹⁶⁷ MARTINHO, J. Acreditar ou não na psicanálise. In: **Ditos: conferências psicanalíticas**. Lisboa: Fim de Século Edições Ltda., 1999c. p. 15.

linguagem, do ponto de vista da teoria lacaniana, um terceiro estrutural “comum à fala e ao inconsciente”.¹⁶⁸

Ainda, em sua teoria, a linguagem é fato de linguagem. Isso quer dizer que ela não possui características ou qualidades que se relacionam a qualquer outro fator que lhe seja externo, como a concepção de inatismo, por exemplo, tão em voga em nossos tempos em função das pesquisas que tentam relacionar as características e qualidades humanas a nossa carga genética; ao contrário, é algo que esteve sempre lá e que, por isso mesmo, é condição de possibilidade de tudo o que é humano. Da mesma forma, ela não é um fenômeno de tipo sociológico, mas, ao contrário, a sociedade é um fenômeno linguístico; assim, se a linguagem institui o campo do humano (como simbólico), isso quer dizer que o universo no qual habita o bicho humano apresenta qualidades diferentes de um universo pautado pelo nível meramente imaginário, ou seja, a linguagem estabelece a exclusividade das sociedades humanas frente às demais sociedades animais.

Além disso, se a linguagem é condição, então, como toda condição, impõe limites nas relações com o mundo e os outros, pois nem tudo pode ser dito ou, se preferirmos, nem tudo pode aceder à condição de linguagem. Para usarmos uma expressão cara ao nosso tempo, podemos dizer que a linguagem é uma espécie de “doença congênita” da espécie humana, que obriga seus membros a uma existência – incurável, aliás – de excesso ou de falta de palavras.

Em suma, a linguagem preexiste ao sujeito, mas isso não significa que ela esteja à disposição para ser usada como bem lhe aprouver. O sujeito, na verdade, é assujeitado, o que é o modo de esclarecer que ele depende da linguagem, pois, ao nascer, é imediatamente inscrito num discurso, pelo simples fato de receber um nome. Ainda, a linguagem é o caminho pelo qual surge e transita o sujeito, por ser o suporte da lei que permite a passagem da natureza à cultura. A esse respeito, Lacan afirma, em seu *Seminário XI*, que é “[...] no nível da aliança, enquanto

---

¹⁶⁸ MARTINHO, 2009, p. 87.

que oposta à geração natural, à linguagem biológica, que são exercidas as trocas fundamentais – no nível portanto do significante – e é aí que reencontramos as estruturas mais elementares do funcionamento social [...].”¹⁶⁹

Essa lei que a linguagem impõe estrutura as relações entre os humanos e leva o acento, tal como ela própria, de inconsciente; nas palavras de Lacan, em *A instância da letra no inconsciente*, essa lei gera “uma ordenação das trocas que, embora inconsciente, é inconcebível fora das permutações autorizadas pela linguagem.”¹⁷⁰ Para a psicanálise de orientação lacaniana, portanto, a linguagem ocupa um lugar de campo de constituição de saber, sendo que a linguagem a que Lacan refere-se possui vínculos, evidentemente, com as descobertas da linguística, em especial, como sabemos, com as teorizações de Saussure, a ponto de ele afirmar, em seu *Seminário V*, que a linguística “tem a mais estreita relação com a psicanálise pura e simples. Elas chegam a se confundir. Se examinarmos de perto, veremos que não são essencialmente diferentes uma da outra.”¹⁷¹ Se não são essencialmente diferentes, sabemos que a apropriação que Lacan efetua das teorias linguísticas sempre foi na direção de permitir à psicanálise a sua formalização, tratando-se, então, de formalizar a psicanálise através da linguística e não de transformá-la, propriamente, numa linguística.

Um dos objetivos, com essa aproximação da linguística e a ênfase depositada no papel da linguagem, é fornecer subsídios teóricos para o projeto de destituição do “eu” de suas características de síntese, como queriam os adeptos da “psicanálise do ego”. Nesse sentido, o “moi”, para Lacan, é um aglomerado de identificações imaginárias e não pode, dessa forma, exercer funções sintéticas. Além disso, a proposta lacaniana de cura do sintoma passa pelo simbólico e pelo poder da palavra. Em outros termos, era preciso eleger um objeto para sustentar esse projeto de revisão dos fundamentos da teoria e da clínica psicanalíticas, com o

---

¹⁶⁹ LACAN, 1998a, p. 143.

¹⁷⁰ LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998c. p. 499.

¹⁷¹ LACAN, J. **O seminário**: as formações do inconsciente. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. (Livro 5). p. 14.

intuito de estabelecer o inconsciente como portador da verdade do sujeito e não do “eu”. Esse objeto será o significante, o qual Lacan buscará nesse processo de aproximação com a linguística.

Nesse contexto, o inconsciente é construído de e pela linguagem. “E não somente o significante desempenha ali um papel tão grande quanto o significado, mas ele desempenha ali o papel fundamental”,¹⁷² ou seja, o significante caracteriza o sistema da linguagem e fornece à psicanálise seu substrato material. Ainda, o significante, na clássica inversão realizada por Lacan em relação à tese de Saussure, possui primazia sobre o significado e não se relaciona com este de forma “biunívoca”¹⁷³, isto é, Lacan introduz no algoritmo de Saussure uma barra que indica que um mesmo significante pode remeter a mais de um significado, ou melhor, o significante remete a uma lei, como no caso apresentado por Lacan no texto *A instância da letra*, em que os significantes “homens” e “mulheres”, referidos às portas, indicam uma lei de “segregação urinária”¹⁷⁴, de caráter topológico. A sua intenção, portanto, é indicar que “o significante de fato entra no significado”¹⁷⁵, pois foi necessário o significante para determinar o lugar de cada um dos sexos. Dessa forma, ele é que está na base da constituição da realidade da estrutura psíquica humana, seja consciente, seja inconsciente.

A duplicidade significante/significado é, para Lacan, a via explicativa do determinismo inconsciente, cuja base é a identificação da estrutura do inconsciente com a estrutura da linguagem. Nesse sentido, a famosa frase “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” indica haver uma relação – não exatamente de analogia ponto a ponto, mas de semelhança – entre as leis que regem ambas as estruturas, sendo que, para o autor, a sua aproximação da linguística marca o retorno a Freud e sua diferença em relação ao mestre de Viena, diferença

---

¹⁷² LACAN, J. **O seminário**: as psicoses. Tradução de Aluísio Meneses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002. (Livro 3). p. 139.

¹⁷³ Vejamos a frase de Lacan: “a relação do significante e do significado está longe de ser, como se diz na teoria dos conjuntos, biunívoca.” (Ibid., p. 139).

¹⁷⁴ Id., 1998c, p. 502-503.

¹⁷⁵ Ibid., p. 503.

que, paradoxalmente, reforça a tese freudiana do poder da palavra e de seu efeito na formação e solução dos sintomas (*talking cure*).

Quanto à base da experiência psicanalítica, segundo ele, ela está na existência, no inconsciente, de cadeias significantes, que se mantêm como tais e que estruturam e agem sobre o organismo, influenciando o que aparece externamente como sintoma. Desse ponto de vista, portanto, as formações do inconsciente têm origem no entrelaçamento dos sentidos que são produzidos a partir das combinações dos significantes. “A psicanálise, então, nos lembra que os fatos da psicologia humana não definido como efeito do significante.”¹⁷⁶

Por sua vez, o papel do simbólico e da linguagem, como estruturas, aponta que a origem do psiquismo humano (e das formações psíquicas que daí advêm) é, antes de tudo, social. Essa ordem social, contudo, apresenta características que a diferenciam da ideia de uma sociedade como mero agrupamento de indivíduos, organizada em torno de vontades e ações que permitiriam conduzi-la em uma ou outra direção. Trata-se, antes, de reforçar a existência de uma ordem simbólica que funciona numa espécie de inércia própria, inacessível, portanto, a influências da vontade dos indivíduos que a compõem.

Para a psicanálise, o que interessa é determinar a maneira pela qual essa ordem estrutural incide e causa o sujeito, que é um significante fundamental na obra de Lacan e delimita, assim o cremos, a razão de ser de seu ensino, marcando sua presença com uma insistência tenaz. Aliás, muitos dos seminários de Lacan foram dedicados a formalizar a constituição e a função do sujeito, indicando que a psicanálise iria se constituir numa espécie de “ciência do sujeito”. Simultaneamente, o autor sempre apontou a excentricidade do lugar ocupado pelo sujeito em sua obra, não passível de ser identificado com a noção de subjetividade do “eu” (esta mais identificada com o campo do imaginário), nem com o organismo biológico, nem com o conceito de indivíduo, mais próximo do campo da psicologia. O sujeito, contudo,

---

¹⁷⁶ LACAN, 1998a, p. 196.

não é um termo retirado da psicanálise freudiana,¹⁷⁷ mas do campo da filosofia, segundo o qual o sujeito “construiu” a sua história.

4.1 O SUJEITO POSSUI HISTÓRIA?

No século XVII, o termo ‘sujeito’ adquire sua conotação moderna, em função da ciência, então emergente, que colocou em questão o conhecimento até então tradicional, ligado à religião; porém este não pode ser considerado um questionamento qualquer, pois estabeleceu novas bases para o que se passou a entender como verdadeiro; desse modo, a verdade calcada nos princípios teológicos, que nortearam todo o período medieval, foi posta em cheque pelos novos valores que surgiam com a Modernidade.

Inserido nesse contexto, o filósofo Descartes propôs-se a estabelecer um meio e um fundamento que pudessem garantir, então, o valor de verdade de um saber. Nesse sentido, a operação cartesiana consistia em exercer um ceticismo metodológico que fazia duvidar de qualquer garantia baseada na percepção, que, afinal, não podia ser diferenciada de um sonho. No limite dessa dúvida metodológica, Descartes encontra uma certeza: não é possível duvidar da própria dúvida, pois ela se mostra evidente por si mesma, no próprio ato de duvidar. Sendo esse ato inquestionável, enquanto durasse era necessário que ele, Descartes, existisse; para duvidar-se, então, era preciso antes ser. No final de seu processo, portanto, há uma substância que é puro pensamento.

---

¹⁷⁷ Há certo consenso de que Freud praticamente não utilizou o termo ‘sujeito’ em sua extensa obra. Há uma referência, contudo, no texto *Pulsões e seus destinos*; quando trata de questões relacionadas aos conceitos de sadismo e masoquismo, ele utiliza o termo ‘subjekt’ numa acepção próxima à de Lacan. Antônio Cabas trabalha melhor essa questão (em CABAS, A. G. **O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan**: da questão do sujeito ao sujeito em questão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009), que não será, contudo, desenvolvida neste trabalho.

A partir desse momento, a subjetividade humana é inventada!¹⁷⁸ É por essa razão que Lacan, a partir das obras de Koyrè, entende que a ciência moderna estabelece um marco absolutamente inédito na história do conhecimento humano; sendo que, sem essa ciência, a psicanálise não seria possível.¹⁷⁹

O sujeito, tal como trabalhado por Lacan, é aquele que provém do *cogito* de Descartes; sendo assim, é um conceito que apresenta a interessante característica de ser datado, por ter sido inventado¹⁸⁰ em um determinado contexto histórico e social. Entretanto, ser datado não significa, evidentemente, que ele não produza efeitos até os nossos dias; ao contrário, o sujeito cartesiano parece ter se estabelecido como um *sintoma* de nossa contemporaneidade. Quem afirma isso é José Filipe Duarte Pereirinha:

[...] se o sujeito cartesiano ainda não parou (completamente) de fazer sintoma, talvez seja porque ele deva ser apreendido como sintoma. O sujeito cartesiano faz sintoma porque ele é essencialmente, enquanto *sujeito*, um sintoma. E isso num duplo sentido: não apenas porque o velho sujeito (cartesiano) entrou em ‘crise’ (sendo esta um dos nomes do sintoma, por excelência), como também este, o sintoma, é suposto-sujeito, isto é capaz de dar conta de uma posição subjectiva e não meramente de um desarranjo disfuncional que importa eliminar, como pretendem, por exemplo, a medicina farmacológica ou as terapias correctivas. É neste sentido que poderíamos dizer que o sintoma com que lida a psicanálise é cartesiano, na

¹⁷⁸ Ver, a esse respeito, FIGUEIREDO, L. C. M. **A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação** (1500-1900). São Paulo: Escuta, 1992.

¹⁷⁹ Em sua obra *Estudos de história do pensamento científico*, Koyré aponta que a ciência não avança no tempo de forma progressiva ou acumulativa, mas se constrói através de cortes epistemológicos (KOYRÉ, A. **Estudos de história do pensamento científico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991). De forma bastante simples, um corte epistemológico é uma ruptura ocorrida no desenrolar da história da ciência, algo que transforma, de forma radical, a compreensão das evidências colhidas pelo saber da ciência, isto é, a leitura do que poderia ser chamado o “livro da natureza”, dos fenômenos conhecidos e a serem descobertos, passa a ser realizada através de uma nova matriz, que é, estruturalmente, diversa da anterior. Assim, por ser um corte radical, o presente, agora compreendido a partir da nova matriz interpretativa da realidade, desata seus laços com o passado, o que significa, em termos da ciência, que “o passado de uma ciência atual não se confunde com essa mesma ciência no seu passado”, nas palavras de Canguilhem (op. cit., p. 20-21). Já em *Do mundo fechado ao universo infinito*, Koyré procura esclarecer e situar no tempo a ocorrência do corte epistemológico que deu origem à ciência moderna, o qual, segundo ele, deu-se na passagem de uma concepção finita de mundo, de existência de um cosmo fechado sobre si mesmo e hierarquicamente ordenado, para uma concepção de um universo infinito e homogêneo. Isso implicou em um divórcio “do mundo do valor e do mundo dos fatos”, o que ocasionou a exclusão, do campo das considerações científicas, de tudo aquilo que fosse da ordem dos conceitos de valor (KOYRÉ, 2006, p. 5-6).

¹⁸⁰ É importante esclarecer que o termo ‘inventado’ não se refere à existência de um inventor, no sentido a que nos referimos quando dizemos que “Santos Dumont inventou o avião”. A ideia de invenção do sujeito remete a uma situação história e social específica, cujo ambiente cultural, em sentido amplo, permite o surgimento de uma nova concepção de homem.

medida em que pressupõe um sujeito que, de um modo ou de outro, responda por *isso*.¹⁸¹

As relações entre o sujeito cartesiano e o sujeito da psicanálise, portanto, são de muita proximidade. Entretanto, a principal herança do sujeito cartesiano para Lacan é a certeza de que, no *cogito*, o sujeito é desprovido de quaisquer qualidades. O *cogito* indica, de fato, um vazio, uma suspensão de todas as certezas para além da única certeza possível, de que há um “pensamento do eu” a respeito de sua própria existência, mas essa suspensão indica um sujeito sem conteúdos, sem propriedades sensoriais ou psicológicas de qualquer natureza.

Lacan nega, *ipso facto*, que a subjetividade possa ser caracterizada pela transparência dos atos de consciência, pela interioridade como instância destes atos e pela autonomia da vontade. A estratégia é subverter a teoria moderna do sujeito, propondo o sujeito não mais como fundamento do conhecimento e da vontade livre, mas como efeito de determinações da ordem do imaginário, do simbólico e do real; não mais como unidade e interioridade, mas como marcado por uma divisão que lhe é essencial (a ‘Spaltung’).¹⁸²

4.2 O SUJEITO DA PSICANÁLISE E O SUJEITO DA CIÊNCIA

Se o sujeito cartesiano sustenta todo um projeto de inundar o mundo com a compreensão científica, a obra de Lacan aponta para o fracasso necessário dele. E não só porque o sujeito cartesiano possui um “excedente”, ou seja, o inconsciente, mas também porque o real que se pretende conhecer através da ciência é um real que não apresenta fissuras. Isto é, não há no real,

---

¹⁸¹ PEREIRINHA, J. F. D. **A problemática do sujeito à luz da teoria de Jacques Lacan**. 2009. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras e Ciências Humanas, Universidade do Minho, Braga, 2009. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/9754>>. Acesso em: 20 mar. 2009. p. 53-54.

¹⁸² IANNINI, G. Psicanálise, ciência extima. **Revista Epistemo-Somática**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, jan./jul. 2007. p. 72-73.

tal qual tratado por Lacan, furos ou brechas através das quais poder-se-ia nele entrar a fim de conhecê-lo por ele mesmo.

O real é sempre equivalente a ele mesmo, o que significa que é necessário “sulcá-lo” à força, ou à maneira de um artifício, para que dele possamos saber algo. O real só pode tornar-se acessível pela introdução de uma outra ordem, o simbólico. Só assim será possível conhecer algo do real, ou melhor, falar-se do real. É isso que faz a ciência através de suas formalizações, empíricas ou teóricas, que nada mais são, nesse sentido, do que tentativas de simbolização do real.

Nesse processo, contudo, a ciência forclui seu sujeito.

4.2.1 A CIÊNCIA POSSUI UM SUJEITO?

Antes de prosseguirmos nesse ponto, há que se tratar a questão de saber se a ciência, de fato, possui um sujeito. Evidentemente, só assim ele poderá ser “forcluído”. Essa questão não é ingênua se considerarmos que um dos principais epistemólogos da ciência, Karl Popper, dedicou seus trabalhos – em especial o livro *Conhecimento Objetivo* – para libertar a ciência de qualquer consideração de caráter subjetivista. Para Popper, ao contrário, a ciência não possui “sujeito cognoscente”, o que lhe garantiria, então, ser totalmente objetiva.

Ora, Lacan não era alheio à dificuldade de sustentar sua afirmação de que o sujeito da psicanálise¹⁸³ era o mesmo sujeito da ciência: “dizer que o sujeito sobre quem operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência talvez passe por um paradoxo.”¹⁸⁴

¹⁸³ O *moi*, em Lacan, apresenta características imaginárias; enquanto o sujeito (ou “je”) remete para a dimensão do simbólico, no sentido em que não há sujeito, em Lacan, senão como efeito da intervenção do *significante* no real.

¹⁸⁴ LACAN, 1998b, p. 873.

Claro, é possível confirmar essa aproximação ao lembrarmos que o movimento do ensino lacaniano estabeleceu-se no sentido de afastar o sujeito da psicanálise do sujeito do conhecimento, tal qual teorizado e desenvolvido pelo campo da filosofia. O sujeito da psicanálise não se estrutura como garantia de construção de um saber, até porque ele é “evanescente”. “Não se trata, por isso, de que a psicanálise, ao promover o sujeito, esteja do lado do conhecimento, enquanto a ciência habitaria, por assim dizer, do outro lado do muro. [...] Ou seja, é do lado da ciência, e não do lado do conhecimento, que o sujeito da psicanálise deve ser situado.”¹⁸⁵

O paradoxo torna-se mais agudo quando lemos em outro texto de Lacan, *Radiofonia*, que “o resultado é que a ciência é uma ideologia da supressão do sujeito, o que o fidalgo da Universidade ascendente sabe muito bem. E eu o sei tanto quanto ele.”¹⁸⁶

Em sua tese de doutorado, Duarte Pereirinha busca responder a esse paradoxo com um retorno a Freud e às suas histéricas.¹⁸⁷ Além de terem sido as histéricas as responsáveis pelo início da psicanálise, a histeria, como nosografia psicanalítica, sempre mereceu atenção especial da psicanálise e mesmo de Lacan, que a elevou à categoria de discurso. Não obstante, em nossa contemporaneidade, as histéricas escolheram o caminho de não mais se pronunciarem. O que gera a questão de saber o que veio a substituir o sintoma histérico em nossos tempos: “a que tipo de deslocamentos estes sintomas terão sido sujeitos. Que novas formas de queixa, reivindicação, aversão ou protesto cumprirão, tanto em termos individuais como colectivos, a velha função da histeria?”¹⁸⁸

Ora, a histeria sempre foi muito mais do que uma mera nosografia. Ela representava, segundo Duarte Pereirinha, a “paixão do sujeito”. Movimentos “científicos” como os implicados na elaboração dos manuais psiquiátricos, dessa forma, representariam a expectativa

---

¹⁸⁵ PEREIRINHA, op. cit., p. 58.

¹⁸⁶ LACAN, 2003a, p. 436.

¹⁸⁷ PEREIRINHA, op. cit. Ver, principalmente, o capítulo segundo, intitulado “Paradoxos ‘cartesianos’ de Lacan”, p. 57-67.

¹⁸⁸ Ibid., p. 60.

de construção de uma clínica sem sujeito, “automatizável e objetivável”. Nesse sentido, o projeto de compreensão exclusiva do mundo a partir dos parâmetros científicos não pode representar outra coisa senão uma “ideologia da supressão do sujeito”.

Esse argumento, contudo, serve para reforçar a hipótese de que o sujeito da psicanálise não pode ser o mesmo sujeito da ciência, pois a psicanálise é um saber e uma clínica que defende a irreducibilidade da singularidade subjetiva.

Para Duarte Pereirinha, o paradoxo resolve-se quando consideramos que ambos os sujeitos – da ciência e da psicanálise – são tributários do sujeito cartesiano. “Descartes é, assim, o nome em falta, e o *cogito*, o elo que permite atar, num mesmo nó, psicanálise e ciência.”¹⁸⁹ A seguinte frase de Lacan confirma a tese de que o sujeito da psicanálise e o sujeito da ciência são um só e provêm do *cogito* cartesiano:

Mas foi possível notar que tomei como fio condutor, no ano passado, um certo momento do sujeito que considero ser um correlato essencial da ciência: um momento historicamente definido, sobre o qual talvez tenhamos de saber se ele é rigorosamente passível de repetição na experiência: o que foi inaugurado por Descartes e que é chamado *cogito*.¹⁹⁰

Mas essa aproximação com o sujeito cartesiano, contudo, não se faz, em Lacan, sem críticas. Afinal, Lacan também afirmou que a psicanálise é uma espécie de antifilosofia, o que tornaria enigmático, novamente, essa aproximação com o *cogito* cartesiano. Não obstante, o que interessa a Lacan, no *cogito* cartesiano; o que dele Lacan retira não é o enunciado nele manifestado, e sim a sua enunciação. Enunciar o *cogito* é fruto de um processo que não pode se repetir a todo instante. Daí Lacan não priorizar a construção de saber que Descartes nele depositou e sim a enunciação de uma verdade que só pode ser evanescente. Pois, de fato, esse sujeito da redução cartesiana, que desconsidera a tradição dos saberes até então instituídos e desconsidera os saberes construídos a partir das sensações, é um sujeito, em seu limite, vazio. A

¹⁸⁹ PEREIRINHA, op. cit., p. 62.

¹⁹⁰ LACAN, 1998b, p. 870.

ênfase de Lacan, então, é um sujeito barrado de todo o saber e de todo ser. É essa a verdade que pesa sobre o sujeito da ciência e é, então, por isso, que o sujeito da psicanálise só pode ser o sujeito excluído da ciência, ou o sujeito foracluído pela ciência, conforme frase já estabelecida.

Essa foraclusão do sujeito explica-se pelo fato de que a ciência é fruto de um processo histórico, no caso a modernidade, e que ele terminou por ser esquecido ao longo do estabelecimento dos procedimentos práticos ou empíricos que passaram a caracterizar a ciência moderna enquanto tal. A ciência “não tem memória”, diz Lacan em *A ciência e a verdade*. E é dessa verdade que ela nada quer saber. E a psicanálise e o sujeito que a funda são “um correlato antinômico” da ciência, pois eles reabrem a sutura que ela se esforça, em vão, em construir em torno de seu sujeito.

Esse processo poderia desenrolar-se sem qualquer problema se não fosse o fato, constatado pela clínica psicanalítica, de que “o que foi recalcado retorna na forma de sintoma”. A foraclusão do sujeito pela ciência, dessa forma, não é algo sem consequências, mas, ao contrário, é um processo que só pode ser sintoma.

O sintoma ao qual nos referimos é um sintoma que atinge o sujeito, mas que, igualmente, manifesta-se em descompassos de ordem social.

Na própria ciência, aliás, há momentos de ruptura, como bem apontou o filósofo da ciência Thomas Kuhn. A “quebra de paradigmas”¹⁹¹ é fruto de anomalias internas ao próprio processo de desenvolvimento das teorias e práticas científicas. Esses momentos caracterizam-se pelo confronto de novos “fatos” com a “objetividade” então propugnada, isto é, com o surgimento de novos “fatos” que não podem ser assimilados pelo paradigma científico então em vigor. Isso obriga a reformulação das teorias, que acabam por estabelecer, então, um novo

---

¹⁹¹ O termo ‘paradigma’ é definido por Kuhn como “estritamente relacionado à ‘ciência normal’”. Trata-se de realizações da ciência que partilham duas características: a) serem elas “sem precedentes”, o que ocasionou a atração de um “grupo duradouro de partidários, afastando-os de outras formas de atividade científica dissimilares”; b) “simultaneamente, suas realizações eram suficientemente abertas para deixar toda a espécie de problemas para serem resolvidos pelo grupo redefinido de praticantes da ciência”. (KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução de Beatriz V. Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1990. p. 30).

paradigma. Ora, é exatamente nesses momentos de ruptura de paradigmas – que caracteriza, em outras palavras, um impossível de se formalizar, o que reforça a tese lacaniana de que o impossível é o real – que o sujeito da ciência volta a se manifestar, na forma, de crise; para voltar a ser esquecido logo após a solução das divergências, tal qual estabelecida pelos cientistas. Isso, no entanto, torna manifesto que a “objetividade científica” só pode ser compreendida, só pode se remeter a um determinado paradigma e não à “natureza”, ela própria. Ou, se preferirmos, isso demonstra que a “natureza” é um dado de cultura, pois a leitura de seu livro – o livro da natureza – depende, fundamentalmente, dessa criação da inteligência humana, que é a ciência com seus paradigmas.

Thomas Kuhn nos fornece uma série de exemplos a respeito dos impasses que cercam a produção da ciência. Um deles refere-se ao estatuto natural da luz que foi construído num processo de saltos, de paradigma para paradigma. A primeira obra “paradigmática” desse assunto foi o livro *Óptica* de Isaac Newton, que ensinava que a luz era composta de corpúsculos de matéria. No século XIX, Young e Fresnel propugnaram a natureza ondulatória da luz. “Finalmente”, Planck e Einstein propuseram, a partir das teorias anteriores, que a luz é composta de fótons, isto é, de “entidades quântico-mecânicas que exibem algumas características de ondas e outras de partículas.”¹⁹² Mais importante, no entanto, é a constatação de Kuhn de que a ideia de paradigmas da ciência aplica-se, fundamentalmente, à ciência moderna: “[...] este não é o padrão usual do período anterior aos trabalhos de Newton”¹⁹³, diz ele em referência aos diversos modelos interpretativos da natureza da luz. Para Kuhn, a ciência antiga não estabelecia paradigmas porque o “consenso” não era buscado: várias teorias conviviam simultaneamente, ainda que com pressupostos divergentes entre si. Não podemos deixar de apontar que as ideias de Kuhn convergem, em grande medida, com a posição de Koyré e de Lacan, de que a ciência moderna, de fato, é inédita.

---

¹⁹² KUHN, op. cit., p. 31-32.

¹⁹³ Ibid., p. 31-32.

Independentemente disso, Duarte Pereirinha nos recorda que o próprio Lacan apontou, em sua obra, outra série de episódios que marcaram esse “impossível” que invade a ciência estabelecida, de tempos em tempos. Por exemplo, a teoria dos conjuntos e as contribuições de Cantor ou a ruptura provocada na matemática pelos famosos teoremas da incompletude de Gödel.¹⁹⁴

O que Lacan tentou demonstrar com isso é que o real é um impossível de se formalizar apesar das tentativas exaustivas da ciência. Isso provoca, então, “um certo drama subjectivo” a ponto de Duarte Pereirinha afirmar que “a histeria é o *sujeito* da ciência enquanto *sintoma*.”¹⁹⁵

4.3 A TEORIA DOS DISCURSOS

Que é impensável, por exemplo, que a psicanálise como prática, que o inconsciente, o de Freud, como descoberta, houvessem tido lugar antes do nascimento da ciência, no século a que se chamou o século do talento, o XVII – ciência a ser tomada no sentido absoluto no instante indicado, sentido este que decerto não apaga o que se instituíra antes sob esse mesmo nome, porém que, em vez de encontrar nisso seu arcaísmo, extrai dali seu próprio fio, de uma maneira que melhor mostra sua diferença de qualquer outro.¹⁹⁶

A frase de Lacan demonstra, em resumo, o que tentamos demonstrar anteriormente: psicanálise e ciência são fruto de uma mesma época, a modernidade. Em que pese essa origem comum, os rumos que cada uma delas tomou divergem consideravelmente. Se a ciência e o capitalismo (outro integrante deste contexto histórico) sempre foram faces de uma mesma

---

¹⁹⁴ “Indicaremos mais adiante como se situa a lógica moderna [...]. Ela é, de modo incontestado, a consequência estritamente determinada de uma maneira de suturar o sujeito da ciência, e o último teorema de Gödel mostra que ela fracassa nisso, o que equivale a dizer que o sujeito em questão continua a ser o correlato da ciência, mas um correlato antinômico, já que a ciência mostra-se definida pela impossibilidade do esforço de suturá-lo.” (LACAN, 1998b, p. 875).

¹⁹⁵ PEREIRINHA, op. cit., p. 66.

¹⁹⁶ LACAN, 1998b, p. 871.

moeda, desde o início da modernidade, a psicanálise, ao contrário, estabeleceu-se, principalmente com Lacan, como uma espécie de antítese a ambos.

Isso justifica que, para Lacan, saber se a psicanálise é ou não uma ciência sempre foi um aspecto secundário frente à necessidade de se conhecer sobre o que ela, em sua *práxis*, opera.¹⁹⁷ Como vimos, a conclusão de Lacan é a de que a psicanálise opera sobre um sujeito que é o mesmo sujeito, excluído, da ciência. Isso quer dizer, em síntese, que, se a psicanálise é tributária de um universo já estruturado pela ciência moderna, da matematização e, atualmente, da redução à biologia, ela, por sua vez, só pode operar no sujeito por ela, a ciência, produzido.

Ela não visa devolver ao sujeito algo como uma ‘plenitude perdida’, uma ‘reconciliação com o sentido do ser’, ou ainda um ‘estado anterior à separação sujeito/objeto’. Mas, se a psicanálise opera sobre o sujeito da ciência, por outro lado, ela não se subordina à concepção moderna que identifica razão e cientificidade e, muito menos, compartilha alguma fé obsedante quanto à exclusividade ou superioridade da ciência como estratégia cognitiva. Para a psicanálise, ainda que a natureza esteja escrita em caracteres matemáticos, ou seja, que o simbólico possa representar o real, resta algo que escapa inexoravelmente a esta redução. O conceito de Coisa (“das Ding”) é o ponto fulcral em torno do qual gira toda a rede de conceitos que engloba as temáticas relativas à incompletude, ao real, ao impossível, ao vazio, ao que permanece imune à ruptura da ciência, ao que se coloca como impasse da formalização, etc.¹⁹⁸

A psicanálise não desconhece, portanto, que há um saber inscrito no real e que a linguagem transforma as coisas do mundo, e não só as coisas humanas. Ela aponta, contudo, que as “formações do inconsciente continuam a fazer ex-sistir no Universo do Discurso da Ciência o desejo do ser falante.”¹⁹⁹ E, além disso, indica as consequências dessa forclusão do sujeito no mal-estar da civilização contemporânea.

¹⁹⁷ “[...] manteve-se a pergunta que torna nosso projeto radical: aquela que vai de “*é a psicanálise uma ciência?*” até “*o que é uma ciência que inclua a psicanálise?*” (LACAN, 1998a, p. 195). Claro que a resposta só poderia ser: uma ciência que incluísse o sujeito. Aparentemente, esse projeto não é viável!

¹⁹⁸ IANNINI, op. cit., p. 74.

¹⁹⁹ MARTINHO, 1999b, p. 108.

[...] A tentativa cientista de eliminar a causa do desejo teve efeitos paradoxais: com aquilo que todos esperavam, a melhoria das condições de vida e de comunicação, vieram os problemas ecológicos, a extensão dos processos de segregação [...], o agravamento do desequilíbrio entre ricos e pobres, o aumento assustador do *stress* e das depressões, o progresso espetacular das toxicodependências, etc., etc., etc.²⁰⁰

Esse sujeito sobre o qual opera a psicanálise, no entanto, posiciona-se frente ao outro e ao Outro, como o desenvolvimento da teoria lacaniana o indicará, segundo modalidades estruturais e limitadas. No *Seminário XVII*, ministrado na Universidade do Panthéon, Lacan propôs uma nova forma de entender o estabelecimento dos laços sociais entre os sujeitos, a partir de uma articulação, até então inédita, entre os campos da linguagem e do gozo.²⁰¹ Essa articulação implica que os modos de existir em sociedade do sujeito humano respondem a formas estruturais, que Lacan denominou de discursos.

Trata-se de um tema relevante para o nosso trabalho, pois falamos, em diversos contextos, de um “discurso da ciência”, sem, contudo, explicá-lo de forma mais precisa.

O termo ‘discurso’ é utilizado corriqueiramente e faz parte da chamada linguagem comum. Nesse contexto, ‘discurso’, via de regra, refere-se ao mundo das palavras, quer dizer, ‘discursar’, por exemplo, pode indicar um substituto para ‘falar muito’. Na obra de Lacan, contudo, o significante ‘discurso’ adquire um sentido não usual, pois é referido a uma estrutura, portanto a algo “sem palavras”. As palavras são sempre eventuais: pode-se dizer algo e depois desdizer-se, sem, contudo, apagar o que havia sido dito. A estrutura da linguagem, por sua vez, é aquilo que rege a palavra: a palavra aloja-se no lugar que a estrutura da linguagem lhe reserva. Os discursos, com sua mera presença, governam tudo o que pode surgir na ocasião da palavra. Isso quer dizer que os discursos, tais quais propostos por Lacan, evidenciam um aspecto de estrutura não presente na dimensão das palavras. Se as palavras são fugazes, pois possuem uma

---

²⁰⁰ MARTINHO, 1999b, p. 109.

²⁰¹ O gozo, que convém distinguir tanto do *prazer* como da *necessidade* ou do *desejo*, aparece, em Lacan, como uma resposta ao problema da *satisfação*, herdado de Freud: é um outro nome para aquilo que este nomeou como algo que se dirige para *além do princípio do prazer*. O gozo é algo essencialmente plural, implicando diversas modalidades de uso, na expressão de Miller (MILLER, J-A. **Los signos del goce**. Buenos Aires: Paidós, 2006).

duração limitada no tempo, os discursos, por sua vez, possuem uma dimensão estrutural e, portanto, atemporal. Isso não quer dizer, paradoxalmente, que eles sejam eternos, pois, como Lacan o demonstrou, em relação à psicanálise criada por Freud, é possível “inventar-se” uma nova forma de discurso, o discurso analítico, no caso. O termo ‘inventar-se’ foi grafado entre aspas para indicar que não se trata de uma mera criação individual. Por mais que pesem aí os méritos de Freud, ele teve a seu favor “o conjunto da época”.

Apesar disso, os discursos propostos por Lacan apresentam um caráter estrutural. Isso quer dizer que nossos atos e condutas dependem – ou provêm – de certos “dizeres estruturais” que não dependem das palavras. “O sujeito não sabe quem os diz, nem mesmo de onde eles vêm, mas trata-se de um dizer que o impulsiona a agir, a atuar mesmo que isso cause sofrimento.”²⁰² Para que tudo isso seja possível é necessário pensar uma concepção de linguagem, como vimos, que seja capaz de produzir efeitos por si mesma. Ou, que a linguagem seja algo que possua mecanismos autônomos de funcionamento.

Concomitantemente, Lacan aponta que essa mesma linguagem determina um número possível de modos pelos quais os seres falantes relacionam-se. O número finito desses discursos indica que há uma estabilidade dos laços sociais que a linguagem é capaz de produzir (embora, ressaltando o que já foi dito, haja, aí, uma participação inquestionável da história. A criação, por Freud, do discurso do analista seria, salientamos mais uma vez, uma prova disso). E seu caráter estrutural indica, ainda, que os discursos radicais de Lacan prescindem da dimensão da enunciação da linguagem para firmar os laços entre os seres falantes. O que quer dizer que um ser falante, enfim, só existe em relação a outro ser falante e em relação à linguagem que os determina, a ambos.

É importante salientar que, quando Lacan refere-se à formação de laços sociais, ele, de certa maneira, escapa às definições e teorizações sociológicas. Nesses campos, a expressão

---

²⁰² SOUZA, op. cit., p. 90.

‘relações sociais’ está muito ligada à ideia de constituição de grupos ou de interações entre indivíduos. Ora, Lacan, como vimos, adota um caráter estrutural à sua teoria. O que quer dizer que os laços são relações do sujeito com um discurso em particular, “é o modo através do qual o sujeito vai poder habitar cada um desses discursos”.²⁰³ E cada sujeito inscreve-se nos discursos em função de sua história e de suas determinações inconscientes.

A teoria dos discursos tenta formalizar, ainda, o campo do gozo e não somente o campo da linguagem. É na estrutura significante que o discurso se funda; é a articulação da cadeia significante que produz o discurso. Mas, nem tudo, na ordem dos discursos, é significante. Afinal, a linguagem não transmite tudo; há sempre um resto inassimilável por ela. Trata-se aí do campo do gozo, igualmente presente na formalização proposta por Lacan.

Para a formalização de sua teoria dos discursos Lacan recorrerá à escrita algébrica. Serão quatro os elementos dos discursos – a (objeto a , mais de gozar, causa do desejo, condensador de gozo), $\$$ (o sujeito que é barrado pela incidência da linguagem e, portanto, do significante), S_1 (o significante-mestre, através do qual os demais significantes se organizam) e S_2 (o saber constituído enquanto cadeia significante) – que serão distribuídos em quatro lugares diferentes: o lugar do agente ou do semblante ou do poder; o lugar do trabalho ou do Outro ou do gozo; o lugar da produção/perda ou mais de gozar; e o lugar da verdade. A rotação dessas quatro letras, nos quatro lugares definidos, definirá a formação de quatro matemas²⁰⁴, indicando, cada um deles, um discurso. Saliente-se que essa rotação deve ser feita respeitando-se a sequência lógica das letras; ou seja, não há comutação possível entre elas. Sabemos, contudo, que Lacan, no próprio *Seminário XVII*, deixará indicado uma possibilidade para isso,

---

²⁰³ GASPARD, comunicação verbal.

²⁰⁴ O matema, em Lacan, pode ser entendido como um meio de transmissão “daquilo que pode ser transmitido” em psicanálise. Trata-se de uma tentativa de transmitir o real da estrutura que o discurso suporta. Ricardo Goldenberg refere-se aos matemas da seguinte forma: “[...] eram um dos meios para Lacan dizer o que pensava, não a aplicação de um automatismo algébrico sobre a psicanálise. Em outras palavras, na ocorrência de uma idéia pode-se, eventualmente, aproveitar tais fórmulas para exprimi-la; caso contrário, parece melhor desistir que esperar a secreção da mínima idéia pelos matemas.” (GOLDENBERG, R. Consumidores consumidos. In: GOLDENBERG, R. (Org.). *Goza!:* capitalismo, globalização e psicanálise. Salvador: Ágalma, 1997. p. 14). Milner, por sua vez, diz que “um matema lacaniano, enquanto literal, funciona idealmente como uma matriz de produção de proposições empíricas.” (MILNER, J. C. *A obra clara*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. p. 106).

como veremos em seguida. Essas letras são, então, distribuídas em quatro lugares, divididos dois a dois e separados por duas barras, que indicam a resistência à significação (ou seja, a operação de recalçamento).

1. <u>agente ou poder ou semblante</u>	2. <u>Outro/outro ou trabalho ou gozo</u>
3. verdade	4. produção/perda ou mais gozar

O objetivo de Lacan com a teoria dos discursos é o de estabelecer elementos para a formalização da psicanálise. “Diferenciar a lógica, a ética e o *modus operandi* da psicanálise em relação à universidade e à ciência é uma das lições, dentre muitas, que se pode tirar desse Seminário.”²⁰⁵

Essa formalização passa pela escrita e pela lógica. Posteriormente, Lacan acrescentou que, em todos os discursos, há pontos de fuga ou furos, que dão “sustentação real a cada um deles”.²⁰⁶ “É por escapar (no sentido do tonel) que um discurso adquire seu sentido, ou seja, pelo fato de seus efeitos serem impossíveis de calcular”.^{207,208}

4.4 O DISCURSO DO MESTRE

O primeiro dos discursos propostos por Lacan é o discurso do mestre. Há uma razão histórica para isso e Lacan utiliza-se, para construí-lo, da dialética do senhor-escravo, teorizada

---

²⁰⁵ CASTRO, J. E. Considerações sobre a escrita lacaniana dos discursos. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. XII, n. 2, jul./dez. 2009. p. 248.

²⁰⁶ Ibid. p. 248-249.

²⁰⁷ LACAN, J. Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos escritos. In: **Outros escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003b. p. 553-556. p. 550.

²⁰⁸ Essas características dos discursos, em Lacan, permitem uma crítica radical da pretensão totalitária da tecnociência (e da ciência) e da forma de organização social denominada de capitalismo. E essa crítica só é possível a partir do discurso analítico e do saber analítico.

por Hegel, em sua *Fenomenologia do Espírito*.²⁰⁹ O discurso do mestre refere-se, em sua origem, a um momento histórico em que a dominação (do mestre sobre o escravo) exercia-se por meio dos valores construídos pela tradição e não nos valores atribuíveis (como se estabeleceu com o surgimento do sistema econômico capitalista) ao “esforço pessoal”. Além disso, os mestres da tradição, em que pese terem acesso ao trabalho e à produção de seus servos, não o faziam, ainda, na lógica da acumulação. O mestre oriundo da tradição não conhecia a mais-valia e a acumulação de capital. O mestre moderno e o contemporâneo, por sua vez, não necessitam mais apoiar-se na força simbólica da tradição para impor a sua vontade e o seu domínio. Em seu lugar, há a vontade de lucrar e a capacidade de empreendedorismo do capitalista. Por essa razão, Lacan propôs uma alteração radical no discurso do mestre – indicando o discurso do capitalista – para que possamos compreender seu papel no mundo em que vivemos. Aprofundaremos essa questão, contudo, um pouco mais à frente.

Retornando ao discurso do mestre, há que se salientar que, além de razões históricas, há uma razão de ordem estrutural para que esse discurso venha antes dos demais.

O sujeito da psicanálise, como vimos, é o sujeito do inconsciente que apresenta, como características fundamentais, ser dividido, vazio e dessubstancializado. O que quer dizer que o sujeito do inconsciente está imerso numa condição permanente de *vir a ser*. Esse sujeito é criado pela relação significante (pela linguagem, portanto) e Lacan o representa num matema clássico, que reproduzimos a seguir:

$$\frac{S1 \rightarrow S2}{\$}$$

O sujeito da psicanálise articula-se, ainda, com o objeto *a*, numa indicação de que o seu ser, o ser do sujeito, é o objeto. Lacan elaborou um outro matema para representar essa relação:

²⁰⁹ HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do espírito*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

$$\$ \leftrightarrow a$$

A articulação desses dois matemas nos leva àquele que representa a estrutura do discurso do mestre:

$$\frac{S1}{\$} \rightarrow \frac{S2}{a} \quad \frac{\text{senhor}}{\text{sujeito barrado}} \rightarrow \frac{\text{escravo}}{\text{gozo}}$$

A partir dos matemas apresentados fica claro por que o discurso do mestre é um discurso fundamental. Pois sua existência é consequência direta do fato de existir a estrutura da linguagem. Se ela não existisse enquanto tal, não existiria, também, o mestre, aquele que comanda, que na verdade se confunde com o significante-mestre S1. O primeiro mestre é S1. O sujeito, portanto, por estar imerso no mundo da linguagem, está submetido, inexoravelmente, aos seus imperativos. Se a ele se obedece é porque o sujeito está submetido à linguagem; razão mais do que suficiente para demonstrar o papel diferenciador da estrutura da linguagem para o ser humano. Afinal, pergunta Lacan, “onde, no reino animal, se viu o discurso do mestre?”²¹⁰

A estrutura do discurso do mestre indica que o significante S1 age sobre o campo do Outro – que é um campo estruturado pelo significante S2, isto é, por um saber; produzindo um resto (*a*), pois, nesse percurso, há perdas; e indicando a verdade do sujeito, qual seja, que ele é dividido e incompleto. Em outras palavras: o significante-mestre S1 intervém no campo do Outro (S2), provocando a emergência de um sujeito dividido (\$); essa intervenção é feita ao custo de uma perda, a perda de gozo, que se presentifica como mais de gozar. Ao produzir, como efeito, o mais de gozar, a intervenção significante evidencia a existência de uma causa, a

²¹⁰ LACAN, J. citado por TEIXEIRA, M. A. **A violência no discurso capitalista**: uma leitura psicanalítica. 2007. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) – Faculdade de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. p. 61.

causa de desejo. É essa perda de gozo que há na fundação do sujeito que instaura a economia psíquica.²¹¹

No discurso do mestre, comandado, como está, pelo S1, só interessa do sujeito sua afânise, seu desaparecimento. Não há sujeito que gere a si mesmo, apesar do ideal de autonomia do neurótico. O sujeito é gerado no campo do Outro e devido ao campo do Outro. O S1, dessa forma, representa um sujeito para um outro significante, o S2. O significante S2 é um significante afanisante; ele condena o sujeito a desaparecer. Sua proveniência, do campo do Outro, impede, justamente, que o sujeito se represente pelo significante S1.²¹²

Nessa estrutura, o significante-mestre (S1), no lugar que Lacan indicou como sendo o do “agente”, mostra que há uma pretensão de identidade, entre \$ e S1. O mestre, portanto, tenta sustentar um mito imaginário de identidade; o que quer dizer que ele trabalha, esforça-se, para, de fato, acreditar ser o que pensa que é. No lugar da “verdade”, resultante desse trajeto, o que surge é que o mestre, por mais que tente alimentar seu mito identificatório, tem de, inevitavelmente, deparar-se com sua castração. E o “escravo” sabe disso, pois é ele que detém o *savoir-faire*.²¹³

O discurso do mestre demonstra, então, a primazia do significante na constituição do sujeito, revelando simultaneamente o objeto que o causa, produtor de um excedente de gozo ou mais de gozar, que ao tempo em que é efeito é também causa.

O significante, diz Lacan, é o que introduz no mundo o Um, e é suficiente que haja o Um para que tudo comece, para que S1 comande o S2, quer dizer,

---

²¹¹ No contexto dos registros RSI, o objeto *a* pode ser pensado como o lugar do próprio nó que os enoda. Nessa amarração dos três registros, há um nó que cava um vazio central, representando o lugar do próprio nó, onde Lacan situou o objeto *a*.

²¹² Dessa forma, um dos objetivos da análise é permitir que o sujeito “liberte-se” do peso exercido pela afânise provocada por S2, isto é, pelos significantes do Saber.

²¹³ Há uma variação possível desse discurso. Considerando-se que a estrutura se ordena a partir da incompletude do campo do gozo e sendo o objeto causa de desejo sem referente, ficam criadas as condições para Lacan nomear o lugar do agente, lugar do comando, também como o lugar do semblante. O que é que isso representa? Isso quer dizer que doravante qualquer uma das letras pode ocupar este lugar, podendo fazê-lo como recobrimento de um lugar vazio. E tanto ele é vazio que dá margem para que as demais letras possam circular, ocupando-o de diversas formas.

que ao significante que vem depois, depois que o Um funciona, ele obedece. O que é maravilhoso é que para obedecer é preciso que ele saiba algo. O que é próprio do escravo, como se exprimia Hegel, é saber algo. Se ele não soubesse nada, nem valeria a pena comandá-lo [...].²¹⁴

Se, para Hegel, o senhor goza, para Lacan, ao contrário, o senhor renunciou ao gozo.

O senhor encontra seu mais-de-gozar no escravo e no que este produz, nesse ‘a mais’ pelo qual ele gostaria de ser completado, mas do qual ele não sabe nada. Esse ‘a mais’ que o escravo produz é o que faria o senhor gozar se ele pudesse ser senhor disso, mas permanece um ideal para ele. [...] O senhor não tem acesso ao gozo e sim a um mais-de-gozar que permanece sem relação com sua divisão de sujeito.²¹⁵

No discurso do mestre, dessa forma, o dominante é a lei que inscreve o vivente na linguagem, imperativos do S1, cujos efeitos podemos identificar, por exemplo, nas formações do supereu.

O que a psicanálise nos ensina, com efeito, é isso: pelo fato de que o homem fala, ele não tem acesso direto a seus objetos, ele encontra de preferência sua satisfação nas entrelinhas, na própria cadeia significante, nos lapsos, atos falhos, sonhos, etc... Há aí uma segunda leitura [...] do discurso do mestre: um sujeito, barrado pelo fato de que fala, vê-se representar por um significante junto a outro significante, o que não acontece sem a queda de um objeto, o objeto *a*.²¹⁶

Ao longo de seu *Seminário XVII*, Lacan mostra como há uma evolução do discurso do mestre antigo a partir de uma operação que se realiza no nível do saber. Nesse Seminário Lacan define o saber como “meio de gozo”, isto é, o saber não se resume a ser um meio de produção, um instrumento de produção; ele não é o responsável por, simplesmente, produzir objetos ou coisas, mas é “meio de gozo”. Isso quer dizer que o processo de produção do saber produz uma satisfação inalcançável. O saber, então, pode ser entendido como um tipo de memória

²¹⁴ LACAN, J. citado por TEIXEIRA, M. A., op. cit., p. 66.

²¹⁵ VINCIGUERRA, R-P. Marx não sem Lacan. **Revista Latusa**, n. 13, p. 95-106, 2008. (O semblante e a comédia dos sexos). p. 98.

²¹⁶ CHEMAMA, R. Um sujeito para o objeto. In: GOLDENBERG, R. (Org.). **Goza!:** capitalismo, globalização e psicanálise. Salvador: Ágalma, 1997. p. 23-39. p. 31.

acumulada no processo de repetição em direção à busca de uma primeira experiência mítica de satisfação, desde sempre perdida. Lacan aponta aqui uma diferença entre saber e conhecimento. O saber será sempre não todo. Esse aspecto do saber o coloca em contradição com o que se deduz a partir do discurso da ciência. A ciência é igualmente não toda se supusermos que seu método não permite o desvelamento do “ser da natureza” em sua totalidade. Mas como um método que se pretende como “Um”, como único capaz de atingir as verdades do mundo (traduzível na ideia de que a ciência não sabe tudo, mas virá a saber um dia), ele se torna, recordando as palavras de Lebrun, citadas anteriormente, totalitário. Ou ideológico: sua ideologia é a da supressão do sujeito.

O que os discursos demonstram é que o sujeito, enquanto houver linguagem, não é passível de ser suprimido. Ele resiste na forma de sintomas. E os sintomas são, por sua vez, novamente aprisionados pela lógica do discurso da ciência. Daí fazer sentido a expressão indicada pelo psicanalista Jean-Luc Gaspard, de que a análise é uma espécie de asilo para o sujeito. O que a coloca em um lugar incômodo frente aos “ideais” da contemporaneidade.

4.5 O DISCURSO DA HISTÉRICA

A partir desse discurso “primeiro”, Lacan realiza sua operação de “quarto de giro” e obtém os demais discursos (ou “quadrípedes”), mais três, para ser exato. Esses quatro discursos, então, dão sustentação ao mundo e às relações sociais.

O primeiro quarto de giro gera o discurso da histérica, que apresenta a seguinte conformação:

Discurso da Histérica:

$$\frac{\$}{a} \rightarrow \frac{S1}{S2} \quad \frac{\text{sintoma}}{\text{causa de desejo}} \rightarrow \frac{\text{mestre}}{\text{saber}}$$

O lugar do agente (superior à esquerda), também chamado por Lacan de posição do desejo, de dominância ou do semblante, será ocupado pelo próprio sujeito, \$.

Ele não o faz, contudo, na condição de portador de uma patologia psíquica – como poder-se-ia pensar, *a priori*, em função da denominação que Lacan atribuiu a esse discurso –, mas na condição de ser um sujeito dividido. Como mencionamos anteriormente, Lacan elevou a histeria à condição de discurso.

Nele, o \$ busca S1 (o significante-mestre), intimando-o a trabalhar. “Uma condição que determina uma disposição favorável também à transferência, tornando o sujeito facilmente sugestionável como analisante”, diz Souza.²¹⁷

O sujeito, nessa posição de agente do discurso, é aquele que aborda o outro, o mestre, a partir de sua condição faltante, do seu sintoma, visando seduzi-lo ou intrigá-lo com sua demanda e, com isso, provocar seu trabalho, um trabalho que tente decifrar seu (da histérica) sintoma e o gozo que o acompanha.

As duas barras abaixo indicam, contudo, que esse saber não será suficiente para esclarecer o sintoma, pois ele não poderá tudo dizer do real que o causa. Ainda que se produza uma verdade a respeito desse sintoma e desse sofrimento; ainda que, no sintoma, resida uma verdade a respeito do sujeito, ele não poderá, nem mesmo em análise, obtê-la toda.

Assim, o que faz o sujeito, na posição histericizada do discurso, é “animar” o mestre a trabalhar, em função de seu desejo de saber, ao mesmo tempo em que lhe aponta os limites desse trabalho. É por isso que a histérica provoca a produção de um saber – S2 – que é da ordem do inconsciente, que possui, portanto, sempre um buraco.

²¹⁷ SOUZA, op. cit., p. 114-115.

Para Lacan, “o discurso da histérica revela a relação do discurso do mestre com o gozo, dado que o saber vem ali no lugar do gozo. O próprio sujeito, histérico, se aliena no significante-mestre como aquele que esse significante divide, *aquela*, no masculino, representa o sujeito [...]”²¹⁸

A histeria, o sabemos, fundou a psicanálise. Não é à toa, portanto, que Lacan atribuisse ao discurso da histérica um lugar chave no processo de cura psicanalítico. A verdade que eclode desse discurso é a que se diz por intermédio das formações do inconsciente: os sintomas, os sonhos, os atos falhos e chistes. Dessa forma, a verdade recalçada no discurso do mestre retorna no discurso da histérica. A regra fundamental da psicanálise – a associação livre proposta ao analisando – permite, assim, que um novo saber possa ser produzido, inteiramente diverso do saber universitário, representado no matema por S2.

O saber da ciência nada diz sobre a verdade. “Também não é possível que, pela produção de saber, se motive a divisão, o dilaceramento sintomático da histérica. Sua verdade é que precisa ser o objeto *a* para ser desejada.”²¹⁹

4.6 O DISCURSO UNIVERSITÁRIO

Se realizarmos, agora, um novo quarto de giro, a partir do discurso do mestre, dessa vez em sentido anti-horário, obteremos o discurso, batizado por Lacan, de “discurso do universitário”.

Tal é sua estrutura:

---

²¹⁸ LACAN, 1992, p. 88.

²¹⁹ Ibid., p. 167.

Discurso Universitário

$$\begin{array}{ccc} \frac{S2}{S1} \rightarrow \frac{a}{\$} & \xrightarrow{\text{professor}} & \xrightarrow{\text{a-estudante}} \\ & \text{significante mestre} & \text{sujeito dividido e alienado} \end{array}$$

No lugar do agente está o saber (ou sua figura emblemática, o professor) (S2), que encontra sua verdade em S1, ou seja, em sua relação com os mestres. Esse saber, no discurso universitário, estrutura-se sob a forma de um conhecimento com as características de cumulatividade, sistematização e metodologia, próprias, em grande medida, do saber científico que emergiu a partir do início da modernidade. Trata-se, para Lacan, do alicerce da produção do saber científico.

No lugar do outro, temos aquele que será o alvo desse saber, isto é, aquele que será educado pelo saber, o estudante, ou a-estudante, no termo proposto por Lacan. Trata-se de um lugar de exploração “tolerável”, como aponta Lacan: “[...] no nível do discurso universitário, o objeto *a* vem a um lugar que está em jogo cada vez que isso se mexe, o lugar da exploração mais ou menos tolerável.”²²⁰

Exploração, pois, como aponta Lacan, o saber assim organizado não permite a manifestação do desejo, aqui estruturado como desejo de saber. Ao contrário, esse saber universitário funciona de modo a impedir a emergência de novos significantes, “chegando a submeter e conduzir aquele que o produz – o mestre.”²²¹ Isso ocorre de tal modo e a tal ponto que, como vimos, há uma desconsideração quase absoluta de qualquer outro saber (qualquer outro significante) que se pusesse na posição de contrariar os cânones estabelecidos. Como apontou Kuhn, esses novos significantes só se impõem em momentos de crise, em que antigos paradigmas são questionados e destituídos de seus lugares; momentos em que o sujeito da

²²⁰ LACAN, 1992, p. 170.

²²¹ SOUZA, op. cit., p. 125.

ciência retorna de seu “ex-lugar”, isto é, de seu lugar de exclusão, de seu lugar de fora, de onde, porém, nunca deixou de “estar dentro”.

No discurso universitário o significante-mestre, S1, está recalcado, no lugar da verdade. Há uma disjunção estrutural, marcada pelas barras, entre o lugar da produção, que é um \$, e o lugar da verdade, o que quer dizer que o saber produzido por esse discurso é marcado pelo equívoco: o mestre não ascenderá, por mais que “saiba”, ao lugar da verdade.

Essa condição discursiva, embora não pare de transmitir um Saber, ignora a divisão do sujeito e a ex-sistência do saber inconsciente, um não saber sexual que está implicado à própria verdade do sujeito. O que se enuncia no discurso universitário em nenhum momento mantém relação com o sujeito, pois o que se ensina aí não lhe diz respeito.²²²

O que não impede, contudo, que seus mandamentos façam-se cumprir cada vez mais. Em seu *Seminário XVII*, Lacan afirma que “é impossível deixar de obedecer ao mandamento que está aí, no lugar do que é a verdade da ciência – *Vai, continua. Não para. Continua a saber sempre mais.*”²²³ Ou, ainda: “Não há mais necessidade de que ali haja alguém. Estamos todos embarcados, como diz Pascal, no discurso da ciência.”²²⁴

4.7 O DISCURSO DO ANALISTA

O discurso do analista é o avesso do discurso do mestre. Luiz Henrique Vidigal propôs o uso do termo ‘envesso’, no lugar de ‘avesso’, pois neste há “uma conotação de mal, adverso,

---

²²² SOUZA, op. cit., p. 127.

²²³ LACAN, 1992, p. 98.

²²⁴ Ibid., p. 99.

incorreção ou defeito”.²²⁵ O termo ‘envesso’, segundo ele, traduz melhor a intenção de Lacan, de “virar Freud pelo envesso”.²²⁶ “Por para fora o lado de dentro pode ter o sentido de busca meticulosa, de tratar o assunto nos seus mínimos detalhes, o que é bem uma descrição do projeto lacaniano em relação a Freud.”²²⁷

De fato, a estruturação de um campo lacaniano, relacionado ao conceito de gozo, marca, de certa maneira, uma inflexão na obra de Lacan que sempre se disse freudiano. O *Seminário XVII*, portanto, que é uma interrogação das relações do gozo com o discurso (com o saber e com a verdade), marca esse ponto de inflexão e a criação, agora mais nítida e clara, desse “campo lacaniano”. É nesse sentido que Vidigal propõe ser esse momento do ensino de Lacan como uma “tomada do projeto freudiano ao envesso”. O que não quer dizer, evidentemente, que a aposta lacaniana seja antifreudiana. Ao contrário, o “gozo”, conceito fundamental na estrutura dos discursos, pode ser considerado um passo a mais no processo de reformulação teórica do conceito de pulsão, iniciado pelo próprio Freud.

É o próprio Freud, afinal, que criou a psicanálise e com ela o discurso analítico, como avesso ou envesso do discurso do mestre.

A esse respeito, Lacan é bastante claro ao enunciar que do discurso do mestre só existe um contraponto, que é o discurso do analista. Contraponto porque há uma simetria em relação a um ponto, que faz com que o discurso do analista encontre-se no polo oposto ao discurso do mestre.

O matema do discurso do analista é o seguinte:

---

²²⁵ VIDIGAL, L. H. **Ensaio sobre os discursos de Lacan**. Belo Horizonte: Editora Tahl, 1992. p. 5.

²²⁶ No dicionário Houaiss, envessar possui dois sentidos: “colocar o pano pelo avesso” e “colocar algo na ordem inversa”.

²²⁷ VIDIGAL, op. cit., p. 6.

Discurso do Analista:

$$\frac{a}{S2} \rightarrow \frac{\$}{S1} \quad \frac{\text{desejo inconsciente}}{\text{enigma}} \rightarrow \frac{\text{sujeito dividido}}{\text{significante mestre}}$$

A principal oposição entre os discursos citados é a renúncia, no discurso analítico, a todo discurso ou princípio de domínio. O agente, no discurso do analista, não é ocupado por um mestre ou qualquer outro tipo social (como um conselheiro ou um pedagogo) que pudesse, de um jeito ou de outro, exercer qualquer tipo de poder sobre o outro. Esse lugar é ocupado pelo desejo inconsciente que representa, por si só, um questionamento dos significantes mestres. A posição do analista é construída substancialmente do objeto “a”, objeto causa de desejo, a partir do qual é possível promover a associação livre. Assim, “o analista se faz causa do desejo do analisante”.²²⁸ O saber inconsciente (S2) ocupa, no discurso do analista, o lugar da verdade. Mas é uma verdade estabelecida como um enigma, porque a verdade nunca pode ser toda dita. É preciso entender que, para a psicanálise, não é possível saber tudo, pois o inconsciente é o “não todo”. O produto desse discurso será o S1.

A função do trabalho analítico, então, é permitir que o desejo inconsciente se manifeste e seja reconhecido pelo sujeito. Um desejo sem objeto, pois fazer surgir o objeto causa de desejo do dizer do analisante nada tem a ver com uma suposta adequação do paciente à “realidade”, no sentido habitual do termo. Não se trata de obter, ao fim de uma análise, o “objeto precioso do desejo”. O processo analítico que o matema demonstra não implica qualquer juízo sobre qual seja o melhor objeto para o sujeito. Sua função, ao contrário, é permitir a recuperação da dignidade do sujeito, enquanto *ser desejante*.

Antes de prosseguirmos, contudo, tratemos de esclarecer os significados das duas flechas (nos esquemas temos apenas uma) presentes nos matemas. Em *Radiofonia*, Lacan nos esclarecerá o papel delas. A primeira dessas flechas indicará a categoria aristotélica da

²²⁸ LACAN, 1992, p. 36.

impossibilidade (retirada da lógica modal). Ela se situa e se inscreve sobre e entre as barras, ou seja, a impossibilidade situa-se entre os lugares do “agente” e do “Outro”, partindo do primeiro em relação ao segundo. A impossibilidade remete aos “impossíveis freudianos” de governar, educar e psicanalisar, ao que Lacan acrescentou fazer desejar. Sua escrita nos matemas indica a localização topológica do furo presente em cada discurso. Esse “furo” está localizado entre S1 e S2, no discurso do mestre; entre \$ e S1, no discurso da histérica; entre S2 e *a*, no discurso universitário e entre *a* e \$, no discurso analítico. No discurso do capitalista, a impossibilidade situa-se entre \$ e S2.

A impotência, por sua vez, é situada sob e entre as barras, isto é, entre os lugares da produção e da verdade, representada por uma seta que tem origem no primeiro e se direciona ao segundo. É o que Lacan indica como sendo a proteção da verdade, enunciando expressões, no *Seminário XVII*, como “verdade, irmã da impotência”²²⁹ ou a “impotência da verdade”, que se refere ao fato de que nossa linguagem é impotente para dizer toda a verdade.

No discurso universitário, a impotência localiza-se entre o sujeito (\$) produzido e o seu reconhecimento no significante-mestre (S1), colocado no lugar da verdade. No discurso analítico, a impotência pode ser superada através do trabalho do analisante de “saber haver-se com a verdade”. Trata-se de uma impotência que pode ser transposta pelo trabalho e pelo ato psicanalítico que indica, ou pode indicar, uma transposição da produção de significantes-mestres (S1) para o saber (S2), em posição de verdade. No discurso do mestre, a impotência localiza-se entre o objeto *a* e o \$, o que quer dizer que não há possibilidade de se extrair da produção, ou do que é produzido através dela, uma verdade subjetiva. O discurso do mestre promove a dessubjetivação dos processos de produção ao intentar a extração da mais-valia.

No caso do discurso do mestre moderno ou discurso do capitalista, o sujeito busca respostas dirigindo-se a um saber estruturado pelo “mercado”, cujo fim é permitir o gozo em

---

²²⁹ “A verdade, já lhes enunciei um dia, num arroubo lírico, que era a irmãzinha querida da impotência.” (LACAN, 1992, p. 166).

forma de consumo de um objeto-mercadoria que pode ser, então, qualquer coisa. Aqui, também, a impotência mostra que o sujeito não consegue verificar a verdade de seu significante-mestre.

No discurso histórico, a impotência refere-se à produção de saberes que não dão conta do gozo (saberes nos quais o sujeito não consegue se situar enquanto objeto mais gozar).

4.8 O DISCURSO DO CAPITALISTA

Além dos quatro discursos radicais, Lacan, ao fim do *Seminário XVII*, propõe uma espécie de atualização do discurso do mestre para os nossos tempos. Lacan apenas evoca a ideia de existência desse discurso sem, contudo, inscrevê-lo num matema. Isso ocorrerá numa conferência pronunciada em Milão, em 1972, intitulada “O discurso psicanalítico”.²³⁰

Trata-se do discurso do capitalista. Como sabemos esse discurso não é propriamente um discurso. Seja porque ele, de um lado, rompe com a ordem lógica dos demais discursos – isto é, ele não é obtido através da lógica dos quartos de giro –, seja porque, e esse aspecto é fundamental, ele não permite a construção de um laço social inédito.

Eis, a seguir, a sua conformação:

$$\begin{array}{ccc} \underline{\$} & \rightarrow & \underline{S2} \\ S1 & & a \end{array}$$

O discurso do capitalista foi construído, então, a partir de uma comutação dos termos presentes no discurso do mestre. Trata-se de um derivado lógico do discurso do mestre, obtido

²³⁰ Ver DARMON, M. *Ensaio sobre a topologia lacaniana*. Tradução de Eliana A. N. Valle. Porto Alegre: Artes Médica, 1984. p. 220.

por um efeito da torção de sua banda lateral esquerda. Mais precisamente, houve uma inversão dos termos que ocupam os lugares que estão do lado do sujeito (lado esquerdo). Os termos do lado do “outro significante” foram mantidos.

Nessa nova conformação, contudo, não há qualquer relação entre o agente e o outro; ou seja, não há laço social em questão. Não há vínculo entre o capitalista e o proletário.

No discurso do capitalista, o caráter de impotência – representado por uma flecha que parte da mais-valia (*a*) e segue em direção ao S1 – é superado. E superado de que forma? Pela quantificação da mais-valia, tornada possível pela escrita marxista.

Se o discurso do mestre referia-se a um momento histórico no qual o domínio exercido pelo mestre sustentava-se na tradição e não no seu esforço pessoal; se, mesmo tendo acesso ao produto do trabalho do servo/escravo, o mestre antigo não sabia como acumulá-lo é porque ele ainda não conhecia a mais-valia, denunciada, mas enunciada por Marx. O mestre moderno não precisa mais da força simbólica da tradição para impor sua vontade; ela, agora, exerce-se pela vontade de lucrar e pela capacidade de acumular. Ele exerce seu domínio, então, enquanto sujeito (Lacan coloca \$ no lugar de agente),²³¹ mas é enquanto indivíduo, com vontades, que ele aprendeu a gozar do objeto que o outro produz para ele, ainda que de forma parcial. Essa alteração não será sem consequências no esclarecimento do mal-estar contemporâneo e nas ligações intrínsecas entre o capitalismo e seu modelo de acumulação com a produção de saberes, específicos do mundo da ciência.

Esse indivíduo crê-se autônomo, não somente em relação aos ditames da tradição, que ele não precisa, em absoluto, respeitar para exercer seu domínio; mas também em relação à própria estrutura da linguagem (enquanto cadeia simbólica do parentesco). Trata-se de um

---

²³¹ Preferimos utilizar a expressão ‘indivíduo’ para, justamente, diferenciar de ‘sujeito’, já que não é esse o caso do discurso do capitalista, que exerce seu domínio por meio de “vontades” (de acumular, de gozar do trabalho do proletariado). Esse “indivíduo”, agente do discurso capitalista, não se confunde com o sujeito histórico, por exemplo, que exerce seu domínio sobre o outro a partir da própria exposição de sua divisão subjetiva, colocando-se em posição de demanda e queixa. Para mais detalhes, sugiro TEIXEIRA, M. R. O espectador inocente. In: GOLDENBERG, R. (Org.). **Goza!**: capitalismo, globalização e psicanálise. Salvador: Ágalma, 1997. p. 71-91.

sujeito que se acredita engendrado por si mesmo. Daí a ideia contemporânea de “declínio da imago paterna” que afeta tanto o pai real quanto o pai calcado na função simbólica.

Nesse sentido, a nostalgia das tradições, em que o pai era forte, simbolicamente, e que, portanto, exercia um papel mais nítido na delimitação desse sentimento de autonomia, só pode direcionar-se para ideologias anacrônicas. Não se trata, portanto, de algo dessa ordem. Não há no horizonte, perspectivas de alterações sociais que não incluam a ideia de “autonomia do sujeito”, ainda que, como veremos, o sujeito seja cada vez mais capturado pelas injunções do consumo.

Não somente pelo discurso do capitalista, mas, também, pelo discurso da ciência que, através da consistente ideologia do progresso tecnológico, respalda e fortalece ainda mais essa concepção de autonomia do sujeito, fornecendo-lhe meios inimagináveis até um tempo atrás. O paradoxo, como tentamos esclarecer, é que esse mesmo discurso, hoje o da tecnociência, expulsa o sujeito de sua moradia procurando transmutá-lo em puro organismo biológico, sujeito a determinações exclusivas desse campo.

Para compreendermos melhor o que significa tudo isso, precisamos retornar à estrutura matemática do discurso do capitalista. E retornamos tomando em questão o objeto *a*, que Lacan, como sabemos, retirou da teoria marxiana. Mais precisamente, do conceito de mais-valia. Para Lacan, a mais-valia descreve um processo que é absolutamente necessário, em termos sociais, que é a renúncia ao gozo. Nesse sentido, a mais-valia aponta que o trabalhador não pode usufruir de tudo aquilo que ele produz porque há uma diferença entre o valor produzido por meio de seu trabalho (que seria o valor final da mercadoria), e o valor de sua força de trabalho, que é o que recebe a título de salário, e que corresponde somente ao que é necessário para reproduzir sua força de trabalho.

Na medida em que o processo de produção não passa de processo de trabalho, o operário, neste processo, consome os meios de produção como

simples meios de subsistência do trabalho. Não obstante, sendo o processo de produção, ao mesmo tempo, processo de valorização, o capitalista consome em seu transcurso a capacidade de trabalho do operário ou se apropria do trabalho vivo como alma e nervo do capital. A matéria prima, o objeto de trabalho, em suma, serve apenas para sugar trabalho alheio, e o instrumento de trabalho serve apenas de condutor, de transmissor desse processo de sucção. Ao incorporar-se a capacidade viva de trabalho aos componentes objetivos do capital, este se transforma em monstro animado, e se põe em ação como se tivesse o amor dentro do corpo.²³²

O trabalhador, portanto, é despojado de uma parte considerável de seu esforço, que é transferido para o capitalista, dono do capital. Mas, o capitalista também não usufrui de toda essa mais-valia extraída, pois sua função empreendedora, para se sustentar, exige que boa parte dela seja reinvestida no processo de produção subsequente.

A partir dessas considerações, Roland Chemama realiza uma leitura bastante interessante do discurso do mestre, cuja estrutura voltamos a reproduzir:

$$\frac{S1}{\$} \rightarrow \frac{S2}{a} \quad \frac{\text{senhor}}{\text{sujeito barrado}} \rightarrow \frac{\text{escravo}}{\text{gozo}}$$

A dupla barra entre a e $\$$ representa uma disjunção de estrutura. “Que $\$$ esteja separado de a , aqui, não quer dizer somente, aliás, que nenhum sujeito possa ter acesso a esse objeto particular, a mais-valia. É sem dúvida que, ao menos nos primeiros tempos do capitalismo ele não deve nem mesmo ser percebido.”²³³

Isso permite compreender porque, para a nova classe social, que emergia com a modernidade e com o fim do medievalismo, o trabalho não era percebido como algo que visasse ao lucro, mas, antes, como uma questão de ordem moral. É Marx, justamente, quem vem desvelar a dinâmica da nova ordem econômica e permitir à burguesia aceder “ao sentido de sua ação”.

²³² MARX, K. citado por GÓES, C. **Psicanálise e capitalismo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008. p. 175.

²³³ CHEMAMA, op. cit., p. 29.

Do ponto de vista da compreensão psicanalítica, contudo, o que interessa é que a mais-valia indica que há uma interdição de estrutura que impede o acesso direto a qualquer objeto, seja ele a mais-valia, seja o objeto *a* (isto é, a série dos objetos ordenados pela castração: seio, cíbalo, voz, olhar e falo). Em outras palavras, o que organiza o mundo dos discursos, a começar pelo discurso do mestre, é a castração que, aliás, está representada em todos os discursos.

Assim como a mais-valia é o resíduo obtido da força de trabalho do operário, o objeto mais de gozar (*a*) é o resíduo de um trabalho de simbolização. O objeto *a*, dada essa homologia com o campo da economia política, é mais-valia da economia psíquica. “De fato o é, pois representa o excedente da força pulsional não assimilado no trabalho de simbolização, ou ainda o resíduo de gozo interditado pela linguagem para que o sujeito possa advir.”²³⁴ Se a mais-valia põe o capitalismo em funcionamento, o mais de gozar é a energia que põe em movimento a fala.

A aproximação que Lacan faz de Marx responde ao signo da homologia, não se tratando, portanto, de uma analogia.

É enquanto estrutura que o campo escrito por Marx é homólogo ao descrito por Lacan. Sobretudo porque a estrutura, ao menos para Lacan, deve ser entendida no sentido do que é o mais real, na medida em que se determina por convergência na direção de um impossível. E é como tal, isto é, por determinar-se na direção de um impossível, que a estrutura é real, na medida em que o real, como definido por Lacan, é o impossível.²³⁵

O campo de interesse de Marx é uma estrutura, segundo Lacan, porque parte do mercado e do modo como, nele, se inscreve o mundo do trabalho. De fato, no mercado, o trabalho funciona como qualquer outra mercadoria, podendo ser vendida e comprada, conforme as variações de circunstância que, nesse caso, representam os interesses do capitalista.

²³⁴ CABRAL, N. M. Lacan e o objeto *a*: uma articulação entre psicanálise e matemática. In: RINALDI, D.; JORGE, M. A. C. **Saber, verdade e gozo**: leituras de o seminário, livro 17 de Jacques Lacan. Rio de Janeiro: Marca D'Água Liv Editora Ltda., 2002. p. 84.

²³⁵ OLIVEIRA, C. O chiste, a mais-valia e o mais-de-gozar ou o capitalismo como uma piada. **Revista Estudos Lacanianos**, ano I, n. 1, jan./jul. 2008. p. 2.

Ora, Marx aponta que a existência de um mercado de trabalho altera radicalmente os rumos da história: há um salto radical a uma nova ordem social, uma nova época da história, que torna a força de trabalho uma mera mercadoria.

O estruturalismo marxiano consiste, então, em considerar o mercado como o campo do Outro que totaliza os valores, como o saber que prescreve os preços e que, como discurso, detém os meios de gozar. Mas ainda mais no seguinte: em, afirmar que há um correlato do sujeito nesse mercado do Outro: o mais-de-gozar.²³⁶

Aqui, há um reforço à concepção de que o capitalismo e a modernidade fundaram uma nova época, sem a qual a psicanálise não teria surgido, mas à qual ela se contrapõe. A economia política de Marx mostra que a mais-valia é causa e, ao mesmo tempo, consequência do discurso capitalista e que ela não existiria se o trabalho não tivesse sido alçado a essa condição abstrata, para que ele pudesse ser comparado e trocado no mercado, como qualquer outro produto. Sem a absolutização do mercado, numa expressão de Lacan, a mais-valia²³⁷ não poderia ter aparecido no discurso.

Assim, se Lacan entende que o discurso do mestre é uma forma de descrever a estrutura do capitalismo nascente, logo em seguida ele se dará conta de que esse discurso é um modo ineficaz para entender os caminhos que fizeram a transformação do capitalismo, tal qual o conhecemos hoje, em sua aliança com a tecnociência.

A partir de um certo momento, a mais-valia e o mais de gozar passam a ser contados, a ser contabilizados e é aí que tem início o processo de acumulação de capital. Mas não é somente a mais-valia que é contabilizável. A ciência, de seu lado, estrutura-se num processo similar de redução da “natureza” ao que é descritível em números. Há, portanto, uma total

---

²³⁶ OLIVEIRA, op. cit., p.3.

²³⁷ Essa relação entre a mais-valia e o mais de gozar indicou a Lacan que a economia política poderia ser um campo mais interessante para a psicanálise, em substituição às referências energéticas de Freud.

compatibilização entre capitalismo e ciência: ambos se estruturam em torno das operações que permitem que se faça contas.

O próprio ideal de uma formalização onde tudo é conta – a própria energia nada mais é do que o que conta, aquilo que, se vocês manipularem as fórmulas de uma certa maneira, dará sempre o mesmo total –, não estará aqui o deslizamento, o quarto de giro? Este é o que faz com que se instaure, no lugar do senhor, uma articulação eminentemente nova do saber, completamente redutível formalmente, e que surja, no lugar do escravo, não uma coisa que iria se inserir de algum modo na ordem desse saber, mas que é antes seu produto.²³⁸

Lacan, nesse sentido, faz uma crítica a Marx por este não ter se dado conta de que o processo de espoliação do proletariado tem seu segredo “no próprio saber”, o que quer dizer, no fato de que o trabalhador e seu esforço foram reduzidos a “ser apenas valor”: “o trabalhador é apenas unidade de valor”.²³⁹

No *Seminário XVI*, Lacan aponta que a unidade de valor é algo que atinge, da mesma forma, o discurso universitário e a produção dos saberes, o que transforma a Universidade num “mercado de saberes”. E, “se a psicanálise não pode enunciar-se como um saber e ser ensinada como tal, ela não tem rigorosamente nada a fazer no lugar onde só se trata disso.”²⁴⁰ Lacan, anuncia, assim, que o saber a que se propõe a psicanálise não é da ordem do mercado.

Da ordem do mercado são os saberes constituídos a partir das relações entre ciência e capitalismo. Nesse contexto, a ciência, unificada e reduzida a um único discurso (o da quantificação, da verificabilidade, da transformação possível em aplicação tecnológica), como quer o mercado, torna-se passível de ser trocada, como e por qualquer outro produto. Mas, diz Lacan, “[...] podemos conceber que também existe alguma coisa que, embora remunerada por

---

²³⁸ LACAN, op. cit., p. 76.

²³⁹ Ibid., p. 76.

²⁴⁰ LACAN, J. **O seminário**: de um Outro ao outro. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. (Livro 16). p. 19.

seu verdadeiro valor de saber, segundo as normas que se constituem do mercado da ciência, é obtida de graça. Foi a isso que chamei mais-de-gozar.”²⁴¹

Esse “a mais”, produzido pelo saber e obtido de graça, passa a regular o novo mal-estar na civilização, com seus sintomas não tão novos, mas, sem dúvida, inéditos em “seu volume e escala”, para utilizarmos um linguajar de nosso tempo. Os sintomas do capitalismo e da ciência aplicada à vida cotidiana, sem possibilidade de intermediação reflexiva.

Ora, é o discurso psicanalítico que pode trazer à tona a impotência característica do discurso da ciência (enquanto discurso universitário que produz saberes como em linha de produção) que é a de não incluir o “furo” de seu discurso. Ou seja, o discurso da ciência “nunca cava um furo em seu próprio cálculo”, já que demonstra uma profunda fascinação pelo ideal de completude. É a reintrodução desse “furo” que pode ser o papel esclarecedor a ser ocupado pelo discurso analítico; desconfiar dos saberes, acuar o impossível do discurso da ciência, colocar em questão o lugar ocupado pelo estudante em seu trabalho movido pelo saber e pelo Outro.

É somente ao considerar a impossibilidade em seu ‘último reduto’ que o discurso psicanalítico supera a impotência que lhe é inerente e pode, por isso mesmo, circunscrever/escrever a impossibilidade característica do discurso universitário: a abordagem do mais-gozar, do objeto-causa, por meio do saber.²⁴²

O principal papel do discurso analítico, contudo, é estar no “envesso” do lugar ocupado pelo discurso do mestre. O que, em certo sentido, o coloca como não o avesso exato, mas como em um lugar radicalmente diverso do lugar ocupado pelo discurso capitalista que, como apontou Lacan, é o mestre moderno.

Apesar desse lugar “radicalmente diverso”, é de se notar que o discurso do capitalista apresenta características que o fazem se “confundir” com o discurso analítico. E isso só pode se apresentar como um novo paradoxo!

---

²⁴¹ LACAN, op. cit., p. 40.

²⁴² CASTRO, op. cit., p. 255.

O sistema econômico único em que vivemos, de fato, enuncia a portabilidade de todos os bens, serviços e saberes. Tudo é intercambiável; tudo pode ser reduzido a um valor e, portanto, é possível estabelecer-se uma tábua de conversões em que algo, ou qualquer coisa, pode ser convertido em outro algo. Desde, é claro, que se “pague” o seu valor. Nesse nível das trocas, então, tudo se equivale. Mas é preciso salientar que o “valor de troca”, por si mesmo, já é um significante de uma falta de gozo. Se uma mercadoria, mesmo o saber, é feita para circular, para trocar de mãos no mercado, é porque ela não satisfaz de modo total. É porque há falta gozo na relação com os produtos, com as latusas, que o mais de gozar vai causar o desejo de consumo na economia capitalista.

Ora, num primeiro momento o analista pode ficar perdido diante dessa situação e nada ter a dizer sobre esse estado de coisas. Afinal, esse princípio da equivalência não é o mesmo princípio que rege o desejo?

O desejo, afinal, é sem objeto. Ele se desloca de objeto em objeto sem nenhuma consideração por qualquer aspecto que pudesse relacioná-lo a uma possível orientação “natural”.

Além disso, um processo analítico, ao estabelecer como sua função a promoção de uma ética que incita o sujeito a não ceder ao seu desejo, não estaria caminhando ao lado e no sentido de uma ideologia em que se “reconciliam curiosamente o ideal consumista do capitalismo e o sonho hedonista do pensamento-sessenta-e-oito: gozar sem entraves, tudo, imediatamente?”²⁴³

Tanto no discurso do analista quanto no discurso do capitalista, o objeto *a* está situado em um lugar de onde parte uma seta em direção a \$, sem que haja uma barra que os separe. Essa escrita é a de um efeito direto do objeto sobre o sujeito. Poder-se-ia pensar, então, que há uma convergência entre esses dois discursos e que o analista não tem outra coisa a fazer a não ser

---

²⁴³ CHEMAMA, op. cit., p. 38.

“ser um analista de seu tempo”, e ceder frente aos imperativos sociais, tornando-se uma espécie de auxiliares paramédicos.²⁴⁴

Num texto intitulado *Uma fantasia*, Jacques-Alain Miller desenvolve o matema do que seria o “discurso hipermoderno da civilização”. O objeto procurado na hipermodernidade é um objeto que não tem noção de medida, “indo sempre em direção ao mais, em direção ao sem medida, seguindo um ciclo que não é o das estações mas sim o de uma renovação acelerada [...]”²⁴⁵

Esse objeto, que Miller sugere, impõe-se ao sujeito desbussolado de nossos tempos, o sujeito sem referências seguras provenientes de um Outro, porque, hoje, há Outros à escolha. Ele escreve essa equação da seguinte maneira: $a \rightarrow S$.

Esse sujeito, por sua vez, na era da ciência e da necessidade de se mostrar eficiente, precisa, como afirma Miller, responder à exigência de ser avaliado. O que ele produz, então, é um S1, “o um contável da avaliação a ser produzida”. Esse processo produziria, então, no lugar da verdade, um S2, “um saber, no lugar da verdade/mentira”.²⁴⁶ Um saber que não é mais do que um semblante, que representaria uma ótica “relativista”, própria de nossos tempos, porque um saber nós o encontramos aos montes, em qualquer lugar, à venda e com cara de ciência, o que o torna, sem dúvida, “confiável”.

A grafia do “discurso hipermoderno”, então, assemelhar-se-ia à grafia do discurso do analista! Com isso, a psicanálise, que era o avesso do discurso do mestre e, por isso mesmo, podia ser o analisador do discurso do inconsciente, perderia seu lugar na civilização. “Poderíamos dizer – se partirmos do fato de que a relação entre civilização e psicanálise não é

---

²⁴⁴ Afinal, “os bioquímicos são os primeiros a dizer: ‘mas, sem dúvida, é preciso que nossos pacientes sejam escutados também’.” (MILLER, J-A. *Uma fantasia*. **Opção Lacaniana**. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, n. 42, p. 7-18, fev. 2005. p. 15), para que se faça o controle da operação realizada no real através dos medicamentos.

²⁴⁵ Ibid., p. 8.

²⁴⁶ Ibid., p. 9.

mais uma relação de um avesso com um direito – que essa relação é, antes, da ordem da convergência.”²⁴⁷

Em seu texto, Miller aponta movimentos internos no universo das sociedades psicanalíticas em torno dessa dificuldade contemporânea em “crer-se” no inconsciente, como avesso. Há os que propõem uma psicanálise “menos subversiva” e a valorização dos significantes da tradição, e os que propõem seu ordenamento ao mundo da ciência, “em tentar arregimentar a psicanálise segundo os progressos das ciências e das falsas ciências.”²⁴⁸ Em resposta a isso, Miller reafirma que a prática psicanalítica lacaniana só pode se sustentar pela oposição ao princípio do “isso funciona”, próprio dos ideais capitalistas e tecnocientíficos. “A prática psicanalítica rateia” e essa falha não é contingente, mas representa uma manifestação da relação com o impossível, que os sistemas contemporâneos esforçam-se em negar.

Não é preciso ir muito longe para entender que a expressão de Lacan (ser um analista de seu tempo), que é mais do que um conselho, é uma exigência, não possui esse sentido e essa direção.

Ser de seu tempo é, justamente, compreender a dinâmica econômica de seu tempo, seus determinantes sociais e históricos. Para, então, deixar a marca da psicanálise e do discurso analítico. Mostrar e demonstrar que os dois discursos, ao contrário, não se confundem em qualquer hipótese.

No discurso do capitalista, esse “discurso judicioso”, como afirma André Soueix, não há um projeto de integrar o gozo; ao contrário, “quando temos o gozo, é preciso gastá-lo ou então isso tem consequências.”²⁴⁹

---

²⁴⁷ MILLER, 2005, p. 10.

²⁴⁸ Ibid., p. 11.

²⁴⁹ SOUEIX, A. O discurso do capitalista. In: GOLDENBERG, R. (Org.). **Goza!:** capitalismo, globalização e psicanálise. Salvador: Ágalma, 1997. p. 46.

No discurso analítico o sujeito está no lugar do outro, ou seja, no lugar onde *isso* trabalha. Dessa forma, o encontro com o objeto *a* não se faz sem trabalho, sem elaboração, a elaboração que surge de um trabalho analítico.

Para Chemama, o acesso ao objeto através do discurso do capitalista corresponderia a uma espécie de “interpretação selvagem”. “O sujeito seria confrontado de saída com o objeto, sem trabalho prévio, num choque do qual vemos que às vezes tem dificuldade para se recuperar.”²⁵⁰

No Outro de nosso tempo, onde o sujeito vai buscar seu sentido, o sentido de sua vida, como o sujeito sempre fez, ele encontra sinais que indicam o caminho do ganho material como primeira e última razão. “Acrescentando-se que vale tudo já que a razão é o benefício e quem não souber disso terá perdido a razão.”²⁵¹

Um determinado tipo de discurso determina um certo sujeito, isto é, determina as relações desse sujeito com os demais elementos que o compõem. No discurso do capitalista, como vimos, isso não se estabelece de uma forma a permitir um posicionamento do sujeito frente ao outro (um laço social), transformado, então, em objeto.

O discurso capitalista não coloca o sujeito em uma nova forma de relação social. Ele encobre o sujeito, o amortiza, o deduz da operação de lucro como um gasto inevitável. Sua manifestação deve ser resumir ao consumo, ainda que de produtos “nobres”, como o saber.

Essa operação, e é isso que indica a psicanálise, não pode ser exata. Se o fosse, não haveria restos e não haveria sintomas. Evidentemente que o sistema capitalista almeja essa exatidão. A técnica, seu aperfeiçoamento, sua aliança com a ciência, nada mais representa do que essa tentativa desenfreada de tapar o “furo” do desperdício, representado pelos sintomas. Claro, até eles podem se tornar “produtos”: mediquemos os sintomas, os estudemos para melhor

---

²⁵⁰ CHEMAMA, op. cit., p. 38.

²⁵¹ ESTACOLCHIC, R. Corrupção. In: GOLDENBERG, R. (Org.). **Goza!:** capitalismo, globalização e psicanálise. Salvador: Ágalma, 1997. p. 68.

produzir resultados e, como isso, façamos girar uma nova máquina industrial! “Pois bem, na palavra sintoma, o ‘sin’ se foi e só restou o ‘toma’.”²⁵²

Mesmo assim, “isso rateia”! Não há como expulsar de vez o sujeito porque há linguagem. O consumidor toma um objeto de consumo por sucedâneo de seu objeto de desejo – aquele que, para Lacan, é um objeto fundamentalmente perdido. Isso é uma compulsão do tempo. Não quer dizer, contudo, que ele, mesmo deliciando-se com o mundo do consumo, acredite que esse objeto vá tamponar sua castração. “[...] Ele deixa-se ludibriar, participando desse engodo de maneira análoga ao fetichista.”²⁵³

O problema que há nesse processo, como o entendemos, é que as tentativas de supressão do sujeito,²⁵⁴ e isso a prática analítica o demonstra com facilidade, podem retornar “através das formas mais monstruosas”. Com certeza, a ideia de que o sucesso ou o “sentido” da existência está relacionado ao ideal de consumo pode sugerir que o estatuto do objeto se alterou: não se trata mais de um objeto para sempre perdido, mas de um objeto que foi roubado. Essa vivência de roubo – de que a existência foi roubada –, e esse ato de delinquência que poderia se estruturar a partir daí, representaria, em ato, portanto, uma tentativa de recuperação de um elemento simbólico do qual o sujeito se viu privado.²⁵⁵

Teixeira entende que essa vivência de “roubo” pode exacerbar “traços paranóides”, gerados, assim, pelas mais simples e corriqueiras situações de vida, entendidas como possibilidades cotidianas de ser ludibriado pelo outro.

---

²⁵² MILLER, 2005, p. 15.

²⁵³ TEIXEIRA, 1997, p. 80.

²⁵⁴ Entendemos que há uma diferença fundamental entre a “ideologia da supressão do sujeito”, própria de nossos tempos e a “não descoberta do sujeito” ou o “não levar em conta o sujeito”, próprio dos tempos anteriores à modernidade. Se nas chamadas idades antiga e média havia linguagem, então, havia sujeito. Mas ele não era relevante, enquanto conceito, até sua “invenção” na modernidade. Com a “ideologia da supressão do sujeito” temos algo bem diverso. Trata-se, assim, o cremos, de uma tentativa sistemática de tamponamento da falta estrutural que está na origem do sujeito, cujo resultado, previsto ou não pelo sistema econômico capitalista e pela ciência, pode ocasionar uma incompetência radical para a formação de laços sociais consistentes, isto é, uma impossibilidade de estabelecimento de “transferências” com os outros.

²⁵⁵ Ver TEIXEIRA, M. R., 1997, p. 83.

A “escala” dos sintomas, como nos referimos anteriormente, aparenta ser de outra ordem nos tempos atuais. Se eles vão chegar aos consultórios, às clínicas psicanalíticas e às instituições que, de algum modo, possuem psicanalistas em seus quadros, é algo difícil de se imaginar ou mesmo teorizar.

O que sabemos é que o capitalismo é imune a sua própria verdade. Tal qual a ciência! Lacan evidencia que no discurso do capitalista não há qualquer impedimento ao acesso à verdade, pois ela não está mais protegida. A denúncia de sua verdade, portanto, só terá o efeito de reforçar o seu processo da mesma forma que Marx, ao expor a sua dinâmica, deu elementos ao capitalismo para se conhecer melhor. Lacan, aliás, diz que Marx fornecera ao capitalismo a “receita de sua longevidade”. “Para Lacan, o processo de análise marxiana que levou ao desvelamento da mais-valia forneceu ao capitalismo a possibilidade de pensar-se com maior precisão, permitindo ao mestre capitalista sair de sua fase intuitiva.”²⁵⁶ Quando das manifestações de maio de 1968, Lacan se pronunciou de maneira bastante cética, falando aos estudantes que eles desejavam apenas um novo mestre no lugar do anterior. E devolveu à expressão revolução seu sentido astronômico, de volta em torno de um eixo, para retornar ao ponto de partida.

Mas Lacan também disso, a respeito do capitalismo e de sua compulsão ao consumo – o que não significa que se tratou de uma análise sociológica ou econômica – “Isso se consome, se consome tão bem que se consuma.” Isso pode indicar uma crença de que essa forma de organização social, talvez, redunde em crises sucessivas que culminem por “consumi-la” por todo.

A crítica marxista, que não é a psicanalítica, entende que

há quatro limites absolutos ao modo de produção capitalista: a saturação das necessidades racionais; a abundância, que faz os custos de produção tenderem para zero e solapa a própria noção de assalariado; a automação,

---

²⁵⁶ TEIXEIRA, M. R., 1997, p. 88.

que elimina o trabalho manual da produção; a supressão das diferenças entre trabalho manual e trabalho intelectual, que condena a manutenção da estrutura hierárquica da empresa.²⁵⁷

4.9 O DISCURSO DA CIÊNCIA

No *Seminário XVII*, em particular no capítulo XI, denominado “Os sulcos da aletosfera”, Lacan faz observações importantes a respeito da produção que envolve a ciência e as ressonâncias disso na esfera do sujeito.

Nesse capítulo, Lacan pensa a ciência a partir do discurso do mestre, a partir da incidência da ordem significante: “na medida em que a ciência se refere apenas a uma articulação, que só se concebe pela ordem significante, é que ela se constrói com alguma coisa da qual antes não havia nada.”²⁵⁸

Num texto posterior, *Televisão*, Lacan, contudo, afirma sua aproximação com o discurso da histórica: “concluo que o discurso científico e o discurso histórico têm quase a mesma estrutura [...]”²⁵⁹

A convergência entre os discursos da ciência e da histórica estaria no saber. O sujeito histórico, assim como o sujeito da ciência, é suposto não saber. Isso na medida em que, como vimos, o primeiro interroga o mestre e o segundo, o sujeito proveniente do sujeito cartesiano, questiona o saber instituído.

O saber devolvido pelo mestre à histórica não dá conta daquilo que o causa no lugar da verdade. Não há um saber que possa dar conta de explicar o que é ser uma mulher. Há uma

²⁵⁷ MANDEL, E. citado por SOUEIX, op. cit.

²⁵⁸ LACAN, 1992, p. 152.

²⁵⁹ LACAN, J. *Televisão*. Tradução de Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. p. 40.

impotência do saber produzido pelo mestre, que obriga a histórica a refazer a sua pergunta de modo insistente.

No caso da ciência, o mesmo processo ocorre. O saber produzido num determinado tempo será superado por outro seguinte, o que faz surgir o imperativo categórico da ciência, como diz Lacan, que é “continue sempre a saber”.

A expressão utilizada por Lacan, em *Televisão*, contudo, aponta que se os discursos da histórica e da ciência têm quase a mesma estrutura, é porque há, em algum ponto, uma divergência. Essa divergência, como aponta Olivieri,²⁶⁰ está na verdade produzida em ambos os discursos. No matema do discurso da histeria, o lugar da verdade é ocupado pelo objeto a , que indica a verdade de seu sintoma, que foi recalcado. Quanto à ciência e sua relação com a verdade, Lacan diz que ela nada quer saber a respeito disso.

Em função disso, André Soueix propõe escrever o matema do discurso da ciência da seguinte forma:

$$\$ \rightarrow \frac{S_1}{S_2}$$

Há uma semelhança, de fato, com a estrutura do discurso da histórica, com a diferença de que no lugar da verdade há um vazio. O que indica que a ciência forclui a causa da divisão subjetiva, que no discurso da histórica é o objeto mais de gozar, que se manifesta na forma de sintoma.

O matema proposto por Soueix indica, dessa forma, que se na ciência há sintoma em consideração, ele só poderá ser tratado pela aparência, isto é, como fenômeno, desconsiderando-se, portanto, qualquer coisa que seja da ordem de um questionamento, à maneira do que existe

---

²⁶⁰ OLIVIERI, F. A aletosfera, lugar de objetos agalmáticos. In: RINALDI, D.; JORGE, M. A. C. **Saber, verdade e gozo**: leituras de o seminário, livro 17 de Jacques Lacan. Rio de Janeiro: Marca D'Água Liv Editora Ltda., 2002. p. 71-76.

na motivação sintomática na histérica em seus questionamentos dirigidos ao mestre. Ou seja, de lhe mostrar que os saberes produzidos pelo mestre nunca dão conta de seu sintoma.

Como fenômeno – observável –, o sintoma na ciência não pode ser outra coisa que um dado, redutível a um número (quantas pessoas há no mundo com depressão; quantas pessoas reagem “bem” a determinado medicamento etc.) ou fórmula (química).

É nesse aspecto que a ciência manifesta seu berço de origem e sua irmandade com o sistema econômico que emergiu com a modernidade. Com a evolução das técnicas, transformando a ciência em aplicação, em tecnociência, essa quantificação ficou muito mais explícita e muito mais eficiente.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS OU O LUGAR DA PSICANÁLISE
EM SEU TEMPO**

Ao longo deste trabalho, tentamos expor, através do projeto de estabelecimento de um saber, a neuropsicanálise, e de diversas outras considerações, que a ciência, enquanto alimentadora de um discurso próprio, de sucesso e de estrutura formal inquestionável, estabeleceu-se como parâmetro, ao lado daquilo que Lacan denominou de discurso do capitalista, para os projetos existenciais de nosso tempo.

Mais, então, do que ciência ou consumismo, os discursos da ciência e do capitalista são fontes que dão norte ao “sujeito desbussolado” de nosso tempo. Se há um aspecto que os torna descartável – os saberes podem ser acessados de qualquer viés social; eles se equivalem etc. – por outro lado, eles apresentam um caráter estrutural: de “supressão do sujeito”.

Se a denúncia da verdade do capitalismo – e poderíamos dizer da ciência – só o reforça, como dissemos no capítulo anterior, como situar aí o lugar do psicanalista?

O psicanalista, dada sua relação com a ética da psicanálise, não pode compactuar com o sintoma, seja na clínica, como analista, seja no âmbito social. “A nossa ética não foi feita para que nos aliemos ao sujeito no papel que ele escolheu para si: o de espectador inocente dos acontecimentos que modelam o seu destino.”²⁶¹

Essa poderia ser uma frase de Éric Laurent, ao justificar sua proposta de que o analista, em nosso tempo, participe da vida social e seja o que ele denominou de analista cidadão.

É importante salientar que o termo ‘analista cidadão’ refere-se a uma proposta de atuação do psicanalista, em consonância com os limites impostos por nosso tempo à psicanálise.

Laurent escreveu um texto – que leva exatamente o título de *O analista cidadão*, assim grafado, isto é, sem hífen²⁶² – em que contesta a posição de seu mestre, Serge Leclaire, para quem a psicanálise era uma “prática de desidentificação”.

Em termos clínicos, isso significava a prática de um processo “sem fim de desidentificação até o infinito”. Em termos de posicionamento social do analista, isso implicava,

---

²⁶¹ TEIXEIRA, M. R., 1997, p. 90.

²⁶² O que indica que não se trata de uma “especialidade” que algum psicanalista pudesse vir a assumir e sim um posicionamento “político”, frente ao e no seu tempo.

segundo Laurent, uma marginalização social da análise e a construção, paradoxalmente, de um “ideal do analista concebido como um marginal, um inútil, que não servia para nada, a não ser para denunciar todos que serviam para alguma coisa.”²⁶³

Em que pesem nossas discordâncias com a frase de Laurent, entendemos sua proposta de uma imersão mais consistente do psicanalista no mundo “desbussolado” em que vivemos. Sua ideia é a de solicitar aos psicanalistas que não se furtem a falar – ainda que seja através de “seu dizer silencioso”, o que não é a mesma coisa que o silêncio – dos grandes temas da contemporaneidade. “O dizer silencioso implica tomar partido de maneira ativa, silenciar a dinâmica de grupo que rodeia toda organização social.”²⁶⁴ Quando três se juntam, diz Laurent, instala-se a dinâmica de grupo e desencadeiam-se as paixões imaginárias, paixões narcísicas e o analista deve ser capaz de silenciar. Mas, diz Laurent, o verdadeiro trabalho do analista é o de remeter o grupo às suas verdadeiras tarefas. Calcando-se em Bion, Laurent entende que o analista deve, nessa posição, “ser capaz de saber o que se pode e o que não se pode curar nos indivíduos expulsos do ideal”, a fim de permitir a supressão das paixões narcísicas que se apoiam na dinâmica mesma do rechaço social.

Os analistas, democraticamente – o que significa ‘diálogo’ com os demais saberes da saúde mental –, devem ocupar seu lugar de “ajudar a civilização a respeitar a articulação entre normas e particularidades individuais.” Ou, “eles precisam saber transmitir a humanidade do interesse que a particularidade de cada um tem para todos.”²⁶⁵

Num mundo sem ideais, caberia ao analista o debate democrático, “aberto, crítico, desprovido de dinâmicas de grupo.”

Em uma civilização em que o discurso da ciência é dominante, o sintoma “fala menos”. O sintoma mudo, paralisado pelos curtos-circuitos do gozo, encontra na ciência – psicofármacos

---

²⁶³ LAURENT, E. O analista cidadão. In: **A sociedade do sintoma**: a psicanálise, hoje. Tradução de Vera A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa Liv. Ltda., 2007b. p. 143.

²⁶⁴ Ibid., p. 143.

²⁶⁵ Ibid., p. 144-145.

e/ou terapias cognitivos-comportamentais – objetos que tamponam a falta estrutural e estruturante, “coletivizando o modo de satisfação com a política do ‘todos iguais’.”²⁶⁶

As instituições de saúde mental não ficam imunes a tudo isso, evidentemente, e sofrem as ressonâncias de toda a movimentação provocada pelos discursos da ciência e do capitalista. Nesses contextos, o analista deve apostar que “há uma brecha em algum lugar, e é preciso entrar”, como aponta Miller, para que se faça o uso que se fizer dele.

Esse uso, quando realizado, servirá para indicar que o objeto com o qual o analista trabalha não se reduz à dimensão do universal. O analista deverá saber lidar com o conflito gerado por uma época fragmentada entre a globalização e as exigências de singularidade. No seio desse conflito, a atuação do analista deverá pautar-se pela ética da psicanálise, que só pode ser fundada a partir da solução singular dada pelo sujeito à errância do seu desejo e a seu modo de gozo.

Para Laurent, “não é muito difícil demonstrar que a psicanálise tem efeitos” e “apresentar experiências que demonstrem que ela é útil”, quando confrontada com os discursos que propugnam justamente o contrário.

Ao constatararmos que os discursos da ciência e do capitalista adquiriram uma hegemonia sem precedentes – como discursos únicos, apesar de entendermos que se trata de duas faces da mesma moeda –, a tarefa proposta por Laurent não aparenta ser tão fácil.

Não há garantias, inclusive, de que o discurso analítico consiga provocar, fora do contexto de uma análise, o movimento da roda dos discursos. Fora de seu lugar, o discurso analítico, tal qual propõe Laurent, talvez consiga funcionar à maneira de um chamariz. Não há como discordar que é preciso ocupar os lugares abertos – abertos por algumas fraturas dos discursos dominantes que ainda não foram totalmente fechadas, como sugere Miller. Nas

---

²⁶⁶ MONTEIRO, C. P.; QUEIROZ, E. F. A clínica psicanalítica das psicoses em instituições de saúde mental. *Psicologia Clínica*, v. 18, n. 1, p. 109-121, 2006. p. 112.

instituições de saúde mental faz-se urgente essa presença, aproveitando-se dos momentos em que o “isso falha”, e apontando a insuficiência dos mestres sem sujeito de hoje.

Mas sem olvidar que o “psicanalista, como diz o próprio Laurent, deve permanecer atópico em relação à corrente principal da civilização que o arrasta. Ele não se contenta em encantar-se com a ‘liberação’ dos costumes, pois percebe o seu avesso, o novo império do gozo.”²⁶⁷ E, no que diz respeito ao gozo, o psicanalista deve remeter o sujeito à sua particularidade.

A psicanálise não pode se transformar em uma *práxis* política, no sentido de provocar a atuação do psicanalista como militante (da causa do sujeito?). Sua atuação, queiramos ou não, depende, fundamentalmente, da existência de crises que afetem o sujeito. Essas crises, cada vez mais eficazmente sufocadas pela emergência de um discurso da ciência cada vez mais presente no dia a dia, eclodem nos consultórios, onde o analista pode, então, “asilar” o sujeito, permitindo-lhe traçar hipóteses diagnósticas que não precisam estar de acordo com as nosografias “científicas”, que são influenciadas pelas ideologias contemporâneas do consumo e da objetificação sem limites. Nas palavras de Teixeira:

Contudo, somos forçados a admitir que, se é um fato que o *discurso psicanalítico* não pôde surgir entre os assírios e os babilônios, por exemplo, porque os laços sociais de então não haviam ainda produzido um sujeito que pudesse suportá-lo, podemos admitir também a hipótese de que, no futuro, os laços sociais existentes tornem impossível a permanência deste discurso.”²⁶⁸

O ceticismo do autor da frase coaduna-se com a dificuldade do cidadão contemporâneo, que muitas vezes confunde-se com sua posição de pôr o outro para trabalhar, de sentir-se à vontade para atender à associação livre, regra básica da psicanálise, pois ela é “um trabalho

²⁶⁷ LAURENT, 2007a, p. 171-172.

²⁶⁸ TEIXEIRA, M. R. Alcance e limites da prática analítica no início do século. In: **Vicissitudes do objeto**. Salvador: Ágalma Psicanálise Editora, 2005d. p. 231-232.

forçado”, que exige situar-se no lugar do trabalhador, como afirmou Lacan em seu *Discurso de Roma*.

Se fosse preciso designar um critério do ser analista – Deus me livre disso! –, diz Miller, eu diria então que seria a intolerância à identificação, seja no pânico ou no entusiasmo, na rotina assim como na surpresa. Um psicanalista não quer semelhantes, quer apenas diferentes.²⁶⁹

Não se trata de uma discordância com as colocações de Laurent citadas há pouco. A posição de Miller é a de que a análise não é exatamente uma clínica, que pressupõe “apertar os botões necessários para que o outro se ponha a operar. Somos clínicos quando acumulamos a experiência de um grande número de pacientes.”²⁷⁰

“O encadeamento um a um dos casos clínicos pode constituir uma série, mas não uma soma. De per se, a análise não produz nenhuma espécie de síntese.”²⁷¹ A psicanálise não é passível de redução a procedimentos orientados pela concepção da pura objetividade, pelas possibilidades indeterminadas de generalização ou, ainda, pelos famigerados tratamentos estatísticos de dados. Ela é uma experiência singular, uma busca da verdade orientada por um desejo decidido. Ela pode facilitar ao sujeito, que se arrisca em sua experiência, o acesso a uma modalidade de gozo mais condizente com a condição de seu ser.²⁷²

“Pois a via analítica não é a de um grande número, nem a da estatística, mas a do singular e do paradigma: do singular elevado a paradigma.”²⁷³ Miller utiliza-se do termo

---

²⁶⁹ MILLER, J-A. Como alguém se torna psicanalista na orla do século XXI. **Opção Lacaniana**. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, n. 55, p. 15-22, nov. 2009a. p. 19-20.

²⁷⁰ Ibid., p. 20-21.

²⁷¹ MARTINHO, J. Prevenção. In: **Ditos**: conferências psicanalíticas. Lisboa: Fim de Século Edições Ltda., 1999d. p. 43.

²⁷² Ou ainda: “O analista não é uma memória, ele não faz benchmarking, não compara: ele acolhe a emergência do singular”. Mas, diz o mesmo autor, ele também é memória, “ele guarda a memória dos significantes que apareceram, faz correlações, articula-os, pontua repetições”. A análise, desse ponto de vista, possui dois registros diferentes: o do inconsciente e o do sinthoma, ou do singular (MILLER, J-A. O inconsciente e o sinthoma. **Opção Lacaniana**. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, n. 55, p. 35-43, nov. 2009b. p. 37).

²⁷³ Ibid., p. 21.

‘paradigma’ para apontar que o singular é, exatamente, aquilo, é a constatação que faz romper um paradigma estabelecido; que provoca inquietação e “furo” no saber até então estabelecido.

O singular não é o particular. O particular é algo que podemos ter em comum com alguns outros, aquilo que se assemelha de um sujeito para outro. Não é o universal, pois o universal é o que vale para todos. O singular é aquilo que indica o “nada comum”, que é fechado em si mesmo, o que ocupa uma certa distância em relação a qualquer grupo ou comunidade.²⁷⁴ “[...] Lacan inventou o conceito de *sinthoma* para designar o singular, podemos dizer, fora da clínica, fora da classificação, o singular em seu absoluto.”²⁷⁵

Desse ponto de vista, que Miller identifica como sendo o “último Lacan”, a prática da psicanálise deve tratar de reconduzir o “destino” do sujeito, tecido enquanto trama, da estrutura aos elementos primordiais, que são fora do sentido, porque remetem à existência contingente. Pelo simples fato de sermos seres que falamos, a linguagem exerce sua função construindo um enredo dos acasos da existência e transformando-os em algo que o indivíduo vive como sendo da ordem de um destino ou de uma vocação. O *sinthoma* não é articulável pela linguagem, ele é o “desabonamento do inconsciente”. Mas não é irrelevante apontar que a “clínica do *sinthoma*” não quer dizer que não se decifra o inconsciente, mas que essa decifração encontrará, necessariamente, um obstáculo, daquilo que é da ordem do acaso, do contingente, e que não é redutível à linguagem.

Não desenvolveremos a ideia de *sinthoma* neste trabalho, mas o apontamos como uma saída para a psicanálise em nossos tempos, ao menos na compreensão que dele faz uma determinada escola lacaniana.

De nosso ponto de vista mais imediato, contudo, o discurso analítico, por si só, já aponta para o fato de que o psicanalista não é um especialista em alguma coisa. Ele não é um praticante

---

²⁷⁴ Segundo os lógicos, o quantificador que responde ao singular é grafado da seguinte maneira: “ $\exists!x$ ”, o quantificador existencial seguido de um ponto de exclamação!

²⁷⁵ MILLER, J-A. São os acasos que nos fazem ir a torto e a direito. **Opção Lacaniana**. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, n. 55, p. 23-33, nov. 2009c. p. 30.

da técnica, seja ela qual for. Mas ele é alguém que, supostamente, sabe de alguma coisa que pode agir sobre o sofrimento de que o sujeito padece.

O psicanalista não pode pretender aliviar o sujeito contemporâneo de seu desligamento dos ideais e de sua culpa em relação a isso. “O sujeito já está aliviado. Ele é *light*.”²⁷⁶ Trata-se, no entanto, de ajudá-lo a suportar a inconsistência do(s) Outro(s) contemporâneo(s) (*prêt-à-porter*), sua ausência de garantias (como sempre foi), sem que isso provoque, não obstante, uma capitulação aos imperativos de gozo do supereu, que em nosso tempo enuncia-se por uma única frase: goza!

No que diz respeito ao gozo, o analista, evidentemente, não pode funcionar como um censor, um delimitador. Isso só seria o anúncio, diz Laurent, de “devastações futuras nos novos desvios a serem assumidos pelas pulsões.”²⁷⁷ O que o analista pode fazer é reenviar o sujeito à sua particularidade ou à singularidade de seu *sinthoma*, na visão milleriana. Libertá-lo da tirania de gozar de tudo!

Como aponta Laurent, “dependemos dos objetos e das fantasias *ready made* fornecidas pela civilização, para deles extrairmos uma mais-valia de gozo.”²⁷⁸ Mas é preciso saber dizer não ao “*pronto-para-gozar*” na justa medida de cada particularidade sintomática.

Se “[...] el mundo de la Técnica, al menos tendencialmente, constituye una destrucción del inconsciente, del inconsciente en su dimensión de lectura”; se “[...] el emplazamiento de la Técnica es una voluntad que promueve la desconexión total entre el ‘sinthoma’ y el inconsciente”, a experiência analítica, de seu lado, “se desarrolla como un viaje por el inconsciente hasta captar la condición irreductible y contingente del ‘sinthoma’ [...]”²⁷⁹

Jorge Alemán está de acordo com Laurent. Não se trata de criticar o indivíduo do “gozo autista do consumo” de nossos tempos, “ni de despreciar su masividad mediática desde una

---

²⁷⁶ LAURENT, 2007a, p. 171.

²⁷⁷ Ibid., p. 172.

²⁷⁸ Ibid., p. 173.

²⁷⁹ ALEMÁN, J. Una izquierda lacaniana... In: **Para una izquierda lacaniana...** intervenciones y textos. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2010. p. 17.

nostalgia pseudo aristocrática” mas de, com Lacan, fazer com que “allí donde el individuo neoliberal del goce autista es, el sujeto excêntrico del inconsciente debe advenir”.²⁸⁰

Por trás da aparente solidez da ideologia do consumo e da ideologia da produção, referendadas pela tecnociência, há um sujeito que não pode permanecer o tempo todo enclausurado. Recebê-lo em análise, de certa forma, significa, como dissemos, tirá-lo de uma clausura e oferecer-lhe uma “asilo”.

O sujeito pode dizer sim e não ao mundo do imperativo do gozo e ao mundo da técnica!

Seria insensato atacar, a cabeçadas, o mundo técnico [...]. Dependemos dos objetos que nos são fornecidos pela técnica. [...] Podemos dizer ‘sim’ e, ao mesmo tempo, ‘não’ ao emprego inevitável dos objetos técnicos, no sentido de impedi-los de nos engolir e, assim, falsear, confundir e, finalmente, esvaziar o nosso ser. [...] Uma palavra antiga serve para designar essa atitude de dizer simultaneamente sim e não ao mundo técnico: *Gelassenheit*, ‘serenidade’, ‘igualdade de alma’. Falemos, então, *da alma igual em presença das coisas*.²⁸¹

Diríamos nós que um sujeito analisado é um sujeito desajustado em relação ao mundo em que vive. Sua particularidade é admitida somente se for encomendada no mercado, o que, evidentemente, é uma contradição. O desajuste é o do sintoma (ou do *sinthoma*), que, por ser singular, nunca será redutível, *in totum*, ao mundo do capitalismo e da tecnociência. Mas um sujeito desajustado e “sereno”, que não se deixa tocar pelos objetos desses mundos, a não ser na justa medida, que só pode ser a de cada um.

Não esquecendo, contudo, o que disse Lacan em um texto recentemente descoberto, uma entrevista, na verdade, concedida à revista *Magazinne Littéraire*: “a ciência substitui-se à religião e ela é de longe mais despótica, obtusa e obscurantista. Há um deus-átomo, um deus-

²⁸⁰ ALEMÁN, op. cit., p. 20.

²⁸¹ HEIDEGGER citado por LAURENT, 2007a, p. 172-173.

espaço, etc. Se ganha a ciência ou a religião, a psicanálise está acabada.”²⁸² Para Lacan, assim, não havia dúvida de que o discurso analítico não poderia representar outra coisa, em nossos tempos, que não uma subversão (e não uma revolução) frente ao discurso da ciência. Da mesma forma, Lacan não desconhecia que a psicanálise pode ser derrotada pela ciência, caso ela triunfe e se apodere, enquanto discurso, de todas as instâncias da existência humana e de sua capacidade de reflexão.

Assim, não há como acreditar que um projeto como o da neuropsicanálise estruture-se na direção de “mais psicanálise”. Ela só pode ser uma aliada, mais uma, da ideologia da supressão do sujeito, que domina nossa era.

Diante disso, a psicanálise deve servir, fazemos questão de apontar mais uma vez, como “asilo do sujeito”. E não como asilo do psicanalista, que deve estar a altura de seu tempo, como sempre o convocou Lacan, ainda que o tempo seja esse!

---

²⁸² LACAN, J. La psychanalyse: nouveaux enjeux, nouvelles pratique. **Magazine Littéraire**, n. 428, p. 28, fev. 2004, p. 28. (Entrevista concedida a Emílio Granzotto). p. 28. No original: “La science se substitue à la religion, et elle est autrement plus despotique, obtuse et obscurantiste. Il y a un dieu-atome, un dieu-espace, etc. Si la science gagne ou la religion, la psychanalyse est fini.”

REFERÊNCIAS

AGUIAR, A. A. **A psiquiatria no divã (Entre as ciências da vida e a medicalização da existência)**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.

ALEMÁN, J. Una izquierda lacaniana... In: **Para una izquierda lacaniana...** intervenciones y textos. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2010. p. 9-28.

ATLAN, H. Será que a ciência cria valores? In: PASTERNAK, G. P. **A ciência: Deus ou diabo?** Tradução de Edgard A. Carvalho e Mariza P. Bosco. São Paulo: Ed. Unesp, 2001.

BASTOS, L. A. M. Psicanálise baseada em evidências? **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 12, n. 2, p. 391-408, jul./dez. 2002.

BEHE, M. **A caixa preta de Darwin: o desafio da bioquímica à teoria da evolução**. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BENNETT, M. R.; HACKER, P. M. S. **Fundamentos filosóficos da neurociência**. Tradução de Rui Alberto Pacheco. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

BENTES, L. Toxicomanias antidepressivas. **Clique – Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano**, n. 1, p. 70-75, abr. 2002. (Palavras e Pílulas: a psicanálise na era dos medicamentos).

_____. Seja feliz! A comédia do discurso da ciência. **Latusa**, n. 13, p. 107-111, 2008. (O semblante e a comédia dos sexos).

BEZERRA JR., B. Naturalismo como anti-reducionismo: notas sobre cérebro, mente e subjetividade. **Cadernos IPUB**, v. VI, n. 18, p. 158-177, 2000.

CABAS, A. G. **O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

CABRAL, N. M. Lacan e o objeto *a*: uma articulação entre psicanálise e matemática. In: RINALDI, D.; JORGE, M. A. C. **Saber, verdade e gozo: leituras de o seminário, livro 17 de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Marca D'Água Liv Editora Ltda., 2002. p. 77-93.

CANGUILHEM, G. **Ideología y racionalidad en la historia de las ciencias de la vida:** nuevos estudios de historia y de filosofía de las ciencias. Tradução de Irene Agoff. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2005.

CASTIEL, L. D. **A medida do possível:** saúde, risco e tecnobiociências. Rio de Janeiro: Ed. Contracapa/Ed. Fiocruz, 1999.

CASTRO, J. E. Considerações sobre a escrita lacaniana dos discursos. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. XII, n. 2, jul./dez. 2009.

CHANGEUX, J-P. **Neuronal man: the biology of mind.** New Jersey: Princeton University Press, 1985.

CHEMAMA, R. Um sujeito para o objeto. In: GOLDENBERG, R. (Org.). **Goza!:** capitalismo, globalização e psicanálise. Salvador: Ágalma, 1997. p. 23-39.

CHENIAUX, E. Os sonhos: integrando as visões psicanalítica e neurocientífica. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 18, n. 2, maio/ago. 2006.

CLAVREUL, J. **A ordem médica:** poder e impotência do discurso médico. Tradução de Jorge G. Noujaim, Marco Antônio C. Jorge e Potiguara M. Silveira Jr. São Paulo: Editora Brasiliense, 1978.

COHEN, R. H.; MATTOS, C. P.; SANTIAGO, A. L. Os hiperativos da ciência. **Felicidade e Sintoma:** ensaios para uma psicanálise no século XXI – Escola Brasileira de Psicanálise, Rio de Janeiro, p. 111-120, 2008.

DARMON, M. Ensaio sobre a topologia lacaniana. Tradução de Eliana A. N. Valle. Porto Alegre: Artes Médica, 1984.

DAVID, M. O papel dos afectos no funcionamento do aparelho mental. **Vínculo – Revista do NESME**, v. 1, n. 5, p. 1-17, jun. 2008.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo.** Tradução de Estela S. Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto Editora Ltda., 2007.

ESTACOLCHIC, R. Corrupção. In: GOLDENBERG, R. (Org.). **Goza!:** capitalismo, globalização e psicanálise. Salvador: Ágalma, 1997. p. 61-70.

FERRARI, I. F. A psicanálise no mundo da ciência. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 8, n. 11, p. 82-91, jun. 2002.

FIGUEIREDO, L. C. M. **A invenção do psicológico**: quatro séculos de subjetivação (1500-1900). São Paulo: Escuta, 1992.

FREUD, S. **A interpretação das afasias**. Tradução de Antônio P. Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

_____. **Projeto para uma psicologia científica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1987a. 1v. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud).

_____. **Conferência XXXV**: a questão de uma *Weltanschauung*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago Ed. Ltda., 1987b. 22v. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud).

_____. **O inconsciente**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago Ed. Ltda., 1987c. 14v. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud).

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1987d. 7v. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud).

_____. **Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias orgânicas motoras e histéricas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago Ed. Ltda., 1987e. 1v. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud).

_____. **A hereditariedade e a etiologia das neuroses**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago Ed. Ltda., 1987f. 3v. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud).

_____. **Conferência I**: introdução. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago Ed. Ltda., 1987g. 15v. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud).

_____. **A interpretação dos sonhos**. Tradução de Walderedo I. Oliveira. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1999. (Edição Comemorativa 100 anos).

GÓES, C. **Psicanálise e capitalismo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

GOLDENBERG, R. Consumidores consumidos. In: GOLDENBERG, R. (Org.). **Goza!:** capitalismo, globalização e psicanálise. Salvador: Ágalma, 1997. p. 9-19.

GOULD, S. J. Nosso lugar natural. In: **A galinha e seus dentes e outras reflexões sobre a história natural**. Tradução de David Dana. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. **A falsa medida do homem**. 2. ed. Tradução de Valter L. Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GRANGER, G-G. Introdução. In: **Descartes**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 5-24. (Coleção 'Os Pensadores').

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

HEIDEGGER, M. Ciência e pensamento do sentido. In: **Ensaio e conferências**. Tradução de Emmanuel C. Leão, Gilvan Fogel e Marcia S. C. Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.

HORGAN, J. **A mente desconhecida**: por que a ciência não consegue replicar, medicar e explicar o cérebro humano. Tradução de Laura T. Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HUSSERL, E. **A filosofia como ciência de rigor**. 2. ed. Tradução de Albin Beau. Coimbra: Atlântida, 1965.

IANNINI, G. Psicanálise, ciência extima. **Revista Epistemo-Somática**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, jan./jul. 2007.

JERUSALINSKY, A. Gotinhas e comprimidos para crianças sem história. **Revista Textura**, ano 5, n. 5, 2005.

KANDEL, E. R. **Em busca da memória**: o nascimento de uma nova ciência da mente. Tradução de Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

KAPLAN-SOLMS, K.; SOLMS, M. **O que é a neuro-psicanálise**: a real e difícil articulação entre a neurociência e a psicanálise. Tradução de Eliana N. Vale. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

_____. **Estudos clínicos em neuro-psicanálise**: introdução a uma neuropsicologia profunda. São Paulo: Ed. Lemos, 2005.

KOYRÉ, A. **Estudos de história do pensamento científico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

_____. **Do mundo fechado ao universo infinito**. Tradução de Donaldson M. Garschagen. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução de Beatriz V. Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1990.

KURZ, R. O homem reduzido. **Folha de São Paulo**, 3 out. 1999.

LACAN, J. **Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade**. Tradução de Aluísio Menezes, Marco Antônio C. Jorge e Potiguara M. S. Jr. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

_____. **O seminário**: o avesso da psicanálise. Tradução de Ary Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992. (Livro 17).

_____. **Televisão**. Tradução de Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

_____. **O seminário**: o saber do psicanalista (1971-1972). Tradução de Ana Izabel Corrêa, Letícia P. Fonseca e Nanette Zmery Frej. Recife: [s.n.], 1997. (Publicação não comercial, exclusiva para os membros do Centro de Estudos Freudianos de Recife).

_____. **O seminário**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. 2. ed. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998a. (Livro 11).

_____. A ciência e a verdade. In: **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998b. p. 869-892.

_____. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998c. p. 496-533.

_____. **O seminário**: as formações do inconsciente. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. (Livro 5).

_____. **O seminário**: as psicoses. Tradução de Aluísio Meneses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002. (Livro 3).

_____. Radiofonia. In: **Outros escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Versão final de Angelina Harari e Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003a. p. 403-447.

_____. Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos escritos. In: **Outros escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003b. p. 553-556.

_____. La psychanalyse: nouveaux enjeux, nouvelles pratique. **Magazine Littéraire**, n. 428, p. 28, fev. 2004, p. 28. (Entrevista concedida a Emílio Granzotto).

_____. Meu ensino, sua natureza e seus fins. In: **Meu ensino**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006a. p. 67-100.

_____. Lugar, origem e fim do meu ensino. In: **Meu ensino**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006b. p. 11-65.

_____. **O seminário**: de um Outro ao outro. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. (Livro 16).

LA SAGNA, P. Ciência e nome-do-pai (scilicet dos nomes do pai). **Opção Lacaniana**, n. 50, p. 85-87, dez. 2007.

LAURENT, E. A sociedade do sintoma. In: **A sociedade do sintoma**: a psicanálise, hoje. Tradução de Vera A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa Liv. Ltda., 2007a. p. 163-178.

_____. O analista cidadão. In: **A sociedade do sintoma**: a psicanálise, hoje. Tradução de Vera A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa Liv. Ltda., 2007b. p. 141-150.

_____. As máscaras da felicidade. **Felicidade e sintoma**: ensaios para uma psicanálise no século XXI – Escola Brasileira de Psicanálise, Rio de Janeiro, p. 31-46, 2008.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 2003.

LEBRUN, J-P. **Um mundo sem limite**: ensaio para uma clínica psicanalítica do social. Tradução de Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

LEITE, M. P. S. **Matéria de que são feitos os sonhos**. Disponível em: <http://www.ebp.org.br/biblioteca/pdf_biblioteca/Marcio_Peter_Materia_de_que_sao_feitos_os_sonhos.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2010.

MARTINHO, J. Psicanálise e pós-modernismo. In: **Ditos: conferências psicanalíticas**. Lisboa: Fim de Século Edições Ltda., 1999a. p. 99-103.

_____. O real. In: **Ditos: conferências psicanalíticas**. Lisboa: Fim de Século Edições Ltda., 1999b. p. 105-110.

_____. Acreditar ou não na psicanálise. In: **Ditos: conferências psicanalíticas**. Lisboa: Fim de Século Edições Ltda., 1999c. p. 13-17.

_____. Prevenção. In: **Ditos: conferências psicanalíticas**. Lisboa: Fim de Século Edições Ltda., 1999d. p. 43-46.

_____. Actualidade de Lacan. **Afreudite – Revista Lusófona de Psicanálise Pura e Aplicada**, Lisboa, ano V, n. 9/10, 2009.

MILLER, J-A. Uma fantasia. **Opção Lacaniana**. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, n. 42, p. 7-18, fev. 2005.

_____. **Los signos del goce**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

_____. Como alguém se torna psicanalista na orla do século XXI. **Opção Lacaniana**. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, n. 55, p. 15-22, nov. 2009a.

_____. O inconsciente e o sinthoma. **Opção Lacaniana**. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, n. 55, p. 35-43, nov. 2009b.

_____. São os acasos que nos fazem ir a torto e a direito. **Opção Lacaniana**. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, n. 55, p. 23-33, nov. 2009c.

MILLER, J-A.; MILNER, J-C. **Você quer mesmo ser avaliado?** Entrevistas sobre uma máquina de impostura. Tradução de Vera L. Besset. Barueri: Manole, 2006.

MILNER, J. C. **A obra clara**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

MONTEIRO, C. P.; QUEIROZ, E. F. A clínica psicanalítica das psicoses em instituições de saúde mental. **Psicologia Clínica**, v. 18, n. 1, p. 109-121, 2006.

NOGUEIRA FILHO, D. M. O inato e o adquirido. In: Encontro Latino Americano dos Estados Gerais da Psicanálise, 4., 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Estados Gerais, 2005. Disponível em: <http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Durval_Mazzei.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2009.

OGILVIE, B. **Lacan**: a formação do conceito de sujeito. 2. ed. Tradução de Dulce D. Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

OLIVEIRA, C. O chiste, a mais-valia e o mais-de-gozar ou o capitalismo como uma piada. **Revista Estudos Lacanianos**, ano I, n. 1, jan./jul. 2008.

OLIVIERI, F. A aletosfera, lugar de objetos agalmáticos. In: RINALDI, D.; JORGE, M. A. C. **Saber, verdade e gozo**: leituras de o seminário, livro 17 de Jacques Lacan. Rio de Janeiro: Marca D'Água Liv Editora Ltda., 2002. p. 71-76.

PEREIRINHA, J. F. D. **A problemática do sujeito à luz da teoria de Jacques Lacan**. 2009. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras e Ciências Humanas, Universidade do Minho, Braga, 2009. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/9754>>. Acesso em: 20 mar. 2009.

PIVETTA, M. Cobertura parcial. **Revista Pesquisa Fapesp**, edição 177, p. 36-37, nov. 2010.

PRACONTAL, M. **A impostura científica em dez lições**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

RATEY, J.; JOHNSON, C. **Síndromes silenciosas**: como reconhecer as disfunções psicológicas ocultas que alteram o curso de nossas vidas. Tradução de Heliete Vaistman. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1997.

RODRIGUES, J. T. A medicação como única resposta: uma miragem do contemporâneo. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. 1, p. 13-22, 2003.

ROUDINESCO, E. Entrevista. **Jornal O Globo**, 12 fev. 2000. “Prosa & Verso.

SAFATLE, V. **Lacan**. São Paulo: Publifolha, 2007.

SILVA JR., N. A sublimação na contemporaneidade: o imperialismo da imagem e os novos destinos pulsionais. In: FUKS, L. B.; FERRAZ, F. C. (Orgs.). **Desafios para a psicanálise contemporânea**. São Paulo: Editora Escuta Ltda., 2003.

SIMANKE, R. T. A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 221-235, abr./jun. 2009.

SOLMS, M. Freud está de volta. **Scientific American Brasil**, São Paulo, v. 3, n. 25, p. 50-56, 2004.

SOLMS, M.; NERSESSIAN, E. Freud's theory of affect: questions for neuroscience. **International Journal of Neuro-Psychoanalysis**, London, v. 1, n. 1, p. 11-12, 1999.

SOUÉIX, A. O discurso do capitalista. In: GOLDENBERG, R. (Org.). **Goza!:** capitalismo, globalização e psicanálise. Salvador: Ágalma, 1997. p. 40-50.

SOUSSUMI, Y. O que é Neuro-psicanálise. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 56, n. 4, out./dez. 2004.

_____. Afetos, sobrevivência e desenvolvimento na neuropsicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 39, n. 3, p. 129-134, 2005.

SOUZA, A. **Os discursos na psicanálise**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2003.

TEIXEIRA, M. A. **A violência no discurso capitalista:** uma leitura psicanalítica. 2007. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) – Faculdade de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

TEIXEIRA, M. R. O espectador inocente. In: GOLDENBERG, R. (Org.). **Goza!:** capitalismo, globalização e psicanálise. Salvador: Ágalma, 1997. p. 71-91.

_____. Uma ética do objeto: algumas consequências do discurso científico. In: **Vicissitudes do objeto**. Salvador: Ágalma Psicanálise Editora, 2005a. p. 234-320.

_____. Objeto do desejo, objeto do gozo, objeto de consumo. In: **Vicissitudes do objeto**. Salvador: Ágalma Psicanálise Editora Ltda., 2005b. p. 149-179.

_____. Lei simbólica, lei civil e relativismo pós-moderno. In: **Vicissitudes do objeto**. Salvador: Ágalma Psicanálise Editora Ltda., 2005c. p. 211-222.

_____. Alcance e limites da prática analítica no início do século. In: **Vicissitudes do objeto**. Salvador: Ágalma Psicanálise Editora, 2005d. p. 223-233.

VIDAL, F. Sujet Cérébral. In: ANDRIEU, B. (Org.). **Dictionnaire du corps**. Paris: Eds. Du CNRS, 2005.

VIDIGAL, L. H. **Ensaio sobre os discursos de Lacan**. Belo Horizonte: Editora Tahl, 1992.

VINCIGUERRA, R-P. Marx não sem Lacan. **Revista Latusa**, n. 13, p. 95-106, 2008. (O semblante e a comédia dos sexos).

WAN-HO, M. A morte do determinismo. **Jornal Folha de São Paulo**, 25 mar. 2001. Caderno MAIS!

WINOGRAD, M. Matéria pensante: a fertilidade do encontro entre psicanálise e neurociência. **Arquivos brasileiros de psicologia**, v. 56, n. 1, 2004.